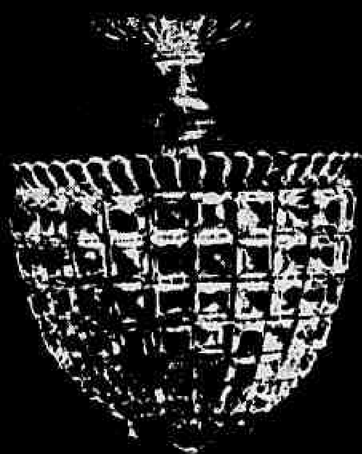
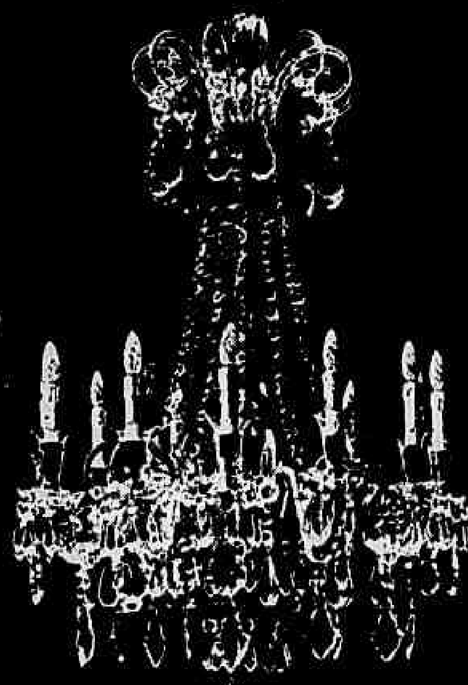

REVIST
N.º 3 ★

A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

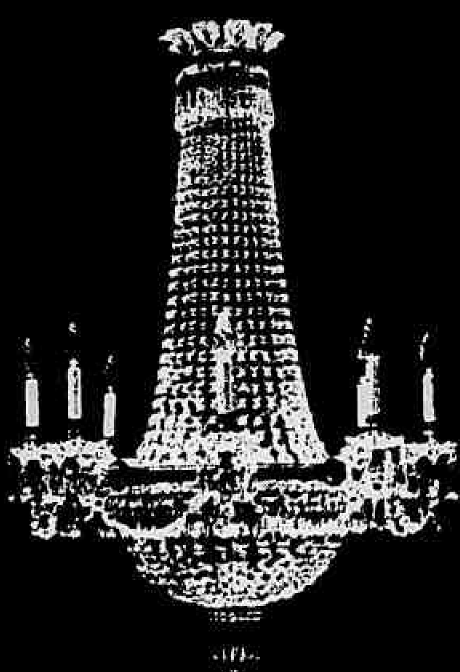
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



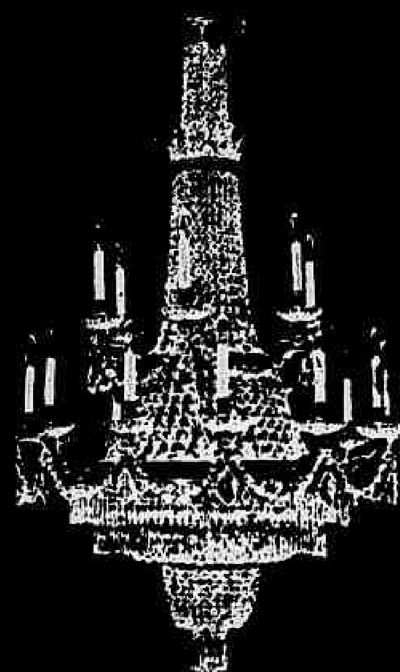




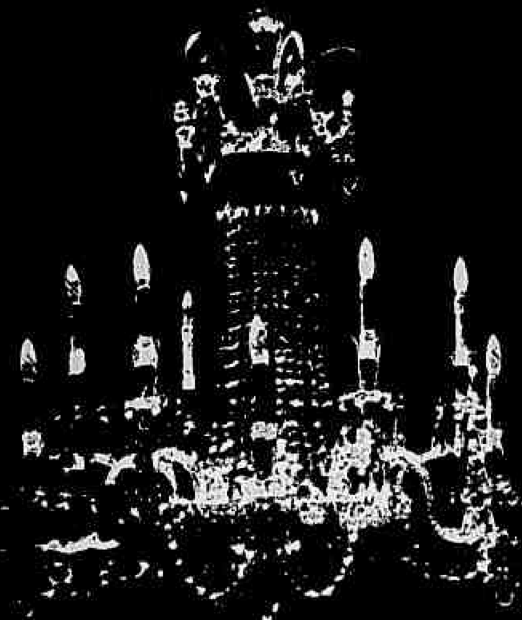
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.

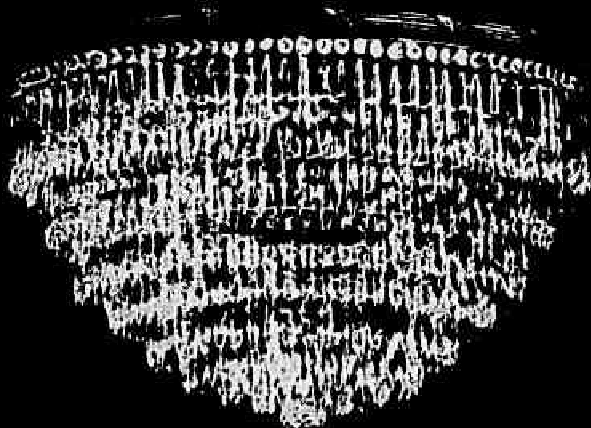


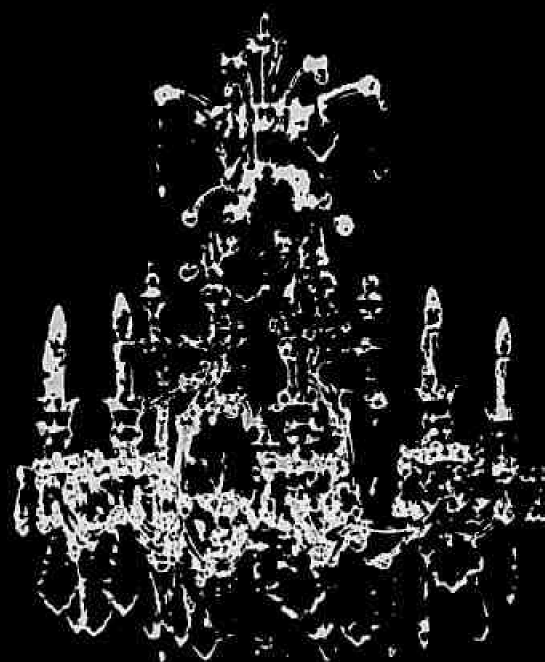




ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES
MASUET

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

IO SAPS DOS ESTUDANTES

BANQUETE DAS CLASSES ARMADAS



ɩidente da República ao proferir o seu discurso que tanta repercussão alcançou no país e no estrangeiro.

RGA REPERCUSSÃO A PEÇA ORATÓRIA DO PRESIDENTE DA REPÚ- ★ O DISCURSO DO MINISTRO DA GUERRA ★ FLAGRANTES DÊSSE TECIMENTO DE GRANDE RELEVÂNCIA NACIONAL NO INÍCIO DO ANO

ITOS dias depois de se ter levado a efeito, no Restaurante do SAPS, para
ps estudantes, o tradicional banquete oferecido pelas Classes Armadas
o, Marinha e Aeronáutica) ao Presidente da República, sua repercussão
da intensa. O banquete teve a presença de todos os oficiais-generais das
nas, com exceção dos generais Juarez Távora, Canrobert Pereira da Costa
rigadeiro Eduardo Gomes. No transcurso dessa reunião, fizeram-se ouvir
adores: primeiro o general Estillac Leal, Ministro da Guerra, e em seguida
etúlio Vargas, Presidente da República. Foram estas as primeiras palavras
istro da Guerra:

ensejo da realização desta já tradicional reunião, coube ao ministro da
, por lhe ser a vez, usar da palavra para saudar V. Excia., Sr. Presidente
ública, que aqui se encontra como comandante supremo, que é, em franco
çamento com as Fôrças Armadas do país, sôbre cujos ombros repousa
nsabilidade constitucional da defesa do Brasil no exterior e manutenção da
no interior".

scurso do general Estillac Leal estendeu-se por múltiplas considerações,
mprensa diária largamente comentou, finalizando nestes têrmos:

E finalizando minhas palavras em nome das Fôrças Armadas, formulo os
rdentes votos pela continuidade da nossa união, porque, em se mantendo,
cumprido com o nosso dever e muito poderemos produzir pela grandeza
il, objetivo pelo qual todos nos batemos e que constitui, em si mesmo, o
de tôda nossa existência, devotada inteiramente aos misteres de caserna
o que as Fôrças Armadas não são o fiel da política externa, não são as
nadoras dos conflitos, mas apenas os seus agentes executivos. Ao poder

(Cont. na pág. 7)



Fala o General Estillac Leal, Ministro da Guerra.

O BANQUETE DAS CLASSES ARMADAS

O Marechal Mascarenhas de Morais troca impressões com o general Ciro Espírito Santo Cardoso, chefe da Casa Militar da Presidência da República

Em palestra os generais Goes Monteiro e Estillac Leal, num intervalo do banquete. O Ministro da Guerra fala com o cigarro ainda apagado nos lábios.

Um flagrante da cabeceira da mesa quando usava da palavra o Ministro da Guerra, vendo-se à sua direita, o presidente Getúlio Vargas, o almirante Guillobel, Ministro da Marinha e o sr. Lourival Fontes, chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Outro detalhe do banquete, ao qual compareceram quinhentas e oitenta e sete pessoas — oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

AS

Mascare-
s troca
o gene-
to Santo
da Casa
esidência
ica



s generais
o e estiv
intervalo
O Minis
fala com
da apaga
ábios.



O BANQUETE DAS CLASSES ARMADAS



Depois do banquete, formaram-se grupos em palestra cordial, enquanto os repórteres procuravam colher impressões pessoais dos discursos. Nesse flagra... o Presidente Getúlio Vargas mantém animada palestra com o General Sayão Cardoso.



A esquerda do Ministro da Guerra, sentava-se o General Ciro Espírito Santo Cardoso.



Outro flagrante do banquete das classes armadas em q... também se vê o general Zenóbio da Costa.

...tico da naçã...
sôbre os gra...
guerra, das
e tratados.
erais e brig...
aqui prese...
es do balua...
mar, em terra
m numa final...
— defesa da
— ergamos
essoa do ex...
presidente
te supremo
s primeiras
Vargas, prof...
de palmas, f...
Senhores of...
oficiais das
presença, n...
ão das clas...
mplesmente
r, mas trad...
unhão de p...
à lembran...
período d...
os aqui est...
lico da noss...
sa dos su...
ria."
Depois de r...
nto das fôr...
problemas
rinha e à F...
Estas e ou...
alizar as ne...
técnico-pro...
das, mante...
erem cump...
promissos
em, servir
antias de s...
ra trabalha...
s ataques e
essa a gra...
es militares.
sempre o n...
manter a o...
as instituiçõe...
dos, que só
dificadas, d...
la própria C...
pósito firm...
s reafirmo
as aleivos...
inveterado...
tranquilida...
Sôbre o pa...
o Chefe do

...stantâneo
...do o ban...
...nte Getúl...
...reita o M...
...mi...

Altas-pate...
veram

...tico da nação é que incumbe resol-
... sôbre os graves problemas da paz,
... guerra, das alianças, das conven-
... e tratados. Exmos. srs. almirantes,
...erais e brigadeiros, e demais ofi-
... aqui presentes, ilustres represen-
...es do baluarte da defesa nacional
...mar, em terra e no ar e que se inte-
...m numa finalidade grandiosa e úni-
... — defesa da intangibilidade do Bra-
... — ergamos nossas taças saudando
...essoa do exmo. sr. dr. Getúlio Var-
..., presidente da República e coman-
...te supremo das Fôrças Armadas".

...s primeiras palavras do sr. Getú-
... Vargas, proferidas sob calorosa sal-
... de palmas, foram as seguintes:

...Senhores oficiais-generais. Senho-
... oficiais das Fôrças Armadas: a mi-
... presença, neste ato de confraterni-
...ão das classes militares do país, não
...implesmente uma formalidade proto-
...r, mas traduz uma íntima e real
...unhão de propósitos e ideais, que
... à lembrança ocasiões similares do
...o período do meu govêrno, em que
...os aqui estivemos, num testemunho
...lico da nossa mútua colaboração na
...sa dos supremos interêsses da
...ria."

...Depois de referir-se ao reaparelha-
...nto das fôrças militares do país,
... problemas básicos, ao Exército, à
...rinha e à Fôrça Aérea, disse S. Ex.:

..."Estas e outras iniciativas poderão
...alizar as necessidades e a prepara-
... técnico-profissional das classes ar-
...das, mantendo-as em condições de
...derem cumprir os seus mais altos
...mpromissos com a Pátria. Manter a
...dem, servir ao país, dando-lhes as
...rantias de segurança e tranqüilidade
...ra trabalhar e produzir; defendê-lo
... ataques e da cobiça do estrangeiro
... — essa a grande missão das institui-
...ões militares. Com elas há de colabo-
... sempre o meu govêrno, no interêsse
... manter a organização legal do país
... as instituições juridicamente estabele-
...das, que só podem e só devem ser
...odificadas, dentro das normas fixadas
...la própria Constituição. Êste é o meu
...opósito firme e inabalável, que ora
... reafirmo e que paira soberano sô-
... as aleivosias e intrigas dos boatei-
... inveterados e tradicionais inimigos
... tranqüilidade pública."

...Sôbre o panorama internacional, dis-
... o Chefe da Nação:

(Cont. na pág. 50)

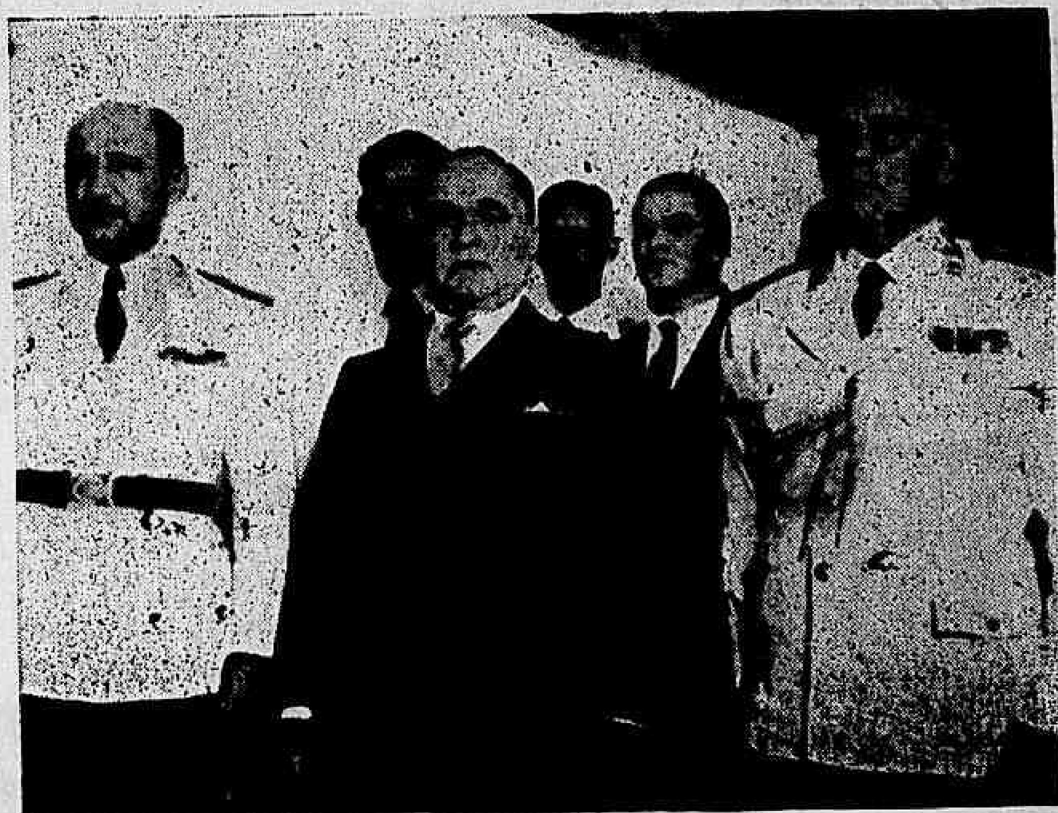


...stantâneo obtido quando ia ser ini-
...do o banquete, vendo-se o presi-
...nte Getúlio Vargas, tendo à sua
...reita o Ministro da Marinha, Al-
mirante Guillobel.





Altas-patentes do Exército, da Armada e da Aeronáutica estiveram presentes, inclusive o general Mendes de Morais.

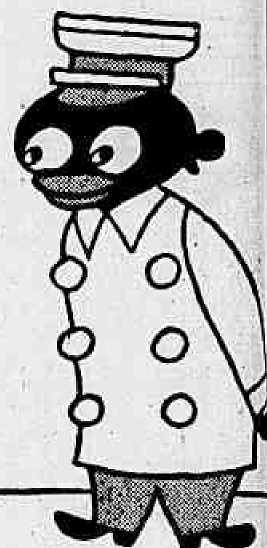


O Presidente da República ladeado pelos generais Ciro do Espírito Santo Cardoso e Segadas Viana, vendo-se no fundo o sr. Roberto Alves, secretário particular do Presidente.

MARIA CANDELARIA

(A "DIFERENÇA" DO BARNABÉ)





Marcha de KLECIUS CALDAS e

ARMANDO CAVALCANTI

Maria Candelária
E' alta funcionária,
Desceu de pára-quedas,
Caiu na letra "O", "O", "O"!

Começa ao meio dia,
Coitada da Maria,
Trabalha, trabalha de fazer dó, ó, ó...

À uma vai ao dentista,
Às duas vai ao café,
Às três vai a modista,
Às quatro assina o ponto e dá no pé...

Que grande vigarista que ela é!





CONSELHOS PARA 52

AMIGO, se não estás ainda reduzido a torresmo; se no cérebro dez vêzes frito está intacta uma célula da preciosa bossa da atenção; se de todo não renunciaste a pensar, sentir e querer; se da fresca benignidade de melhores dias te ficaram algumas gôtas dessa preciosa seiva que às plantas dá fôlhas, ramadas, flores e fruto: ouve o que te digo e toma nota dos conselhos de um pobre cronista que nada te pede por êles, nem ao menos que os sigas.

Foi-se o ano velho, ano de arrelias e misérias que não deixa saudades, o que aliás sucede a quantos se sucedem em copiosa e nefasta dinastia. Entramos no ano novo e como o garôto é tal qual o retrato do pai, prudente será que, deixando-te de ilusões, vás adotando um pouco de filosofia prática.

Não procures, em primeiro lugar, distingüir-te por qualquer superioridade mental na administração ou na política. Continua sendo profundamente vulgar para não teres inimigos.

Busca, por um esfôrço de adaptação para o qual encontrarás pelas ruas excelentes figurinos, anular pouco a pouco a própria individualidade, fazendo-a gravitar na órbita do astro que mais luz e calor em tôrno de si espalhar. Luz e calor são, na espécie, eufemismos fàcilmente compreensíveis: seria como se dissèssemos empregos e concessões. Sejam a subserviência e a adulação as tuas virtudes primaciais, a moeda corrente das tuas transações. Porque são as únicas cordas sensíveis do nosso teclado sentimental.

Nas manipulações e manigancias em prol da fartura nunca te preocupes com as questões morais nem delas inquiras: a carne é fraca e o clima quente; ninguém diga "desta água não beberei"; "mete dinheiro na bôlsa". Lê Shakespeare e recita todos os dias, à guisa de oração dominical, alguns versículos do breviário de Yago: "Na mesa, Falstaff; no amor, D. Juan. Redução completa da existência a um materialismo romântico. A dissimulação por princípio, o engrossamento por meio, a cevadeira por fim. A ninguém fazendo sombra e a todos adulando acabarás por conquistar a investidura de *tertius gaudet* em todos os conflitos de paixões ou de inteligências. Gato morto, na aparência; gato gordo, na essência, ronronando farto e feliz em regaços nédios, em tapêtes caros, em *bureaux-ministre* de embutidos de bronze e nácar.



SHAKESPEARE

Ao Deus Milhão poderás sacrificar, sem corar, as pieguices que os teus maiores te transmitiram com o leite ou o ensino. O ouro tudo lava, conserta e embeleza. Ninguém lhe resiste ao faiscar diabólico. Entontece, embriaga; tôdas as imperfeições esconde ou esbate na alacre vibração da sua poeira luminosa; e o seu tinir, quando em cachoeira se despenha, abafa os gritos de dor ou as imprecações de cólera.

Não descures a leitura atenta e conscienciosa dos numerosos artigos do código do egoísmo. Sê o seu grande intérprete, o seu jurisconsulto, o seu comentador abalizado; e se seguindo à riscas êstes preceitos não enfiares a humanidade pelo fundo de uma agulha é porque nela para o Mal tiveste habilidade e nesse caso, só me resta aconselhar-te a que mudes de planêta.

J. B.

Sumário

REPORTAGENS

O Banquete das Classes Armadas 3/7
Assim se ganha... Assim se perde (Levy Kleiman) 12/15
Campeão do mundo que se torna cantor .. 27/31
Uma ponte sôbre o Rio Tejo 32/33

LITERATURA

Conselhos para 52 (J. B.) 9
Fé e Amor (João B. de Britto) 26
A Senhora Neigeon (Emile Zola) 34/35
O Carrasco (Ching Lin) 39
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas 20
Puxe pelo cérebro 50
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Um verdadeiro amor 38

HUMORISMO

Maria Candelária (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 21

FEMININAS

Passeio (Ramon) 36/37
"Maillots"- Modernos 40/41
Sobriedade e Elegância 42/43
Week-End na Cozinha 45

CINEMA

Pernas Provocantes (Cine-Novela) 46/47
Fora da Tela 56/57

CURIOSIDADES

De oceano a oceano (Bruce Hutchinson) .. 16/19

FOTOS

Newton Vianna — José Santos — Nódgi — Keystone — Arquivo — Avulsas.

ILUSTRAÇÕES

Zaluar — Gil — Rafael — Ramon.

NA CAPA:

Dawn Addams

(Foto M.G.M.)

A Semana

Não mate o seu marido



HÁ, com êsse nome, uma co... aí pelas "boites" do Rio, na... mente inspiradas na epidemia de m... res que estão mandando para o ... tério os seus queridos maridinhos. ... pelo que parece, o argumento teatral ... influiu muito no ânimo das cara... tades, tanto assim que, em Niterói, ... dessas impacientes senhoras lançou ... de um revólver e matou o marido. ... sabemos se já recorreu aos nossos gr... criminalistas para defendê-la peran... Tribunal do Júri Popular; mas sab... que muitas candidatas à matança... maridos lhe deram a mais pura ... Como vemos, continua muito ben... guida a teoria feminina do direi... punir com a pena capital os maridos ... não mais são o "Príncipe Encant... ou o pobre diabo que sua pelos co... para manter a casa em ordem e a ... sinha bem vestida. O número de c... de morte no Rio e adjacências é cada vez mais elevado. Por quê? ... os estudiosos dêsses episódios sociais (ou anti-sociais...) que um dos ... mulos mais vivos é o das reportagens mirabolantes, com fotografias em ... poses da assassina (ou dos assassinos), tudo acompanhado de análise... roativas, narrando a vida pregressa dos heróis e heroínas, como se estive... os jornalistas a narrar dramas de capa-e-espada lá dos tempos de nosso... avós. Acham outros que a causa dessa carnificina está na facilidade ... que se bota para fora das cadeias os mais hediondos delinqüentes. Seja ... fôr, é necessário que os nossos dirigentes e sociólogos descubram um m... de deter a marcha dos revólveres e das machadinhas...

Cancelado o Partido



O Brasil apresenta certos paradoxos em sua vida político-social que deixa a gente de bôca aberta. Dentre os mais curiosos fatos da semana última, um houve que despertou a atenção de quantos se interessam pelo nosso movimento partidário. Foi cancelado o registro do Partido Ruralista Brasileiro. Como todos os nossos leitores se recordam, o PRB é uma agremiação (era, naturalmente...) que tinha por base a educação do homem rural, defender-lhe a vida e os interêsses de classe. O homem rural vive abandonado, — argumentavam os criadores do PRB — e, com o propósito louvável de ajudar os camponeses e todos os que vivem da agricultura e da pecuária, dito Partido se lançou nas campanhas políticas com o mais decidido vigor. Mas, infelizmente, o PRB não conseguiu firmar-se na consciência do povo e, nas últimas eleições ficou imprensado pelo que estipula o art. 148 do Código Eleitoral, uma vez que não conse... eleger um só representante para o Congresso Nacional, ou obter cinqüenta ... votos na última eleição geral de 3 de outubro de 1950. O caso foi a julgam... no Tribunal Superior Eleitoral e os juízes, acompanhando o voto do S... Frederico Sussekind, determinaram o cancelamento do Partido Ruralista Br... sileiro, nos têrmos da Lei Eleitoral em Vigor. O episódio dá o que pens... Se somos um país essencialmente agrícola; se há por todo o interior do Bra... os mais urgentes problemas campesinos como se admitir que um Parti... dessa natureza não tenha conseguido despertar adesões e proselitismo? É e... tranho, o que acaba de acontecer com a agremiação do Sr. Rolim Teles ... até lamentável.

Homem, não!



O desenvolvimento de nosso intercâ... bio aéreo com os mais distan... países do mundo determinou inova... na maneira de inspecionar passage... lá no Aeroporto do Galeão. Os gran... "Constelations" trazem sempre senh... para o nosso país, muitas delas de ... gresso ao lar carioca e outras como ... ristas. Mas a Alfândega não pode co... sentir que as passageiras tomem ... carros em demanda da cidade sem ... primeiramente, sejam inspecionadas, ... sòmente nas bagagens, como em ... próprias vestes. Ora, o Serviço de Fis... calização da Alfândega só dispõe, ... agora, de elementos masculinos para p... ceder a tais investigações, o que ... pode deixar de causar vexames às pas... sageiras de origem internacional, e ... próprios funcionários fiscalizadores. Em face dêsse inconveniente, o Inspetor Ge... da Alfândega teve a idéia louvável de abrir concurso para admissão de senhoritas para tal serviço lá no Galeão. As inscrições estão abertas e o interêsse despertado entre as moças é sensível, já havendo muitas que pediram registro para submeter-se às devidas provas. Segundo divulgou o Sr. Correia da Costa, Inspetor Geral da Alfândega, ... provas de habilitação não são muito exageradas de maneira que uma gin... siana, de gôsto e cultura normal, poderá ser classificada. Usará unifo... da Alfândega e o salário é compensador. Uma particularidade que deve se... explicada às pretendentes: devem ter boa aparência, boa educação, boa ins... trução e serão preferidas as que falem idiomas estrangeiros. Assim, vamos ... ter no Galeão as Inspetoras Femininas da Alfândega do Rio, para examina... as mulheres. Homem, não!

Em Revista

Os ossos de Fawcett

ESSE episódio do famoso explorador britânico cel. Percy Fawcett esta saindo como aquêle do encontro da coroa de Cristo ou o Santo Graal. E' verdade? Não é? Os ossos são do oficial inglês? Não são? Reportagens ruidosas já foram realizadas, sob a responsabilidade de excelentes confrades de nossa imprensa diária; Edmar Morel chegou a escrever um livro, após a publicação de reportagem minuciosa, atestando que o coronel Fawcett morreu mesmo sob as mãos dos índios Capalalos nas selvas de Mato Grosso. Depois, foram encontrar os ossos do inglês, que teria sido morto por um chefe indígena daquela região selvagem, sob a justificativa de que o aventureiro estava instigando índios contra índios. Seus ossos foram entregues ao exame da "Royal Anthropological Society", de Londres, a fim de ficar definitivamente assentado se se trata mesmo dos restos do cel. Fawcett, ou se os ossos são de outra pessoa. Segundo dizem telegramas da capital inglêsa, a ossada não pode ser dêle, uma vez que suas características antropométricas não combinam com as dimensões dos ossos examinados pelos identificadores daquela sociedade científica. Agora, chega ao Rio o Sr. Brian Fawcett, filho do desaparecido. Vem em companhia de sua espôsa e está disposto a penetrar em nossas selvas do oeste para esclarecer, de uma vez, o caso de seu pai. Vai o casal percorrer a região do Xingu, para o que contará com a cooperação de nosso Serviço de Proteção aos Índios. Já era tempo, em verdade, de esclarecer-se o doloroso desfecho daquela expedição. Fazemos votos para que o filho do malogrado inglês obtenha pleno êxito em sua tentativa.



Felizes entradas, Ceará!

TELEGRAMAS de Fortaleza para jornais desta capital, do dia 3 de janeiro, trazem a auspiciosa notícia de que continua a chover abundantemente no interior daquele Estado. Dizem os sertanejos que "chuva de janeiro, tarda mas não falta". A gente percebe logo que o "tarda" aparece com a função de rimar com "falta". Não rima, mas o sertanejo, muitas vêzes, deixa de pronunciar "falta" e diz "farta", aproximando os fonemas e dando a idéia de rima. Seja como fôr, já é uma esperança o adágio popular. Muitas vêzes a chuva é vasqueira, e não aparece para rimar ou fazer raiva. E as sêcas se sucedem anos a fio, matando gente e destruindo bichos de tôda casta. O Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, são os Estados mais atingidos pela estiagem. Pois agora os telegramas de lá nos dizem que a chuva é abundante, e que o inverno se mostra promissor. Inverno, no nordeste, não é tempo frio, com geadas e neve. E' tempo de chuva, de quedas de torós imensos, capazes de encher os rios mais secos de nossa terra. Em face das chuvaradas, a Secretaria da Agricultura do Ceará já iniciou a distribuição de sementes de algodão "mocó", de milho, feijão e arroz a agricultores pobres, de maneira que não se percam os melhores dias para o plantio, por falta de sementes. Mas não se esqueçam os poderes públicos, especialmente os federais, de providenciar sôbre a conclusão das barragens em execução no Ceará e noutros Estados nordestinos, sem o que as chuvas não poderão prestar todo o seu benefício. Não basta chover; é preciso armazenar êsse imenso capital fluídico por meio de barragens para a irrigação.

O Aero-porto Santos Dumont

POSSUI o Rio o mais cômodo aeroporto do mundo. Chegam os passageiros em aviões de várias procedências e descem a dois passos da própria Av. Rio Branco, com linhas de bondes e de ônibus diante dos olhos. O aeroporto "Santos Dumont" na capital federal é qualquer coisa de extraordinário em matéria de estação aeroviária para comodidade do público. Faz pouco tempo que se falou em retirar todos os aviões de carreiras nacionais que descem no citado aeroporto, para transferi-los lá para a ilha do Governador, no aeroporto do Galeão, onde descem os grandes aviões internacionais. Em tal hipótese, ficaria o "Santos Dumont" apenas destinado à FAB. Felizmente, essa idéia não logrou êxito e morreu em seu nascedouro. Nada mais antipático e prejudicial ao público do que forçar os passageiros a irem tomar seus Douglas e Curtiss-Comand no Galeão. Imagine-se o que não seria de atropelos, cêrca de duas mil pessoas a correr, diàriamente, de pontos distantes, como Leblon, Ipanema, Tijuca, etc., para chegar na horinha exata de tomar seus aviões na Ilha do Governador! Muita gente teria que pernoitar no aeroporto ou em suas imediações, pois nem todo mundo dispõe de carro próprio, com chofer, para conseguir condução fácil. Que a tentativa não conseguiu ir avante é prova a visita que acaba de fazer ao aeroporto "Santos Dumont", o Sr. Prefeito, em companhia do Ministro Nero Moura. Dessa visita ficou decidido aumentar-se a capacidade das pistas do "Santos Dumont", em mais de 275 metros, de maneira que seu movimento seja aumentado de acôrdo com o desenvolvimento do mais útil aeroporto do mundo.



A PERSONAGEM DA SEMANA

EM qualquer sistema de govêrno, o chefe da Nação é sempre a figura em evidência. E esta situação se acentua, quando o regime político em vigor é o presidencial, em que o Presidente da República, embora sujeito às críticas e restrições que a própria vida democrática enseja, guarda o direito do veto e outras prerrogativas que que a última palavra nas deliberações do Poder Público. Entre nós êsse fortalecimento do Executivo tem sido uma constante, por assim dizer, de todos os tempos. De resto, ainda perduram, aqui, as "leis de guerra", em virtude das quais o Chefe do Govêrno, através de ministros e outros elementos de sua escolha pessoal, retém o domínio direto ou indireto das atividades públicas e privadas. Assim, a voz do Presidente é realmente a expressão de quem tem o poder de agir. Na semana a que êste comentário se refere foi o Sr. Getúlio Vargas, novamente, — como de certo o será em muitas outras — a personagem evidente. Porque no tradicional almôço que as classes armadas ofereceram a S. Excia., no limiar do Ano Novo, coube ao Chefe da Nação pronunciar uma oração da mais grave responsabilidade, o que fêz em têrmos serenos, porém positivos e claros, e que recebeu os aplausos dos presentes e da maioria da imprensa diária do país. Realmente era mister uma diretriz, uma palavra mais alta. E esta veio de onde podia vir: do Chefe Supremo das Fôrças Armadas, em face do problema da ordem pública, que deve ser encarado, não só nos têrmos da vigência constitucional, como também em face dos compromissos assinados pelo Brasil. A fala presidencial repercutiu no ambiente nacional e há de ter sido ouvida com atenção pelo mundo que, de fato, está descobrindo agora estas plagas.



Sr. Getúlio Vargas



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

NOS VESTIÁRIOS DA DOR E DA ALEGRIA

ASSIM SE GANHA... ASSIM SE PERDE!



OS DRAMÁTICOS MINUTOS FINA[IS] DO CHOQUE BANGU x FLUMINENS[E] ★ JOEL PERDE A ÚLTIMA CHANCE ★ NOS SUBTERRÂNEOS DOS CONTRAS[TES] HUMANOS ★ UM VERMELH[O] BEM PRÊTO, O HERÓI DA FAÇANH[A] ★ UM CHUTE ERRADO DÁ A VITÓ[RIA] AO ESQUADRÃO DO BANGU

Reportagem de LEVY KLEIMAN

Ilustrações fotográficas de:
JOSÉ SANTOS (Vitória)
NÓDGI (Derrota)

O estádio repleto vivia os últimos minutos de uma intensa emoção. Uma partida decidia um campeonato, o de 1951, que finalizava nos primeiros dias de 1952. A vitória ou empate serviriam para que o Fluminense ganhasse o título, ao passo que a vitória daria ao Bangu a possibilidade de disputar com o seu antagonista o cetro em uma série "melhor-de-três". Vencia o Bangu de 1x1 "goal" que o jogador Vermelho marcara no segundo tempo, concluindo uma excelente jogada do excepcional Zizinho. A torcida tricolor respirava com dificuldade, ia-se a última esperança de coroar uma campanha de 19 jogos com a conquista de mais

(Cont. na pág. ...)



O CHÔRO É LIVRE. Orlando acerca-se do juiz-bandeirinha Tijolo e chora as suas mágoas, a perda de um título de campeão que poderia ser obtido com apenas um empate. Agora só no melhor de três!

O VESTIÁRIO da legria os banguenes cantam, contenes, debaixo do chueiro, a canção do riunfo: Mirim, Alaie, Rui, Zizinho, Djalma e Mendonça.



O ABRAÇO DA VITÓRIA — O comandante da equipe banguense abraça Moacir Bueno, um dos que mais trabalharam pelo triunfo.



A DOR DA DERROTA está estampada no rosto de Didi; suor, lágrimas e desespêro de perder em 90 minutos um trabalho de 19 jogos.



IRMAOS SILVEIRA, patronos do Bangu cumprimentam o autor da grande façanha, o meia Vermelho, autor do goal da vitória, num passe de Zi



REVISTA DA SEMANA cumprimenta, na pessoa do autor desta reportagem, o técnico da vitória, Ondino Viera.



SATISFAÇÃO E CANSAÇO estão estampados no rosto dos vencedores Rafanelli, Osvaldo e Moacir Bueno.

ASSIM SE GANHA... ASSIM SE PERDE



ALEGRIA, MUITA ALEGRIA! O patrono do Bangu, Guilherme da Silveira, e o presidente do clube, abraçam o técnico.



NINGUÉM MAIS SOFREU com a derrota do que o diretor de futebol do Flu- minense, Benício Ferreira Filho.

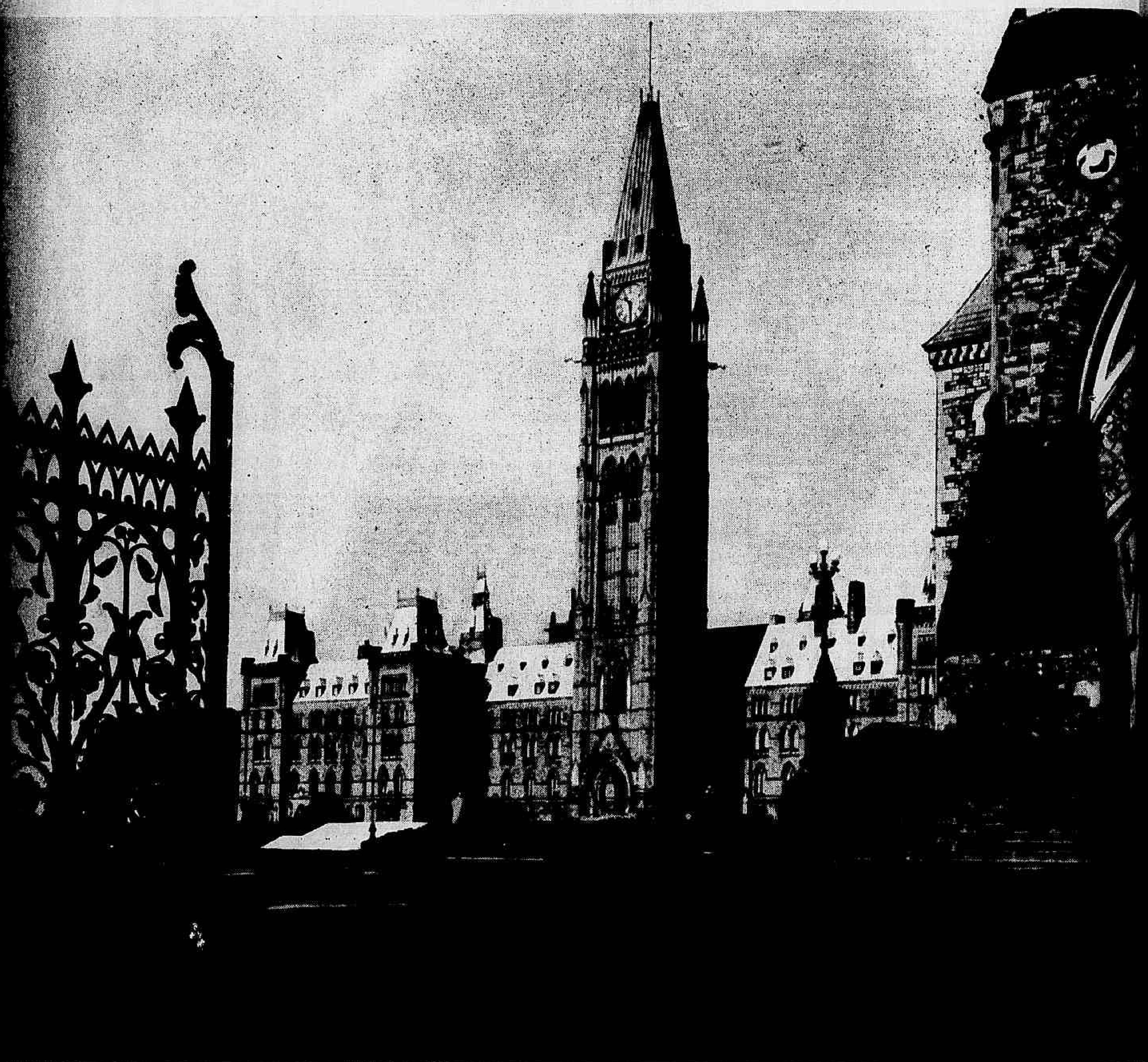
SOFRIMENTO E DESESPÊRO, tôda expressão da derrota mínima que impossibilitou Carlyle e Orlando de serem campeões no jôgo final do campeonato de 19



DE OCEANO A OCEANO

Extrato de "The Unknown Country", de BRUCE HUTCHINSON, autorizado pelo autor.

O CANADÁ



Aspecto do Edifício do Parlamento Nacional do Canadá — Ottawa, Ontário, em formoso contraste com a imensidade dos prados, as florestas negras e os robustos rochedos do mar, fustigados pelos ventos.

NINGUÉM conhece o meu país — nem o estrangeiro, nem os seus próprios filhos. O meu país é como um adolescente prestes a atingir a idade adulta. Não se encontrou a si próprio, não sentiu ainda a sua fôrça, nem conheceu o seu verdadeiro lugar. E' um misto de fôrça e fraqueza, desespêro e alegria, confusões selvagens e esforços incansáveis de jovem que já venceu a meninece, sem, contudo, ser ainda homem.

Disseram que somos um problema para a América. O mesmo seria considerar problema um cavalo puro sangue ainda novo, só por não estar suficientemente treinado e completamente desenvolvido. Dizem que somos nação atrasada ao lado do nosso grande vizinho — isto, apesar de produzido mais subjugado mais, que quaisquer outros catorze milhões no mundo.. Acharam que somos apenas colônia, se bem que nos hajamos insurgido e tenhamos lutado e derramado nosso sangue pelo direito de um govêrno próprio, integrando-nos finalmente em uma Comunidade de nações iguais. Chamaram-nos raça tímida só porque lenta foi a nossa evolução e porque não dominamos tôdas as realizações nem todos os vícios de nossos vizinhos.

Os que assim falam, não conhecem o Canadá. Quem, a não ser nós mesmos, poderá sentir os nossos as nossas esperanças e as nossas paixões? Como estranhos ou mesmo irmãos pelo coração, conhecer nossas dúvidas íntimas, as nossas fôrças e fraquezas cretas, os nossos sentimentos recônditos, as nossas e as nossas vergonhas?

Quem poderia conhecer a nossa solidão, na imensidão dos prados, na floresta negra ou no rochedo do mar, tigado pelos ventos? Umas poucas luzes, um pálido lho, eis a nossa maior cidade na imensidão da noite em volta, as trevas, o vazio, o silêncio onde não

ÊSSE DESCONHECIDO



Paisagem típica das províncias dos Prados. Horizontes intérminos de planura, louros trigais curvando-se ao sabor da brisa e rebanhos de gado bovino cruzando plácidos ribeiros rumo às fazendas distantes.

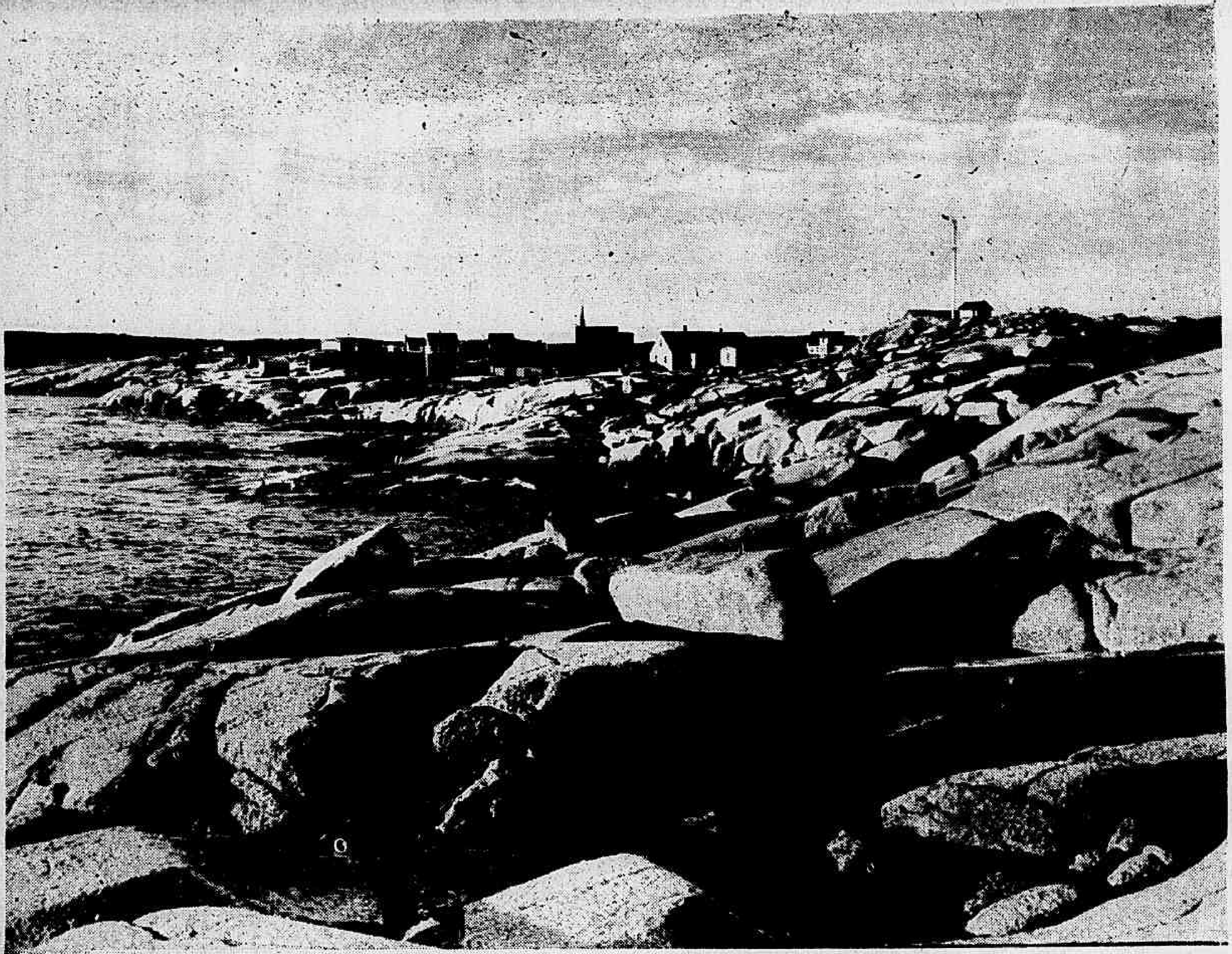
viv'alma. Fugimos para pequenas cidades em busca de um momento de camaradagem, luz e entendimento, demandamos aos povoados ou cabanas de madeira, procurando refúgio contra as trevas, a solidão e o silêncio que nos envólvem. Em tôrno de nós, o Canadá, intacto, desconhecido, intangível; dentro das trevas, ouvimos-lhe a respiração e temos mêdo.

Não, não nos poderiam conhecer os estrangeiros, já que nos não conhecemos a nós próprios.

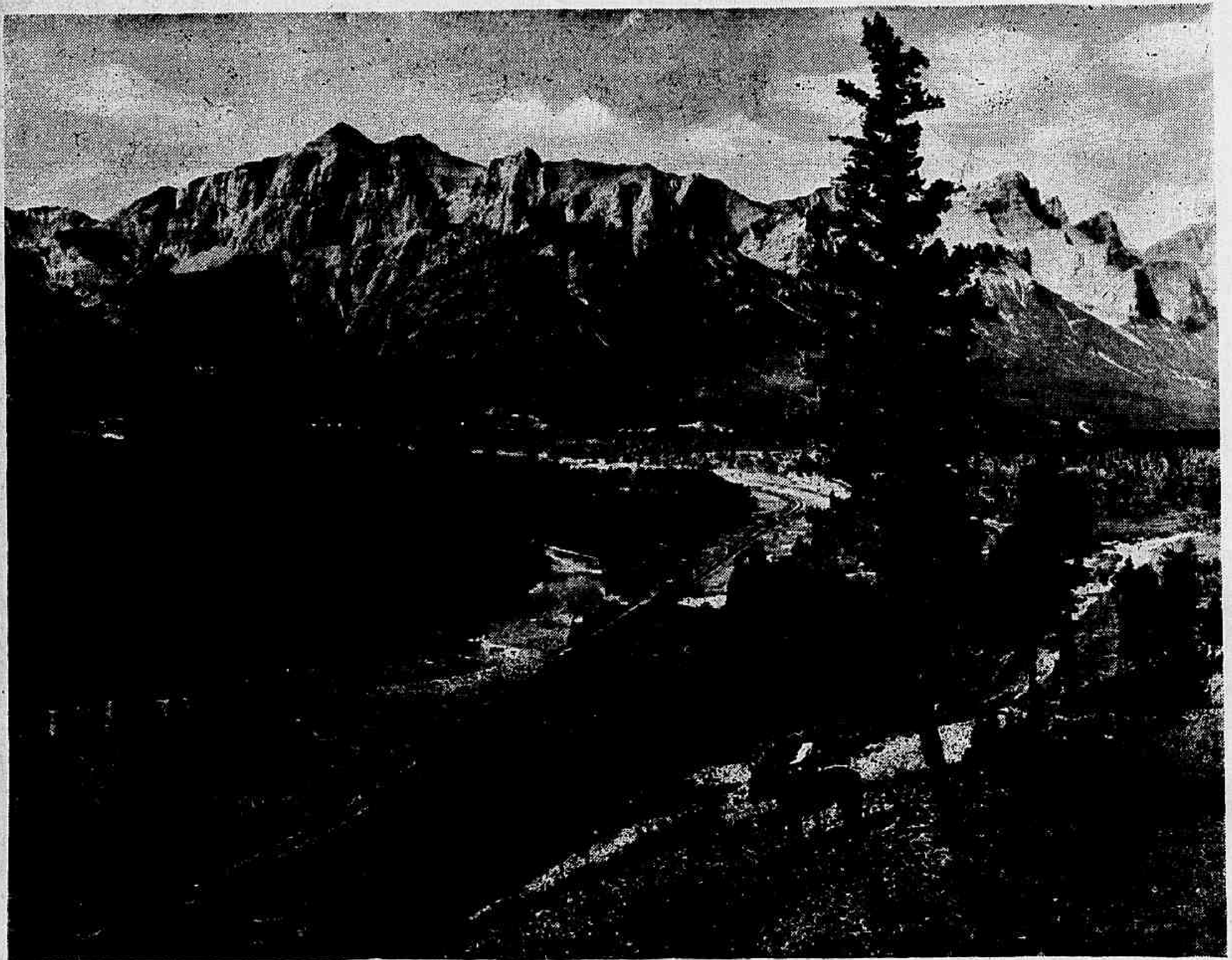
Durante muito tempo fomos um amálgama, constituido de ossos rijos e músculos sólidos, de dois sangues — o francês e o inglês — que se conciliaram lentamente num só corpo. Eramos qual adolescente vivendo ao abrigo de seus dois irmãos mais velhos, admirando-lhes a fôrça e o valor. Observávamos a pompa da Inglaterra e a energia avassaladora da América; não aprendemos nossa história altiva, nem experimentamos nossa fôrça. Mas deixamos de ser criança. Chegou a nossa oportunidade, a qual, se não agarrada, será perdida para todo o sempre.

Devemos agora escolher o caminho a seguir. Chegou o momento da própria substância de que é feito o Canadá tomar forma, cristalizar-se, positivar-se num objetivo. Nenhum povo tão pouco numeroso como o nosso ocupou jamais posição como a que conquistamos nos anais da história, pôsto que pertencemos a dois mundos — o Velho e o Novo, — temos um pé em cada um dêles; conhecemos a Inglaterra e a América, às quais estamos unidos por laços de sangue, lutas e entendimento. Somos o único liame entre êsses dois mundos, e de nós depende muito mais do que sabemos.

Surpreendente e extremamente suave é o nosso nome. Canadá! A palavra em si é como um grito infantil na Primavera como o bater de asas de gansos bravos alçando

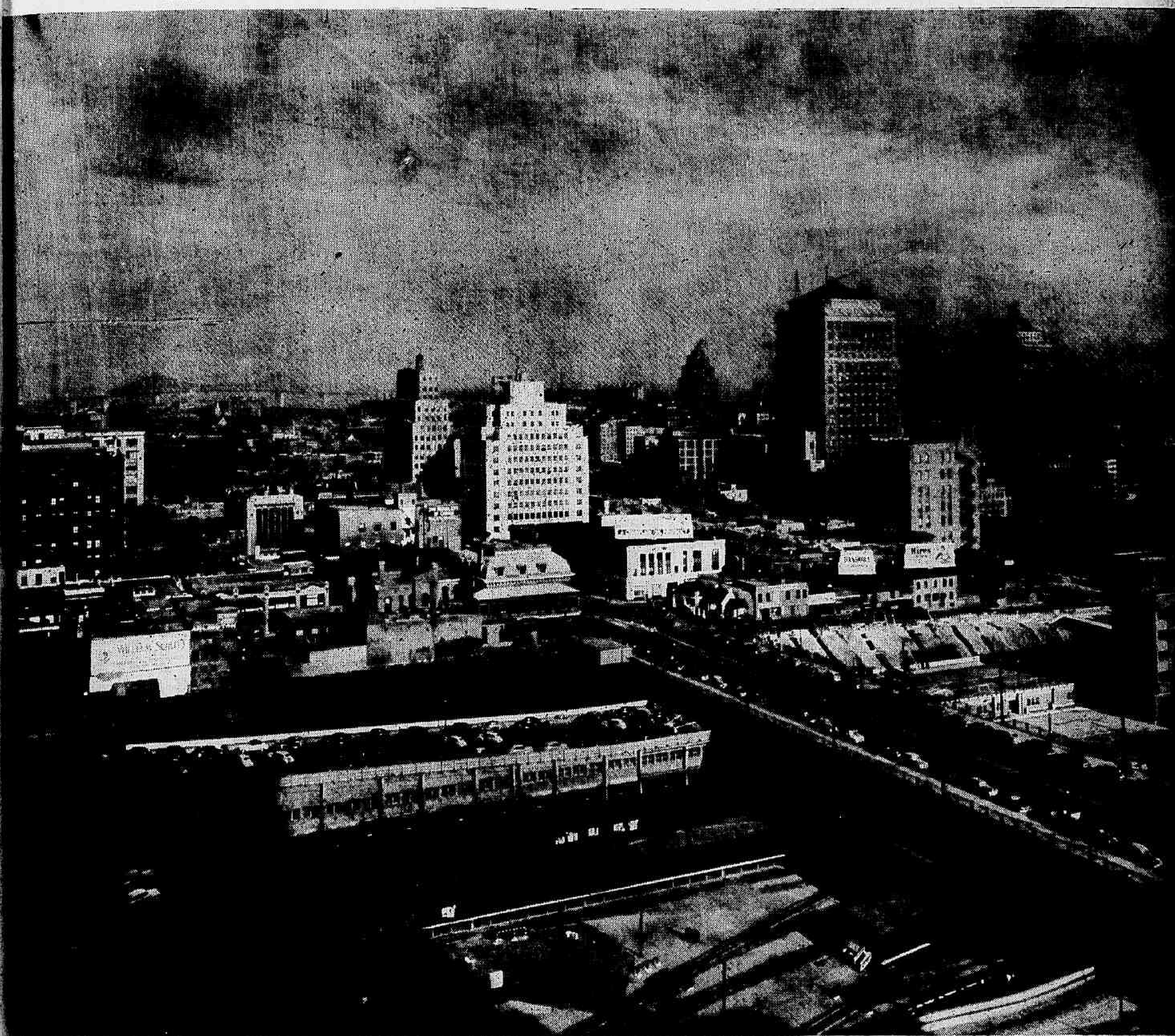


Humilde
rejo de
cadores
os roc
da Nov
cócia,
cos qu
tros d
lític



Na enco
suave d
monte ro
co, o ca
ro quer
para adm
o cenário
passagem
trem tr
continen

O CANADÁ, ÊSSE DESCONHECIDO



Esta é Montreal, nascida Mont-Royal, cidade bilingue com mais de um milhão de habitantes, a maior do Canadá. Está situada ao sul da Província de Quebec e apresenta um aspecto de grande metrópole norte-americana.

vôo para o norte, o entrondear de rios que degream, o murmúrio de meigas brisas.

E não será possível ouvir os sons do Canadá? Não poderemos ouví-los no sussuro das fôlhas doiradas dos álamos no Outono, no repentino salto da truta quebrando a quietude do lago silencioso, na música dos serrotes da floresta espêssa, nos sinos dos campanários ao longo do rio, no silvo das locomotivas penetrando nas estreitas gargantas das montanhas, na melodia dos canais de irrigação nas cálidas noites de verão, no bater das espigas da loura messe agitada pelo vento, e no ruído característico de trenós de aço deslizando sôbre a neve?

Não sentimos a formação, a própria vida do Canadá? Não a sentimos no solo húmido e macio da floresta, na carícia da verdura que nos toca o rosto, nos respingos da baía de Fundy ou Juan de Fuca, no sol quente dos prados, no fustigo das borrascas de neve e na violência das ondas de calor?

E as côres do Canadá, também as podemos ver. Vemo-las na neve dos prados, na luz do sol e nas sombras que inundam os trigais, nos pomares de macieiras e nos bosques de bordos, vermelhos como sangue, nos sumagres sangrentos à beira da estrada, nas brancas velas das escunas de Lunenbehg e na crista azul e enrugada das montanhas.

E sentimos o odor do Canadá, puro e viril, nas florestas de pinheiros e nas fogueiras dos colonos, nos lagos alcalinos e no colmo do outono, na serragem fresca e no musgo que cobre pedras venerandas.

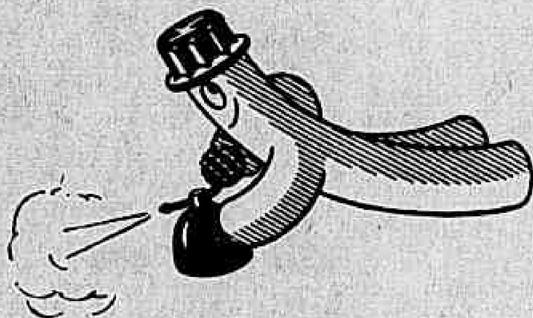
Sim, mas ainda não o agarramos, a substância de tudo isso, ainda não a agarramos em nossas mãos, ainda não lhe estudamos as dimensões nem a forma. Ainda não lhe sentimos o pulsar do coração, a flexão dos músculos, a conformação do cérebro. Pois somos jovens, meus irmãos, cheios de dúvidas, e durante longo tempo demos ouvidos a homens tímidos. Mas chegou finalmente a nossa grande oportunidade, e estamos prontos e de pé!

Refrescante!

Kolynos perfuma o hálito



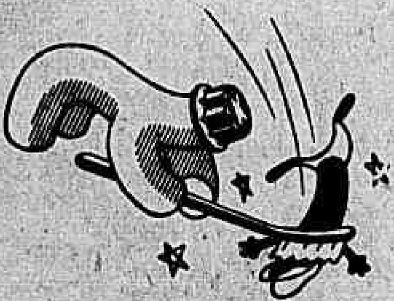
O creme dental Kolynos refresca a bôca, perfumando o hálito. A espuma fragrante e abundante de Kolynos neutraliza os ácidos bucais, assegurando uma limpeza perfeita e deixando na bôca, por muito tempo, uma incomparável sensação de saúde e bem-estar.



além disso...

kolynos combate as cáries

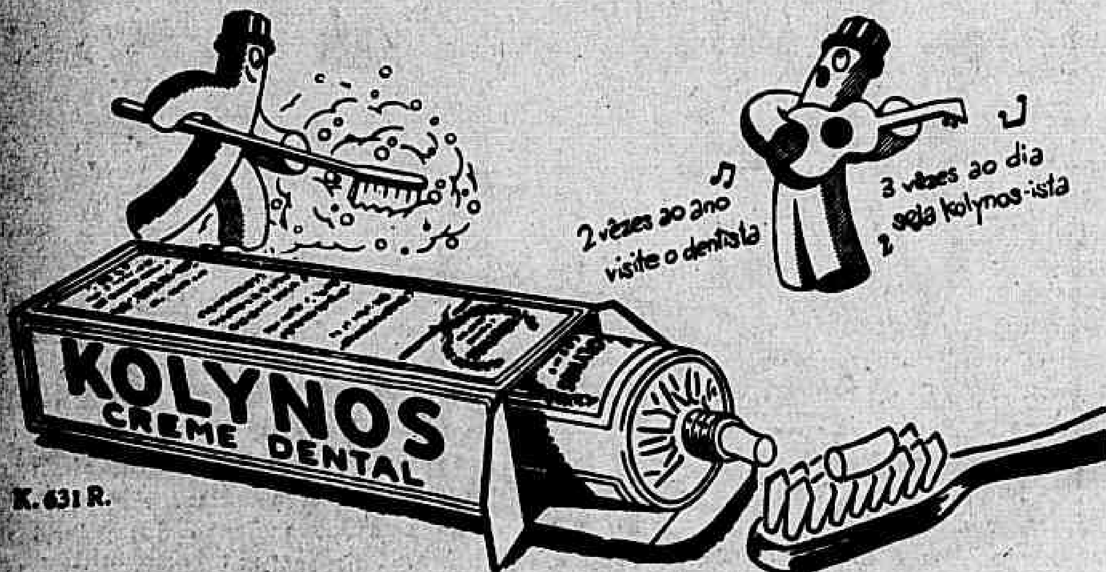
Experiências científicas provaram que Kolynos destrói cerca de 92 % das bactérias que formam os ácidos causadores das dolorósas cáries.



também...

kolynos rende muito mais

Kolynos é o creme dental favorito da família, porque rende muito mais. Basta um centímetro na escôva sêca para se obter uma espuma abundante, eficaz e refrescante.

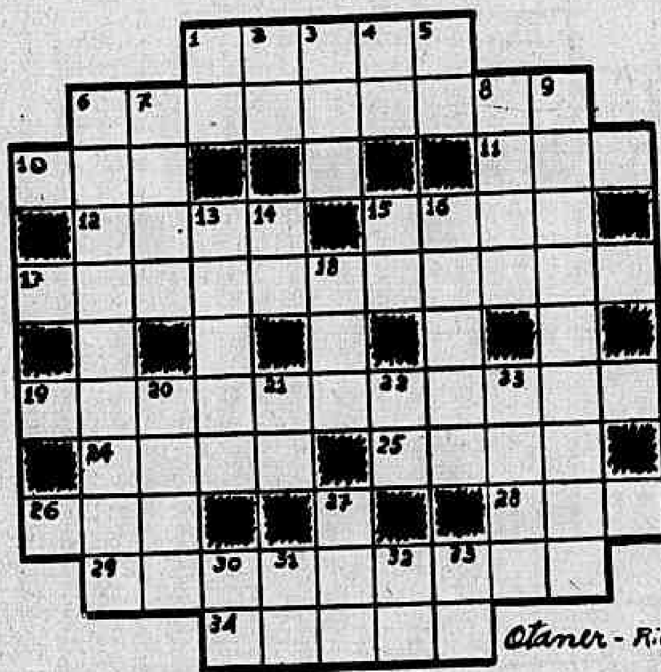


K.631 R.

Kolynos satisfaz as exigências de todos!

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N: 88 para Veteranos

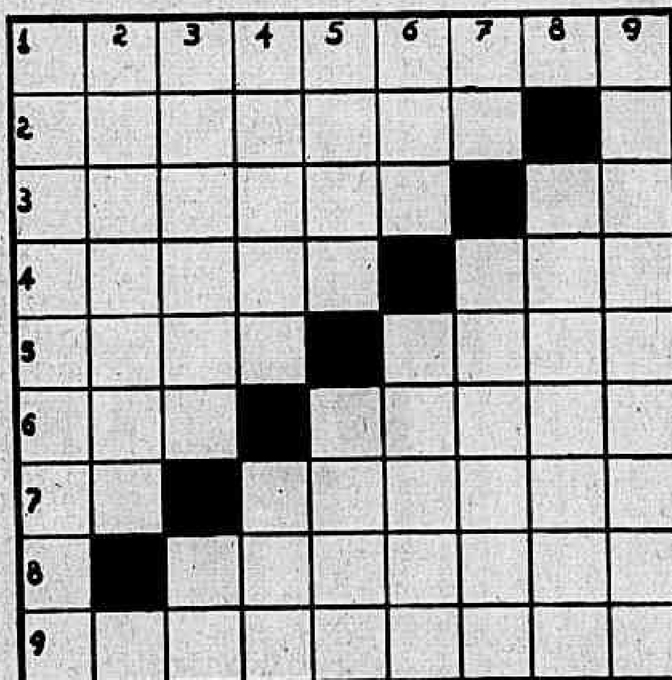


HORIZONTAIS: — 1. Agacha-se — 6. Retratação — 10. Um certo número — 11. (Thomas) Musicista alemão (1738-1766) — 12. Indígenas de Pernambuco — 15. O melhor — 17. Meditara — 19. Adversário — 24. Festividade em Goa — 25. Espécie de doce, na Índia portuguêsa — 26. Divindade alegórica, filha de Zeus e Temis — 28. Cidade da Alemanha, na Renânia — 29. A parte íntima do coração — 34. Planta de tubérculos farináceos e comestíveis.

VERTICAIS: — 1. Sufixo que designa coleção, qualidade — 2. Bebida chinesa — 3. Cabo dos Estados Unidos, no Estado de Massachusetts — 4. Coisa sem valor — 5. Prefixo que traz a idéia de proximidade — 6. Economias — 7. Sentimento — 8. Variedade de palmeira — 9. Diminuido de preço — 13. Praia — 14. 46º caráter sanscrito — 16. Patente — 16. Bronco — 18. Antigo pêso da China — 20. Imposto — 21. Medida japonêsa de capacidade — 22. Símbolo do metal que tem o pêso atômico de 22,997 — 23. Matei-me com trabalhar — 27. Água sagrada com que se batizam as crianças no mazdeismo — 30. Manifesto — 31. Uma das 4 sílabas de que se serviam os gregos para solfejar — 32. Momento — 33. 8ª letra do alfabeto árabe.

★

Problema N: 88 para Novatos



HORIZONTAIS e VERTICAIS: — 1. Dá movimento a — 2. Forma leve de teatro musicado — 3. O mesmo que beribá. Preposição — 4. Inflamação da membrana íris. Liga — 5. De pouco pêso. Ter fé — 6. Pedra. Remara para trás — 7. 11ª letra do alfabeto árabe. Espécie de abelha meliponídea — 8. Mistura com éter — Indígenas do rio Machadinho.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 87 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Amapola — Amarar — La — Árido — Ira — Acis — Une — An — Nilson — Ab — Aí — Sé — Lar — Au — Ram — Mas — Marés — Rã — La — Al — Cab — Sé — Atas — Ris — Ladeiras.

VERTICAIS: — Ma — Ama — Para — Oricas — Ladinos — Aros — Ali — Aru — Ann — Eia! — Sal — Lia — Ness — Bar — Ram — Ume — Mal — Asa — Arcal — Ras — Aatá — Lyss — Bad — Err — Se — Ia.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Mútua — Monarca — ódio — Es — Rés — Ris — Al — Meti — Ramagem — Rares.

VERTICAIS: — Modelar — Unis — Tão — Ur — Aceites — Morar — Assim — Rego — Mar — Ma.

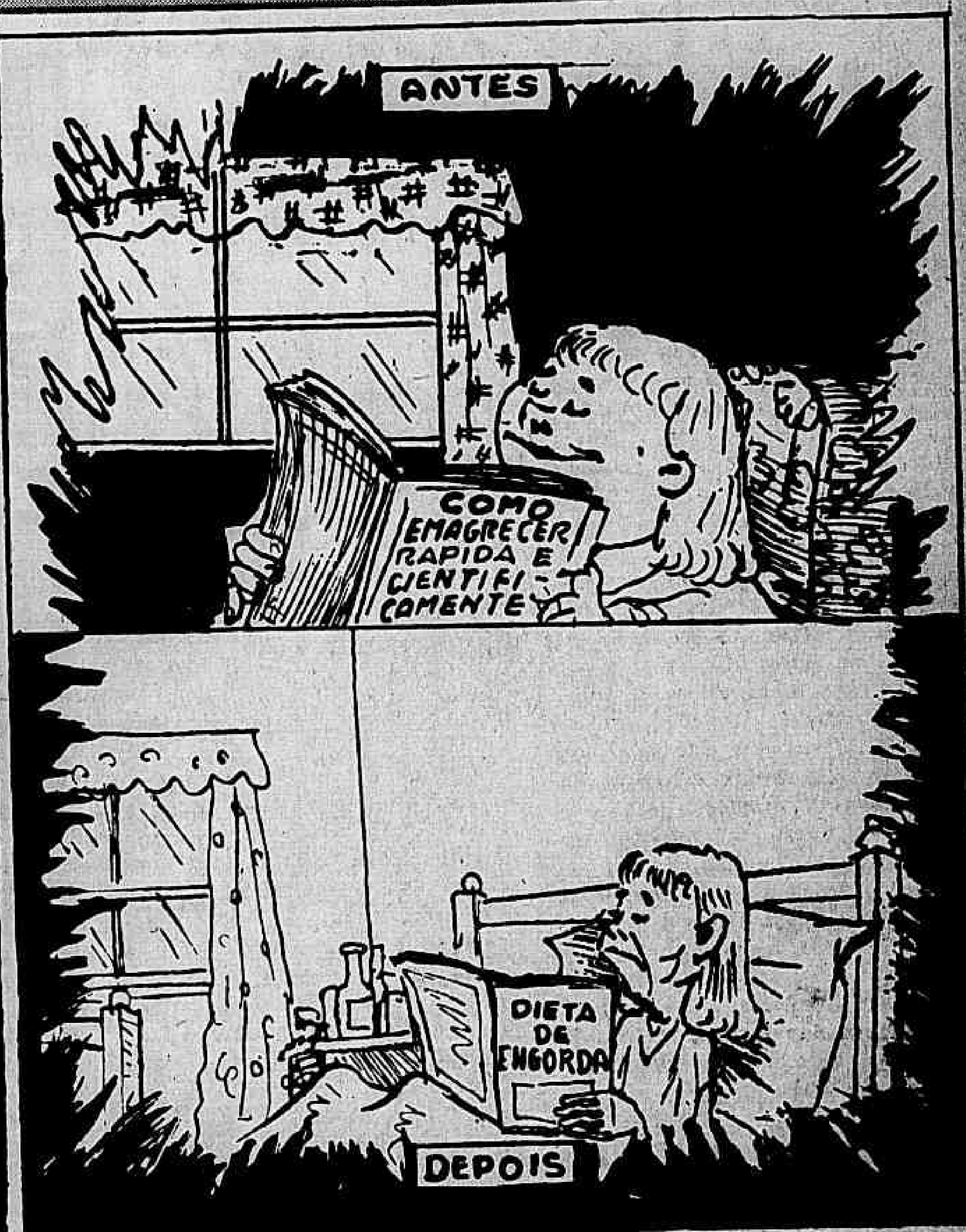
Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

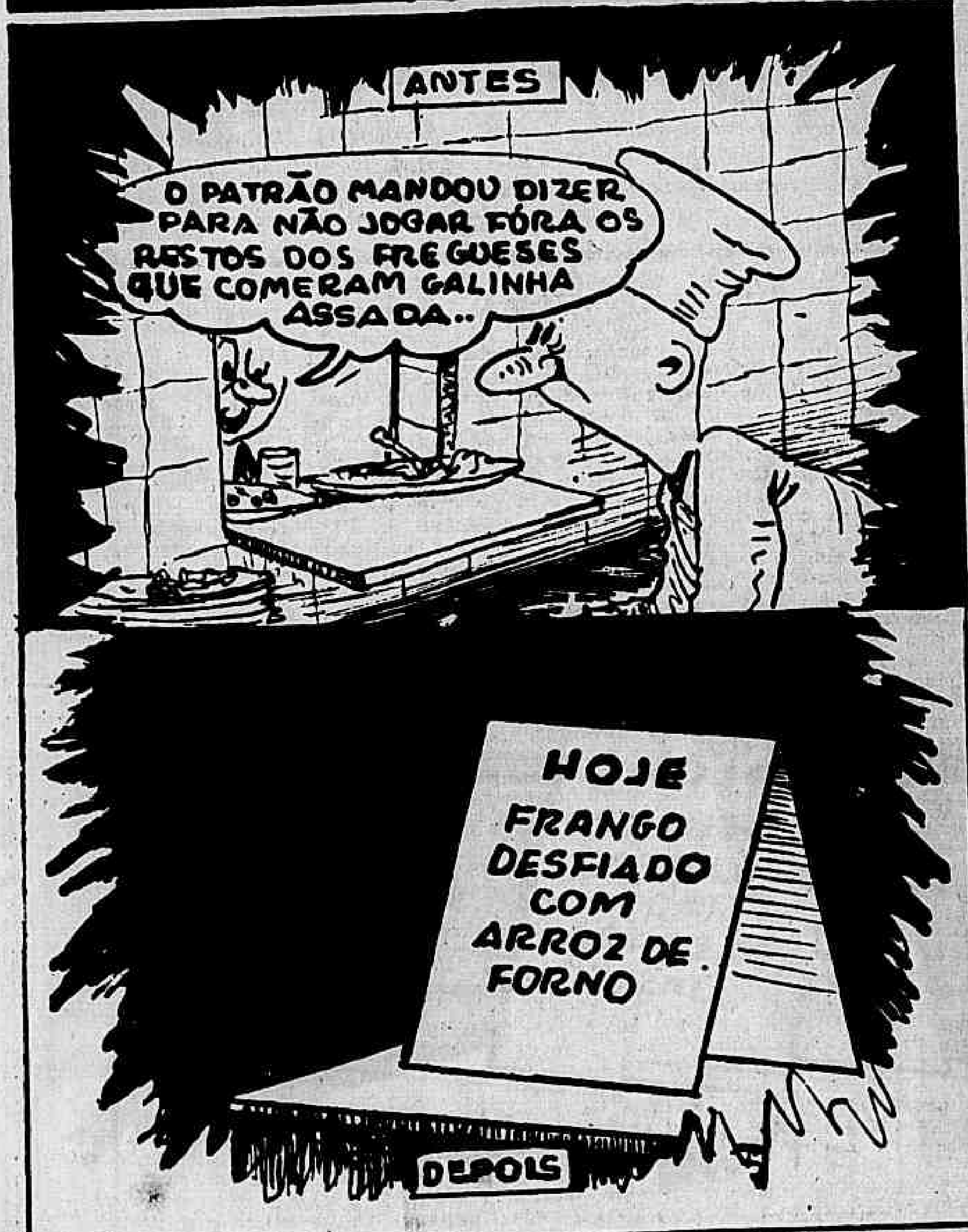
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

ANTES, DEPOIS...
(I) Dois atos na comedia sem fim da vida...









"Mas, quando chega o trem da tarde, lá não está a mãe de Kathy. Não chegara, conforme o combinado, nem tampouco naquela noite. Sem pensar que estivesse cometendo alguma incorreção moral, pedi, para Kathy, um quarto no hotel para aonde iria sua mãe, se viesse, e, deixando-a hospedada ali, retornar ao meio dos meus colegas. Sucedeu, porém, que êstes, em virtude das folias do carnaval, não vieram ao meu encontro e regressaram pela manhãzinha num expresso que saia da cidade.

"Quando eu levei Kathy a sua casa, ao meio-dia, fomos encontrar a mãe dela muito pálida e em meio de tremenda crise de nervos. Procurei explicar tudo, mas a senhora não quis ouvir uma só palavra. Ela mesma, tendo perdido o trem, fôra a causadora de todos os transtornos, pois faltara ao nosso encontro, como ficara assentado. Então ouvi da senhora estas palavras espantosas: "Eu estava obrigado a desposar Kathy!"

"Como já escrevi aqui, isto parece, verdadeiramente, um melodrama! Contudo, o caso se tornara muito sério. Jamais analisei os verdadeiros motivos do procedimento da mãe de Kathy. Mas, aos meus olhos de adolescente, suas razões pareciam refletir a ansiedade em que estava a boa senhora para resguardar a reputação de sua filha que, segundo ela, sòmente com o nosso matrimônio estaria tudo sanado."

"E eu a desposaria, então. Prometi, pois estava com essa terrível incumbência. Ela então me envolveu com os seus braços delicados e se pôs a chorar e agradecer-me. Era muito gentil e, afinal das contas, seria minha mulher. Casamo-nos, conforme ficara acertado. Logo depois me entregaram uma paróquia. Quando minhas ovelhas a conheceram muito gostaram de minha espôsa, pela doçura de seu rosto e cabeleira loira, que transparecia tôda a sua pureza, e por sua amabilidade submissa, espelho da própria bondade.

"Eu devia censurar-me a mim mesmo pelo seguinte: eu não me casara por amor. Eu não sabia o que era o amor. Logo depois do primeiro dia de nossa união, eu senti que meu casamento não tinha sido lastreado pela afeição, pelo sentimento do amor. Daí por diante, os dias e os meses vinham conformar esta descoberta: eu não a amava. Eu era um ignorante do que fôsse o amor. Talvez que eu, por isso mesmo, tenha faltado com os meus deveres para com ela. E' possível que não lhe tenha dado aquilo que ela merecia. Só Deus o sabe. Só Êle poderá julgar-me nessa conjuntura, acusando-me ou de não a ter adorado menos ou vivido com certa frieza própria de uniões semelhantes.

"Por minha vez eu vivia muito ocupado. Ela não gozava de boa saúde. Muito entregue a si mesma, parecia pouco interessada em cuidar do nosso amor. Os paroquianos não exigiam dela muito esfôrço. Parecia uma pequena santa e muito se harmonizava o seu todo com a atmosfera eclesiástica.

"E é então que sobrevém a parte estranha, a parte quase incrível da história. Já estávamos casados havia dois anos, quando, uma manhã, fui ao consultório de um médico, — um dos meus mais íntimos amigos e paroquianos — um cidadão celibatário, cuja casa era vizinha à nossa. Minha mulher já o havia consultado uma ou duas vêzes. No instante em que eu saía, Kathy me pediu que lhe entregasse uma revista que o médico lhe emprestara, e que ela me entregara naquele momento. A revista estava



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

dentro de um envelope e amarrada por um cordãozinho. Enquanto eu esperava minha vez sentado no salão do médico, para matar o tempo, retirei a revista do envelope, desatando o cordão. Entre as fôlhas da publicação encontrei um bilhete endereçado ao médico, do qual era eu grande amigo. Por que há gente capaz de tais procedimentos? Ela poderia ter dito aquilo, usando o telefone; ela poderia ter-lhe escrito usando o correio. Mas Cathy havia escolhido o meio de fazer-me portador da mensagem de amor que ela dirigia a outro homem.

"Era de expressões de amor o que se continha no bilhete. Acabando de ler o recado, não esperei pelo médico e voltei para minha casa imediatamente. Em outros tempos, e inspirado por outra moral, eu poderia tê-la assassinado. Se eu a houvesse amado, talvez tivesse recorrido à sua eliminação. Não posso asseverar isso. Mas, talvez fôsse assim. Logo que lhe comuniquei o achado, ela não se alterou. Pelo contrário: ficou muito alegre por ver que eu não ignorava, e me suplicou lhe concedesse o divórcio, a fim de que pudesse casar-se com êle.

"Querida Mary, — Olhos Claros — que me lêdes aqui, que pensais de mim, desta história? E que poderei pensar eu, de mim mesmo? Eu que havia sonhado, estudado, lutado, sem que pudesse vencer na vida? Eu que odiava a traição? Eu que me havia colocado tão alto?

"Assim como eu a havia desposado mediante circunstâncias tão inesperadas, também lhe concedi o divórcio. E como eu não desejava comentários sôbre nossos nomes, eu a deixei. Ela então apoiou suas razões alegando falta minha e ganhou a demanda. Sabe o que significou isso para mir? Que eu teria que deixar a Igreja. Significava que eu deveria aceitar tudo o que contra mim dissessem. Mesmo que viessem a saber da verdade, a diferença era tão insignificante que eu não estaria em melhor situação moral, salvo que obteria o favor de simpatias, passando a ser olhado como vítima. E eu não desejava inspirar piedade a ninguém!

"Eis como deixei meus deveres sacros, privado de elevar minha voz para predicar, privado do direito de falar a milhares de paroquianos, que já estavam habituados a ir ouvir-me em meu templo. E então, como encarar os meus amigos, o altar de minhas orações e funções sacerdotais, os membros do côro? Eu havia cantado, quando em criança, à luz dos círios sagrados; mas estava escrito que eu teria que calar minha voz para sempre. Uma vez eu procurei lutar. Era noite. Eu estava sòzinho na igreja, entre a obscuridade do ambiente. Pedi fervorosamente a Deus que me iluminasse, que me indicasse o caminho que deveria tomar; infelizmente, nada vi que me guiasse.

"Oh! Mary adorada! Para que serviria a luz a um homem cujo caminho estava fechado? Saí da igreja convencido de que tudo não passa de impostura, que as luzes nada significam e a música muito menos ainda, e que tudo o que eu havia pregado não passava de poesia falaciosa.

"Há alguns de meus paroquianos que ainda crêem em mim. Outros, porém, se tiverem oportunidade de falar-lhe, adorada Mary de Olhos Luminosos, hão de dizer-lhe que Kathy era uma santa e que eu é que sou o pecador. Está certo. Se meu pecado foi a fraqueza, eu fui pecador. Eu não deveria, por hipótese nenhuma, ter-me submetido aos caprichos de sua mãe, casando-me com ela. Mas, já que me uni a ela, poderia eu detê-la contra sua inclinação ou vontade? Ela casou com aquêle homem. Um ano mais tarde, morreu. Kathy era uma criatura frágil, e nada tenho eu de áspero a dizer a seu respeito. Até certo ponto, ela também foi uma vítima: em primeiro lugar, das ambições de sua própria mãe; em seguida, de minhas faltas de amor, e por fim, da perseguição de um outro homem.

"Talvez fôsse melhor não ter-lhe eu dito nada disso. Excetuado o meu bispo, que exigiu a verdade e a quem eu a confiei, e de quem jamais esquecerei a bondade que demonstrou por mim, com exceção dêle, é você, Mary, a única pessoa a quem eu confiei êste episódio. A única a quem abri meu coração. Mas eu confesso o seguinte, — e me orgulho de o dizer — e é que, se eu tivesse uma vida

(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constante, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres, sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal, estava Roger sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouvia dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas, quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá em cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de que se trata. Roger Poole se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banhos, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo, antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta, cujo final está no presente capítulo.

honorável e digna, eu lh'a ofereceria; que, se eu a houvesse encontrado, Mary, quando eu ainda era um adolescente cheio de sonhos, eu teria tentado harmonizar os meus com os seus.

"Dir-me-á você, Mary, que, com a morte de minha mulher as coisas mudaram; que eu ainda poderia encontrar um altar para minhas prédicas; para ensinar aos meus paroquianos, para falar ao povo e o emocionar. Mas, qualquer volta à atividade no mundo significaria o retôrno da antiga história, com as perguntas, com os cochichos e comentários. Eu não me creio um covarde. Por amor de uma causa eu poderia fazer face à morte com muita coragem. Mas não poderia jamais fazer face aos olhares inquiridores, aos lábios que murmuram e segredam em cochichos acusadores.

"Desta forma, meu futuro estará dedicado à mediocridade, e que poderá fazer a mediocridade diante de você, que "nunca curvou o dorso, mas que sempre procurou marchar de cabeça erguida diante de você mesma?". E' por isto que eu me retiro. Não o farei com precipitação, nem pressa, a fim de evitar comentários; mas com a urgência necessária para deixá-la completamente livre de todos os embaraços em seu futuro, acêrca da conduta que tiver de tomar a meu respeito.

"Não sei se a senhorita vai responder-me. Mas, seja qual fôr o seu veredicto, que eu conserve a graça de sua amizade, e que jamais venha a perdê-la; confesso que sempre me senti muito feliz durante o ano em que passei no "Apartamento da Tôrre". Sou feliz por ter conhecido a única mulher que me fêz sonhar com os meus devaneios de mocidade, a pensar em tôdas as mulheres belas em minha juventude.

"E agora, uma última palavra. Se chegar, em sua vida, a precisar de mim, estarei sempre à sua disposição. Seja qual fôr o pedido, jamais o tomarei por muito árduo ou difícil, que eu não esteja capaz de executá-lo. Estou curiosamente convencido que, em tôda esta sombria tragédia, o meu oferecimento é como aquêle do ratinho ao leão. Mas, um dia poderá vir que o camondongo poderá pagar sua dívida. Peça-me para que eu pague minha dívida, e eu virei à sua presença, esteja mesmo no outro lado do mundo.

Roger Poole."

Esta foi a carta que Mary encontrou, no dia seguinte, sôbre sua escrivaninha, naquele mesmo escritório onde Roger havia sido introduzido na noite do casamento de Constance, para acertar o aluguel do cômodo. Mary reconheceu a letra firme do envelope, e sentiu estremecer a mão, ao pegar a sobrecarta branca e quadrangular.

Entretanto, não a leu imediatamente. Antes de tudo, deu as ordens costumeiras a Susan, ordenou certas coisas pelo telefone, recebeu compras que lhe trouxeram empregados de armazéns, pagou ao açougueiro e determinou outras coisas de natureza doméstica.

Depois de tudo ordenado, apanhou a carta, fechou-se com ela em sua camarinha e a leu. Instantes depois de ter lido tudo com a máxima atenção, ouviu pancadas à porta. Era sua irmã Constance, que foi atendida indo encontrar Mary vestida para sair.

— Tenho uma série de encontros — diz Mary.

Vestiu as luvas e tinha na face um ar de riso. Mas não ocultava a palidez do rosto. Notava-se que ela estava a sentir algo no íntimo de seu espírito, e que a Mary no dia anterior, não era a de então. Inútil esconder os seus sentimentos. Mas procurou disfarçar e disse à irmã:

— Em primeiro lugar vou à costureira, a fim de fazer aquêle vestido que você trouxe, para o chá-dançante de Delilah. Em seguida eu me encontrarei com você para o almôço de Mrs. Carey. Depois disso sairemos de carro com Porter. Há espetáculo no Corcoran; mais tarde, chá e, por fim, o jantar em casa de Mrs. Bigelow. Tenho receio, Constance, que tudo isso seja muito extenuante para você.

— Procurarei esquivar-me dos chás. Voltarei para casa e descansarei um pouco antes de preparar-me para o jantar.

Quando Mary cumpria seu programa daquele dia, fazendo tudo exatamente como imaginara, sentiu que era senhora de si mesma. Trocou idéias com a costureira a respeito do vestido, entregou-se alegremente à tagarelice do almôço e, durante o passeio com Porter, uniu seu bom-humor ao excelente humor do seu enamorado sem esperanças, fazendo comentários sôbre tudo e sôbre todos.

Em seguida, Constance volta para casa no auto de Porter, tendo êste lhe feito um pedido com os olhos para que acompanhasse Mary ao final de suas visitas daquele dia. Mas a moça fingiu não compreender e Porter não pôde fazer-lhe companhia. Ao passar pelas iluminações douradas dos salões, Mary dirigiu graciosos sorrisos às pessoas de seu conhecimento, tendo mesmo atendido a algumas amabilidades de Jerry Tuckerman, que insistiu para fazer-lhe companhia e ofereceu-lhe sorvetes .

Mary se esquivou com delicadeza, e saiu do salão de chá para o ar livre, respirou profundamente como alguém que está durante muito tempo em prisão e obtém a liberdade. Não desejava mais tomar chás. Durante todo êsse dia viverá sob a impressão de um sonho, a pensar no que havia feito, e se fizera tudo bem.

Entretanto, já agora, quando voltava para casa, a fim de vestir-se para o jantar, ela achou que devia dedicar todo o seu pensamento a Roger Poole.

Mary seguia pela avenida Connecticut, e, com andar rápido, chegou à velha igreja onde, durante tôda a sua vida, se habituara a rezar.

Àquela hora não havia nenhum ofício religioso, e ela se ajoelhara durante um momento, em seguida sentou-se num dos bancos de madeira, feliz por ver que ninguém viria perturbar sua meditação.

Quando estava assim, sentada, entregue à maior meditação, em meio de completo silêncio, uma frase contida na carta de Poole, surgiu em seu espírito: "E agora, que pensariam de mim os círios do altar e as vozes do côro? Eu também cantara à luz das velas sagradas, mas fôra ordenado que minha voz se calasse para sempre."

Para Mary era isto a grande tragédia: a perda de sua coragem, a perda de sua fé, a acepção de um futuro passivo. Resolutamente, ela procurou vencer a sufocante agonia que a invadira ao ler o episódio daquele casamento sórdido, seguido de tôdas as conseqüências funestas contra Poole. Resolutamente, ela procurou firmar-se acima de tôdas as fraquezas que a ameaçavam submergir em face daquela história dolorosa. Resolutamente, ela estava lutando contra os sentimentos de piedade que procuravam amolecer-lhe o ânimo.

Dizer que a carta de Roger, no que dizia respeito a ela mesma, não a havia emocionado, seria menosprezar o calor da amizade que ela dedicava ao inquilino. Mas, se os seus sentimentos para com êle eram mais fortes do que uma simples amizade, isto ela não queria admitir.

Já haviam chegado momentos, quando, enternecida e emocionada pelas palavras vibrantes de Roger, ela fazia a si mesma esta pergunta: "Terá, enfim, surgido o amor?". Mas Mary não formulava a resposta à sua pergunta. Ela sabia que nenhuma resposta obteria, até que Roger Poole adquirisse a vida que êle perdera, reencontrando a sua própria existência destruída. Mas, como poderia ela ajudá-lo nesse trabalho de recuperação pessoal? Obscuramente, ela sentia que seria por intermédio dela que êle alcançaria a sua redenção, redescobrindo-se. Êle ia embora do "Apartamento da Tôrre", deixar aquela casa que era dela, e, antes que êle se fôsse, era preciso que ela fizesse brilhar para êle um pequenino luzir de esperança.

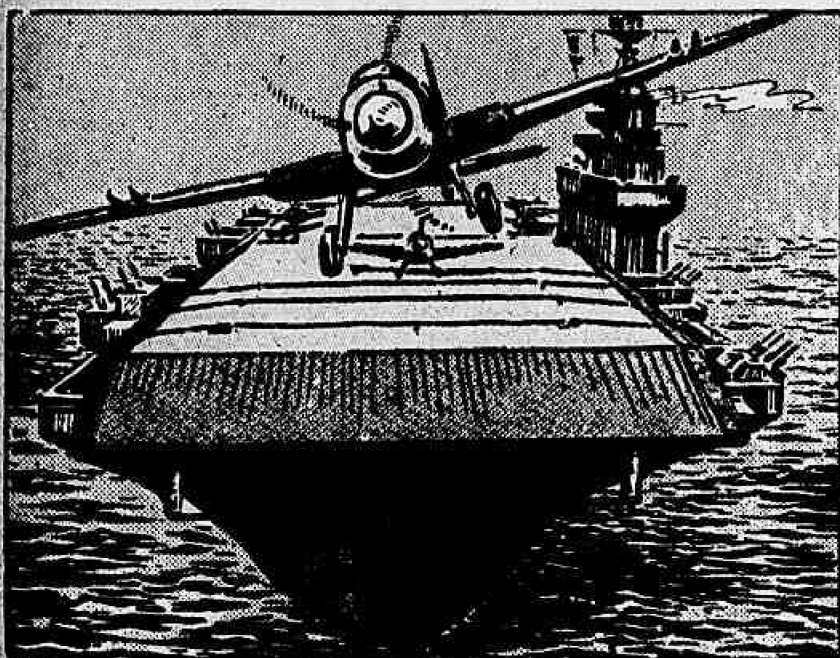
No ambiente sombrio da nave, apenas as luzes do altar lançavam reflexos luminosos. Mary se ajoelhou novamente e ocultou seu rosto entre as mãos. Sua fé era tão simples como a de uma criança. Quando ela era menor, costumava ajoelhar-se naquele mesmo banco para pedir a Deus as coisas que ela desejava, rogando com a maior confiança, firmemente convencida de que as suas preces estavam sendo recebidas pelo Criador.

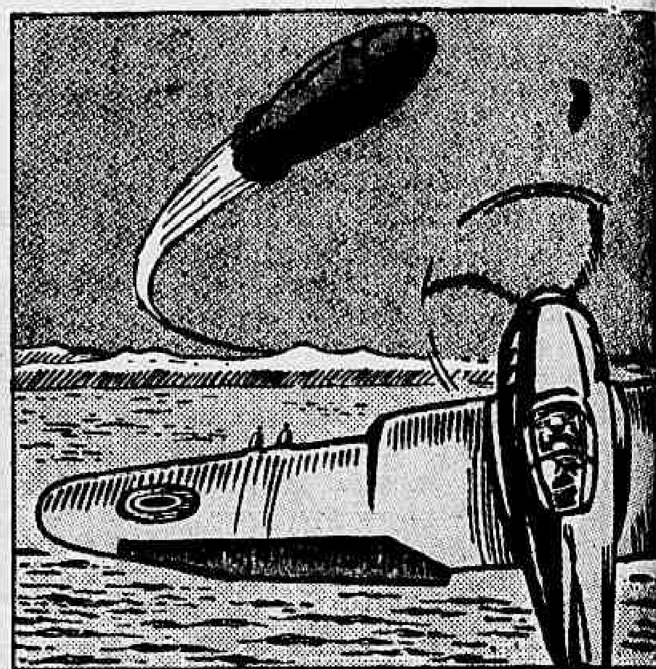
(*Continua no próximo número*)

Tradução de
RENATO DE ALENCAR
Ilustração de
JERÔNYMO RIBEIRO



Aventuras do Capitão Rob





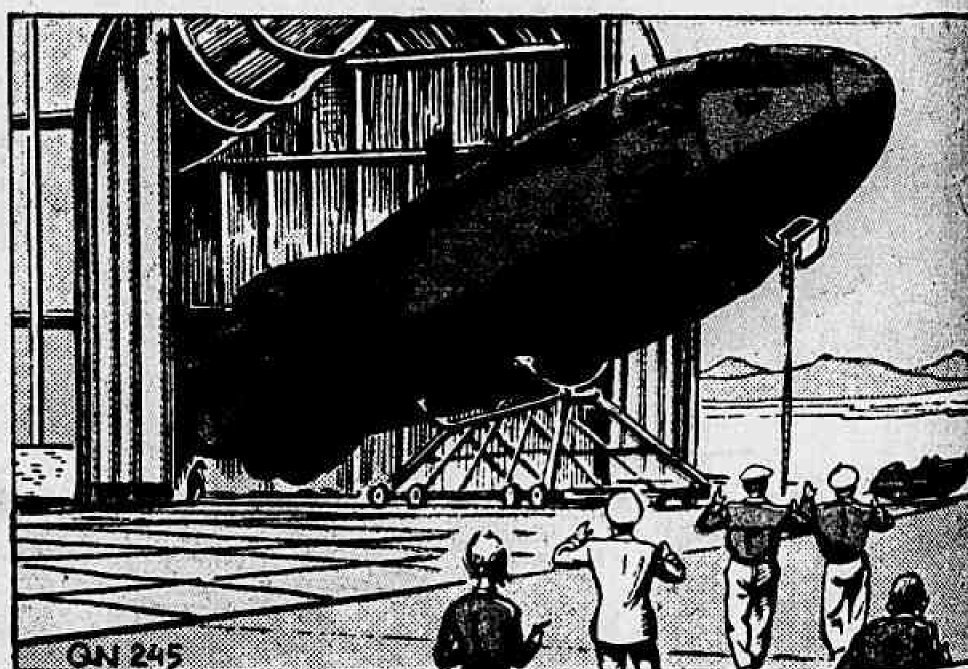
43 Os aviões partem um a um e voam diretamente ao seu preciso objetivo. Rob vai guiando todos êles. "Olhe!" exclama o pilôto do seu aparelho, mostrando pequeno ponto negro que vem na mesma direção dêles, com uma rapidez incrível. Parecia enorme bomba voadora. "Não poderemos alvejar aquela coisa?" indaga o pilôto. "Ah! O professor Lupardi já tomou conhecimento de nossa presença e mandou seus torpedos aéreos!" "Mas não há de ser nada. Nós lhe daremos também a resposta!", diz o pilôto, evitando um choque. E, justamente quando ia fazer fogo, uma coisa curiosíssima sucede.





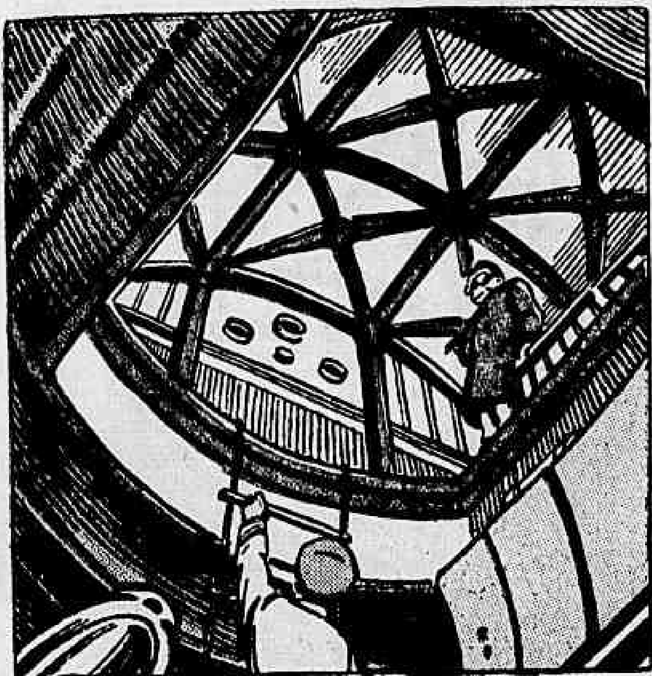

44 Que se passara até então com os companheiros de Rob lá nos domínios de Lupardi? O Dr. Ree e os seus amigos, impressionados com a falta de notícias de Rob, também procuram dar o fora. Por dois dias não viram nem Lupardi, nem Yoto. Sòmente um pinguim aparece na prisão para levar-lhes alimento. Êles ouviram as explosões das minas magnéticas. Dispostos a enfrentar o pior, meteram mãos à obra na tentativa de escapar. Saindo por uma abertura do teto, chegaram à oficina. Tôdas as portas estavam fechadas. Um dos marujos encontra uma pua automática. Abre uma porta e saem num corredor.





45 Um ruído de campainha dá o alarma. A luz se apaga. Estavam numa das dependências da Cidade Atômica. Lupardi e Yoto correm de revólver na mão. "Façam alto!" ordena Lupardi. E em seguida, quando a luz reacendeu: "Muito bem, cavalheiros. Estão tentando escapar, segundo penso." E irônico: "Era melhor abandonar êsse plano idiota. Seu companheiro Rob já não poderá ajudá-los, e o submarino que o salvaria, não poderá jamais vir à tona. Mas vou desembaraçar-me de vocês todos de um modo especial." E conduziu os prisioneiros a um grande hangar. "Vêem êsse Zepelin? Irá levá-los à Lua!"

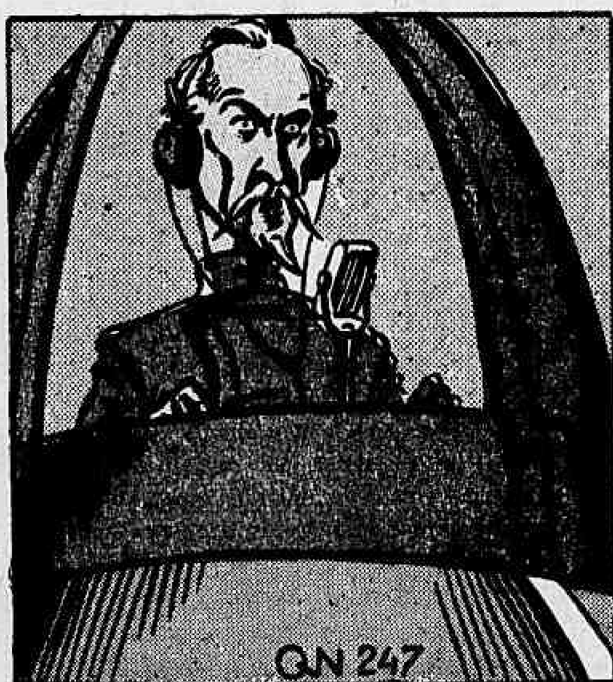
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Rob, sem saber como, é levado a uma zona estranha, em seu barco. Súbito, vê um submarino. Subindo a bordo, é recebido pelo comandante, que já o conhecia. O Dr. Ree, que está no submarino, diz a Rob que precisa visitar o acampamento de Lupardi, um sábio louco, e o convida. Rob aceita e narra, então, o que descobrira num dos icebergs: um navio naufragado cheio de marujos congelados. Em seu barquinho, vai com o Dr. Ree e mais alguns tripulantes e invade a Cidade Atômica de Lupardi e seus assistente Yoto. Lá são aprisionados, mas Rob consegue burlar a vigilância dos seus captores e foge utilizando uma pele de pinguim. Enquanto vai em busca do submarino, Lupardi o alveja a torpedos. Mas Rob escapa e chega a bordo, narrando tudo o que vira e pedindo auxílio para seus companheiros.

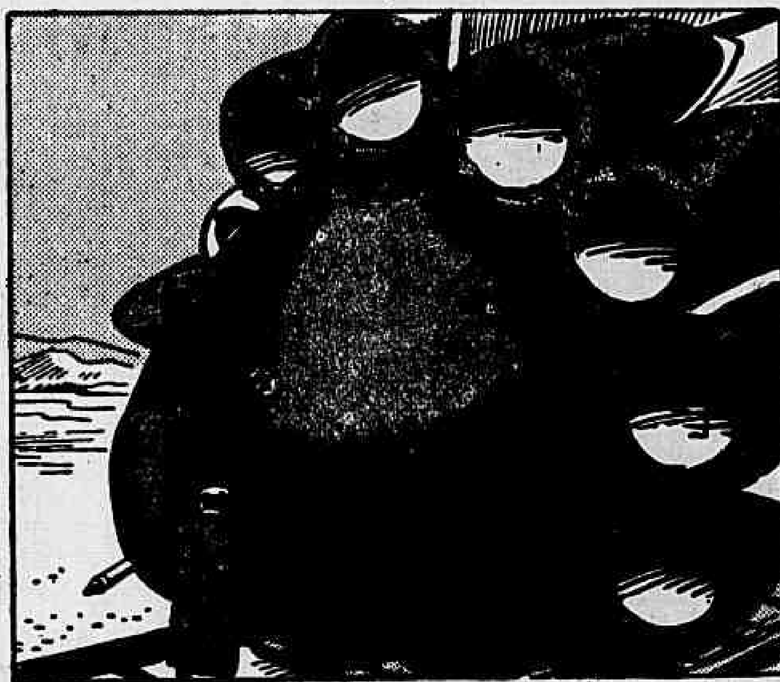






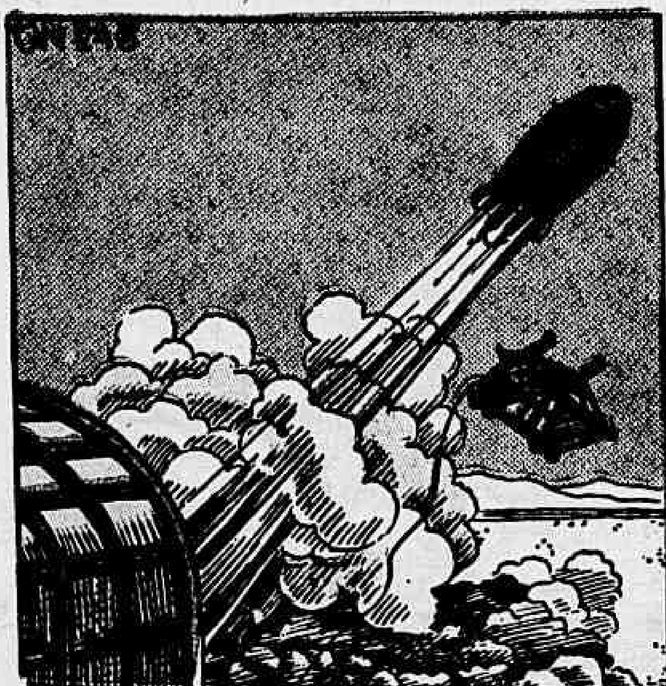
46 Os três homens foram obrigados a entrar na cabine daquele estranho aparelho. Iam fazer uma excursão forçada. Logo que ficaram a sós, a entrada fechou-se automàticamente. Yoto ordena ao Dr. Ree que pusesse os fones ao ouvido. "Cale-se!" responde o Dr. Ree indignado. Os três começam a examinar a cabine. A um canto há grande painel com todos os instrumentos de navegação. Mas, como manobrá-los? O Dr. Ree põe o fone à cabeça. Nesse instante êle ouve a voz de Lupardi a dizer, cheia de ironia e vingança: "Senhores, apresentem meus cumprimentos cordiais aos habitantes de Marte se lá chegarem."







47 E, imediatamente, o louco sábio, prof. Lupardi, lá da tôrre de ligação com o esquisito avião, ordena a Yoto: "Larga!" Os três excursionistas forçados, inteiramente sob o domínio de Lupardi, continuavam lá dentro do aparelho, a inspecionar-lhe os maquinismos. Um dos marujos maneja uma alavanca lá no teto e exclama: "Vejam! Isto é para manobrar em caso de necessidade e emergência. Talvez que nos sirva de alguma coisa." Nesse instante foram sacudidos por um impulso violento e o enorme bólido se lançou no espaço com uma velocidade absolutamente incrível. Lupardi, da tôrre, ria diabòlicamente.







48 O louco, de sua tôrre vai controlando o enorme aparelho. Maneja uma chave e a aeronave descreve um círculo sôbre a ilha em que Lupardi era o dono e o chefe supremo. Depois disto êle projetaria seu aparelho para as mais elevadas camadas da atmosfera. Quando aquêle cubo esquisito chegasse além da estratosfera, já não era mais necessário mantê-lo sob seu contrôle, pois a atração da Terra cessaria pouco a pouco até que o avião se libertasse dos efeitos terrestres. Súbito, Lupardi exclama: "Que diabos! Aviões! Um, dois, três, quatro, cinco, seis... De certo o submarino conseguiu pedir auxílio!"



FÉ E AMOR

ENQUANTO ensaboava a roupa do esposo, ela entoava baixinho, quase inaudível, uma canção do seu tempo de mocinha.

"Quis debalde varrer-te da memória,
"O teu nome apagar do coração..."

Quantas recordações sempre lhe trouxe o repetir dessas palavras ritmadas por doce melodia, proprícia mesmo para arrebatar os corações das raparigas de sua idade, naqueles áureos tempos em que conheceu a Brígido! Recapitulava no pensamento os principais fatos de sua vida.

Tinha nascido e passado a infância na enorme fazenda pertencente ao avô, onde viveu ao ar livre, correndo pelas campinas e a regar as flores do lindo jardim que adornava a casa grande. Isso até os onze anos, idade que contava quando, acometido de doença repentina, faleceu o avôzinho a quem ela tanto dedicava afeição. Por circunstâncias, precisou a família transferir-se para a pequena Vila, onde ela aprendeu a ler e fêz algumas boas e selecionadas amizades, pois, de gênio um tanto retraído, não gostava de se dar com tôda gente, principalmente com aquelas mocinhas frívolas que viviam a enxerir-se para rapazes do lugar, enviando-lhes bilhetinhos fúteis.

Até os dezoito anos nunca tinha tido um namorado, embora não faltassem pretendentes a querer transformar-se em mandatários do seu amor. Foi justamente no dia em que completou dezoito primaveras, que ela começou a gostar de um rapaz, Brígido, a quem amou com tôdas as fôrças do coração. Naquele dia o pai deu uma festinha em homenagem à data do seu aniversário e convidou uma família conhecida, residente em outro lugarejo próximo, para participar das justas alegrias que a otdos dominava. O vestido de cassa branca e lacinhos azuis deu lugar a comentários e elogios vários. Expressões como estas eram de quando em quando ouvidas: "Menina, você está uma flor em pleno desabrochar". Aquêle tinha sido o dia mais agradável para o seu espírito, um dia inteiramente diferente dos até então vividos. Não porque, pela primeira vez, houvesse obtido o consentimento dos pais para passar um mês na cidade; não também porque, a partir daquela data, se sentisse com alguma liberdade para realizar a seu gôsto o que quisesse; mas por outro sentimento justamente inverso, antagônico: sentia-se prêsa, entrelaçada por uma corrente invisível, porém forte e resistente, que a prendia ao âmago do seu coração. Sim, ela amou a Brígido com todo o amor de donzela na verdadeira acepção da palavra, pois foi êle o primeiro e único homem a quem entregou o seu coração sincero.

Saíra à tarde com algumas das amiguinhas para "dar uma volta em redor da praça" e convidar as pessoas mais íntimas para o "arrasta-pé" da tardinha, como é de costume fazer-se nos lugarezinhos do interior. Ao regressar, o pessoal conhecido de seu pai já havia chegado e ela foi apresentada. Apertou a mão de todos e ao falar com o filho mais velho da família visitante, êste lhe disse, galanteando-a, com aquela voz arrastada, peculiar aos moradores do sertão.

— Estimo conhecê-la. Você é uma moça bonita!

Essas palavras, tão comuns de uma moça ouvir, assumiram para ela significativo espanto, pois foram ditas por Brígido, de quem se apaixonara logo à primeira vista e com quem mais dançou enquanto a sanfona do "seu" Jacinto, acompanhada pela viola do Benedito, tocou a polca, a rancheira, ou a quadrilha. Acabando cedo, a festa, sentaram-se os músicos à porta, e tocaram uma serenata. Foi nessa noite que ela ouviu cantar a valsa, integrante agora, das reminiscências do seu passado. Tendo a família de Brígido demorado por mais alguns dias, o namoro tomou consistência. Chegando em seguida ao conhecimento dos genitores de ambos, aprovado sem rodeios e sem delongas, pois era "do gôsto" de tôdas as duas partes. O convite que tivera da família do já agora noivo, para passar um mês em Salvador, capital do Estado, ela aproveitou e foi comprando o enxoval e utilidades para o casamento, que se realizou poucos meses depois na vila em que morava. Ah! como se recordava daquele dia feliz em que, pelo braço do amado, foi levada ao altar de Nossa Senhora da Dores na igrejinha local! Dia de felicidades e elevação de espírito.

A casa estava tôda ornada de jarros com flores e cacos de plantas que emprestavam significativo colorido e muito se assemelhava ao jardim da grande casa da fazenda onde viveu a infância, jardim que tantas vêzes, pelas manhãs e às tardinhas, regava com a água da cisterna próxima. O vestido de noiva, o bôlo do casamento e aquela porção de gente a cumprimentá-la, era muita felicidade a que ela não resistia, e chegou a chorar de emoção.

Daí passou a residir na terra do marido, longe da casa paterna, cuja saudade lhe queria às vêzes, arrebentar o coração, mas aos poucos foi-se acostumando; para suprir tinha a dedicação do espôso, os afazeres domésticos a que se entregava com denodo e carinho, e, depois, o cuidar do enxoval do primeiro filho. Brígido lhe era extremamente delicado, e ela o amava cada vez mais. Saíam às tardes passeando, iam constantemente à capelinha do lugar para agradecer a Deus aquela santa união.

Certo dia, porém, todo aquêle céu de felicidade transformou-se em viver desesperado e mesquinho, insuportável inferno: Brígido, ela veio a saber, mantinha relação com "outra" em lugar mais retirado, a quem visitava assìduamente, e quando tal fazia, dizia-lhe ir a negócio. Era demais aquilo para o seu amor próprio. Tentou chamar-lhe a atenção, mas foi inútil. Todo aquêle mimo e bem-tratar desapareceram como por encanto, dessa data em diante. Quis impedi-lo de viajar tão amiúde, não logrando, no entanto, qualquer êxito: agora é que êle passava fora noites consecutivas, deixando-a sòzinha com os três filhos que já possuíam, às vêzes até sem dinheiro ou mantimentos. Ai dela se não tivesse procurado meios de ganhar honestamente para sustentar os mesmos.

Levantou-se para estender a roupa e relanceou o olhar em tôrno do pátio onde se encontrava fixando as vistas no azul do céu. Voltou ao lugar primitivo e suspirou fortemente.

— Ah, meu Deus, se não fôsse a fé que tenho em Vós, o que teria sido de mim!...

De coração bondoso e divinamente resignada, sempre levou os sofrimentos para o lado espiritual. Soube, em tôdas as ocasiões, aceitar de bom grado as provações que lhe impôs o destino. Lembrava-se agora daquele dia em que o marido, depois de passar duas noites fora de casa, entrou zangado, ainda por cima. Ela quase chorando, perguntou-lhe.

— Mas Brígido, isso é trabalho que você faça? Há dois dias que não pisa em casa? Não tem ao menos amor aos nossos filhos que tanto precisam de nós?

E êle impassìvelmente tornou a apanhar o chapéu que havia pôsto no cabide e saiu, sem lhe dar uma só palavra, demorando-se dessa vez uma semana sem aparecer. Mas, apesar de tudo isso, ela sempre o amou com êsse amor inspirado nas coisas belas da Eternidade. "Sofrer é da humanidade". Dizia sempre que lhe perguntavam porque não gritava, não fazia escândalos para amedrontá-lo.

Viu crescerem os filhos. Mais três nasceram. Quantas vêzes, grávida, tomava choques, aos quais pensava não resistir... mas resistia, sim, porque a fé a fortalecia. Implorava a Deus que lhe amenizasse os sofrimentos, tendo sempre em mente os altos desígnios do Criador, nunca deixando escapar de seus lábios uma só palavra que traduzisse ódio ou vingança, nem mesmo nas horas de desespêro causado pela ingratidão do marido; sabendo sempre manter-se pura, para de Deus obter a recompensa. Fazia do pranto, exteriorização dos sofrimentos, o veículo para acalmar as exaltações do espôso, numa sublime imitação da mãe de Agostinho, Sta. Mônica, o exemplo das espôsas. E da mesma forma que aquela santa mulher obteve um dia a recompensa, vendo convertido à Fé Cristã o marido e depois o próprio filho, o qual chegou a ser bispo da Igreja Católica, ela também viu concretizarem-se os sonhos de Paz em seu lar; valeu-lhe o sofrimento, suportado de modo tão altivo. Aí as lágrimas lhe escorriam pela face, indo, quentes, misturar-se às brancas espumas contidas na bacia em que lavava a roupa; mas não eram lágrimas expelidas pelo esfôrço de um padecimento doloroso, e sim, lágrimas espontâneas que traduziam alegria: pairara, finalmente, em seu espírito, a doce Paz dos recompensados, que têm em mente a convicção de só haverem praticado atos dignos da aprovação de Deus. Brígido tinha-lhe dito:

— Lindaura, bem sei quanto a tenho feito sofrer. Estou arrependido. Não foi sòmente a você a quem pertenci até agora, conforme jurei aos pés de Nossa Senhora das Dores. Tenho sido de outras mulheres, embora êsse direito não me seja dado; mas em nenhuma delas encontrei o amor, a virtude e a bondade com que você soube aturar as minhas injustiças. Perdoe-me!

E beijou-lhe a testa em sinal de respeito, confirmando a superioridade espiritual daquela mulher que, amàvelmente, soube suportá-lo com tantas ingratidões.

O exemplo de quanto pode realizar a Fé e o Amor. Êle, realmente, já não era o mesmo. Ao invés de tão indiferente, confessava-se agora arrependido.

— Deus é grande e bom. — Pronunciou, com os olhos cheios dágua.

E sentaram-se à sombra de uma mangueira ao lado da casa, êle a cantar a doce melodia que ela tanto apreciava!

"Quis debalde varrer-te da memória,
"O teu nome apagar do coração..."

Isto acontecera na véspera do dia em que lavava aquela roupa, no dia em que completara o cinqüenta e sete anos.

Conto de JOÃO B. DE BRITO ★ Ilustração de A. ZALUAR

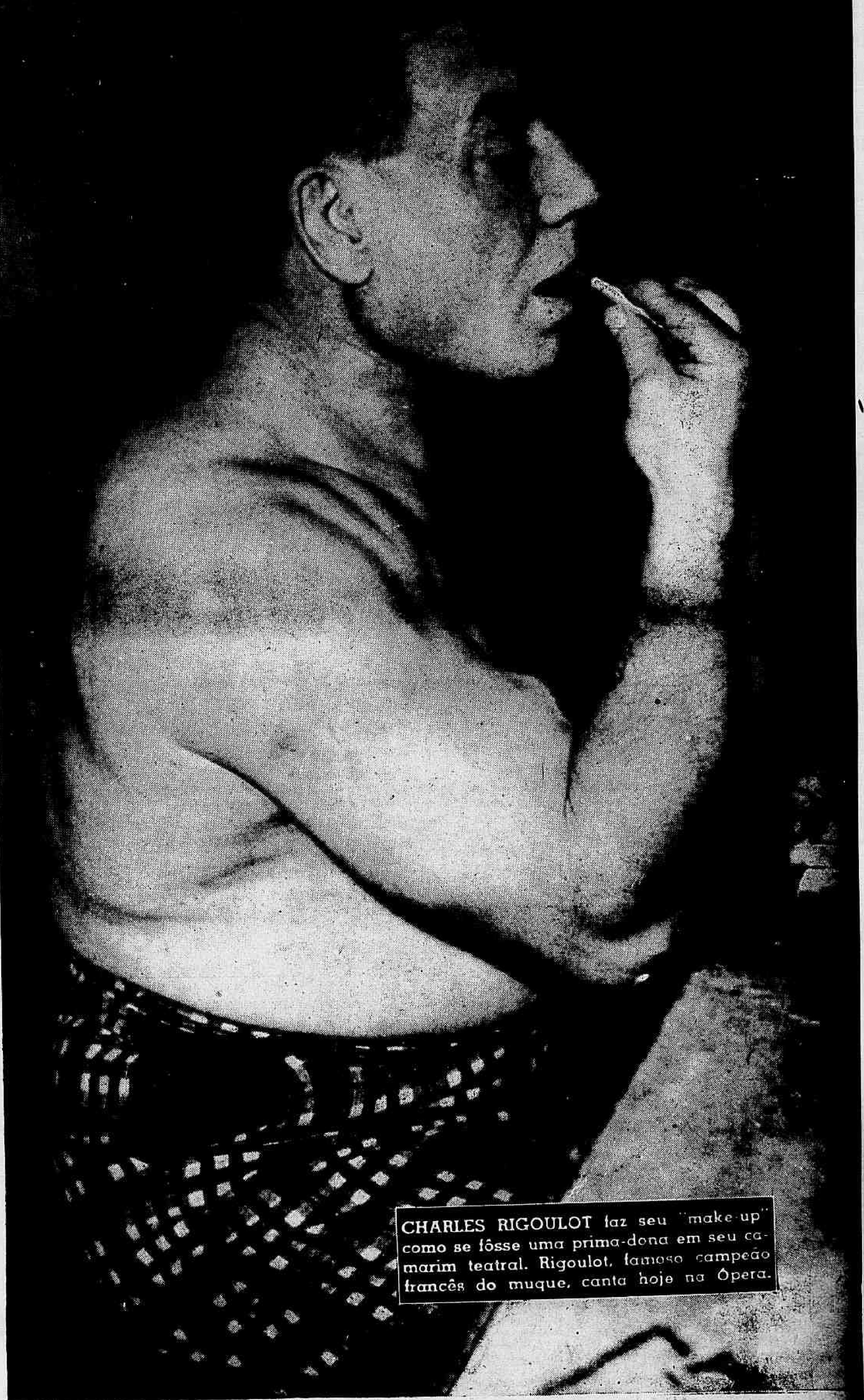
CAMPEÃO DO MUNDO QUE SE TORNA CANTOR

TROCOU O RING PELO PALCO ★ AGORA JÁ NÃO ESMURRA PARA DOMINAR O ADVERSÁRIO — CANTA PARA O PÚBLICO, COMO UM ASTRO DA ARTE DE CARUSO

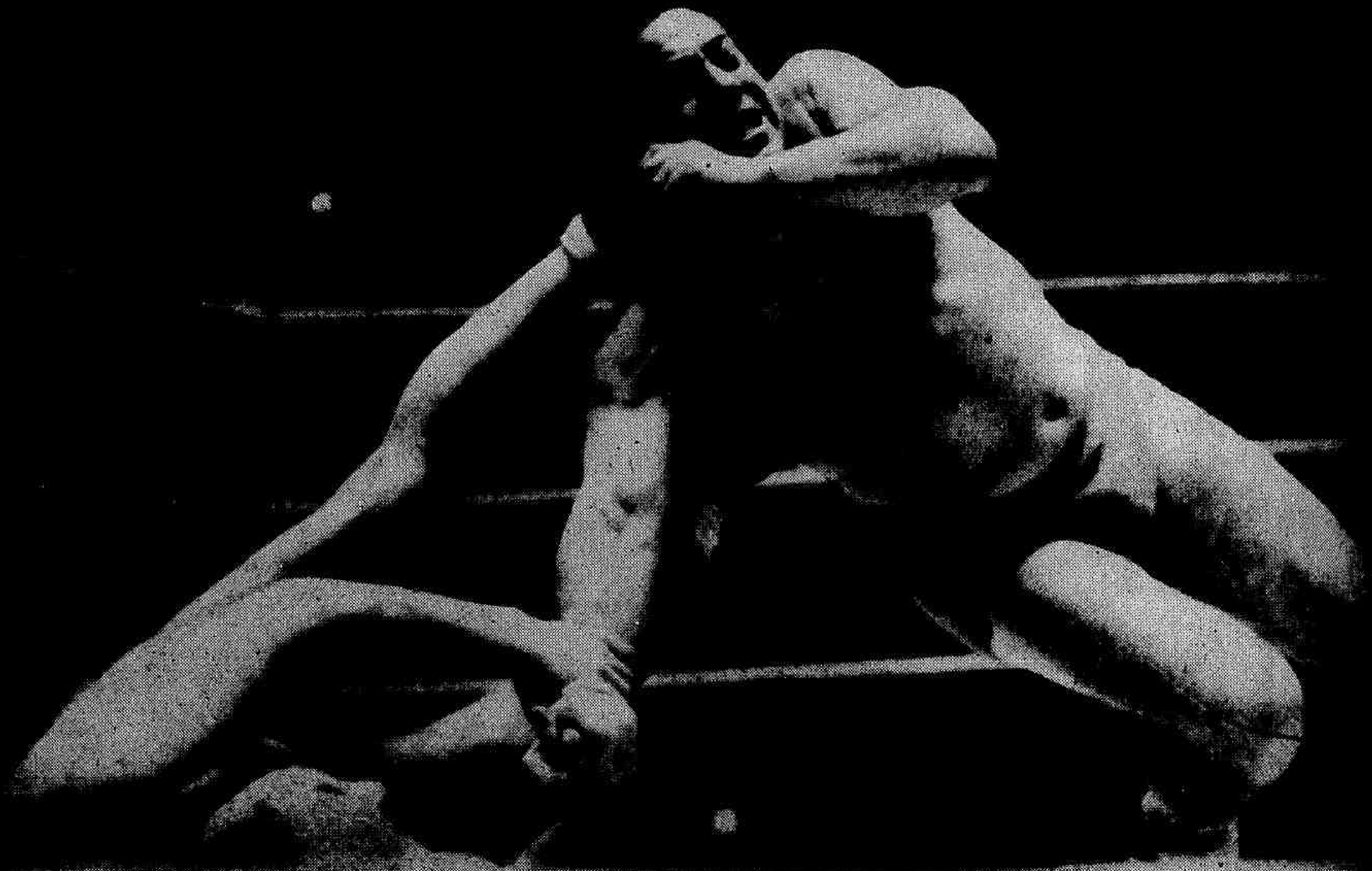
CHARLES Rigoulot é um atleta francês de seus 48 para 49 anos de idade, nascido num dos subúrbios de Paris. Seu pai era açougueiro, retalhando carnes verdes em Le Vesinet. A vida corria plácida e bela para o jovem Charles, um guapo rapaz de bons músculos. Dotado de grande resistência física, Charles Rigoulot gostava de fazer corridas com seus amigos de juventude, sempre os batendo.

Seu esporte favorito era o das corridas de cem jardas a grandes velocidades. Não tardou muito e o nosso jovem Rigoulot estava incluído entre os corredores mais famosos do mundo. Um belo dia disputou campeonatos em que estava um seu rival, Georges Carpentier, tendo sido derrotado pelo mesmo; mas Rigoulot não desanimou com o revés e prosseguiu nos seus treinos e nas disputas que se lhe deparavam. Entretanto, nem um nem outro, chegou à conquista da glória final, isto é, tornando-se campeão dêsse esporte em relação aos maiores do mundo.

Não vivendo, pròpriamente, de esportes, Charles Rigoulot desempenhou vários empregos para viver, não gostando de nenhum dêles, como era natural. A



CHARLES RIGOULOT faz seu "make-up" como se fôsse uma prima-dona em seu camarim teatral. Rigoulot, famoso campeão francês do muque, canta hoje na Ópera.



Uma foto que deve trazer saudades a Rigoulot: estava êle em pleno apogeu de sua carreira pugilística, no vigor de sua resistência física e de tôda a sua ca- dade para lutar nos mais renhidos campeonatos de França. Aqui o vemos a disputar com seu rival Yves Martinson, uma parada difícil em tablados de



CAMPEÃO DO MUND

vida, efetivamente, tem dêsses caprichos contra a natureza humana. Uma pessoa nasce e se desenvolve com determinada inclinação para uma profissão ou meio de vida e se vê forçada a dedicar seu tempo a outros misteres, muitas vêzes em flagrante oposição aos seus sentimentos vocacionais.

Com Charles Rigoulot sucedeu exatamente isto: ao invés de ser esportista, se via forçado a desenvolver atividades que nada tinham com seus desejos. Entretanto, dentre os vários empregos que desempenhou, um houve que muito lhe agradou: o de assistente numa oficina litográfica. E isso lhe trouxe a abertura de nova estrada em sua vida. Um dia, quando estava trabalhando às vistas de seu chefe, êste ficou surpreendido com a fôrça muscular do rapaz, que, com a maior facilidade dêste mundo, suspendeu pesadíssima pedra litográfica de mais de 175 libras, como se estivesse brincando com alguma coisa de matéria plástica. O patrão, não escondendo sua surprêsa, disse-lhe que poderia tornar-se famoso e ganhar nheiro, exibindo-se como levantador pesos. Charles não achou má a idéia e começou a atuar em tal sentido, nando-se, dentro de pouco tempo, peão de Paris, em seguida, campeão França, e, por fim, campeão mundial.

Em 1924 chegou ao pináculo da ma, tornando-se campeão olímpico. seu registro conta com 57 recordes diais, não tendo sido até agora ba por nenhum outro atleta em qualquer parte do mundo. Já mais ou menos farado de levantar pesos sem encontrar competidor, pendeu então para outros ramos da vida esportiva de sensação. E se lançou nas lutas livres. Seu suces- so foi completo, tornando-se número sensação para os fãs que torcem à ra dos tablados diante de tais batalhas.

Como não poderia deixar de Charles também experimentou corridas de automóveis, tendo obtido prêmios carreiras de grande importância.

O campeão olímpico de 1924 arruma sua maleta para a excursão com o elenco da Companhia de Operetas. Será que vai dar certo essa sua nova profissão



Uma das mais interessantes cenas da opereta "Os Saltimbancos", na qual Charles Rigoulot se vê a medir fôrças com uma bela dama do elenco. Êle interpreta o papel de "Great Pingouin" (o grande Pinguin), o gigante do circo, enquanto outros artistas acompanham, visivelmente interessados, o desenrolar da luta.

QUE SE TORNA CANTOR

apesar de todos êstes predicados de natureza muscular e inclinação para a luta do muque, o francês era possuidor de uma voz admirável. Um dia, ao cantar qualquer coisa, notou que estava também com uma voz positivamente esportiva e achou que poderia tirar proveito dêsse novo tesouro ainda inexplorado.

Muita gente já lhe havia dito que êle estava perdendo grande parte de sua vida, pelo fato de não ter-se ainda mostrado ao público como cantor. Animado com êsses "palpites", Charles Rigoulot foi à presença de um empresário teatral e trocou idéias com êle. O visitado estava, naquele momento, organizando a peça "Os Saltimbancos" e, depois de ouvir o pugilista em audição especial, não teve a menor dúvida em confiar-lhe um dos principais papéis. "Os Saltimbancos" é uma opereta de grande efeito cênico, tendo Charles interpretado o papel de "Grande Pinguin", com absoluto sucesso. O papel se ajusta como uma luva às suas inclinações esportivas e à sua robustez e fôrça muscular, uma vez que é êle, ali, um "gigante de circo ambulante".

Quando se espalhou a notícia de que Charles Rigoulot havia abandonado os rings, as pistas e os esportes pelo palco, como figura principal de uma opereta, muita gente não pôde acreditar nessa metamorfose. E muitos dos seus mais afeiçoados amigos foram vê-lo de perto, para verificar se se tratava de propaganda da emprêsa do Teatro Municipal de Valenciennes, ou, se, em verdade, a coisa era mesmo verdadeira.

Dentre os mais curiosos, estava o famoso campeão mundial Primo Carnera, êsse homem-montanha que já empolgou as platéias do mundo inteiro. Centenas de esportistas afluíram a Valenciennes para ver o "fenômeno" teatral. Todos desejavam ouvi-lo no palco a interpretar o seu papel. E foi o maior sucesso de sua vida. As palmas estrugiram quando Charles terminou sua "per-



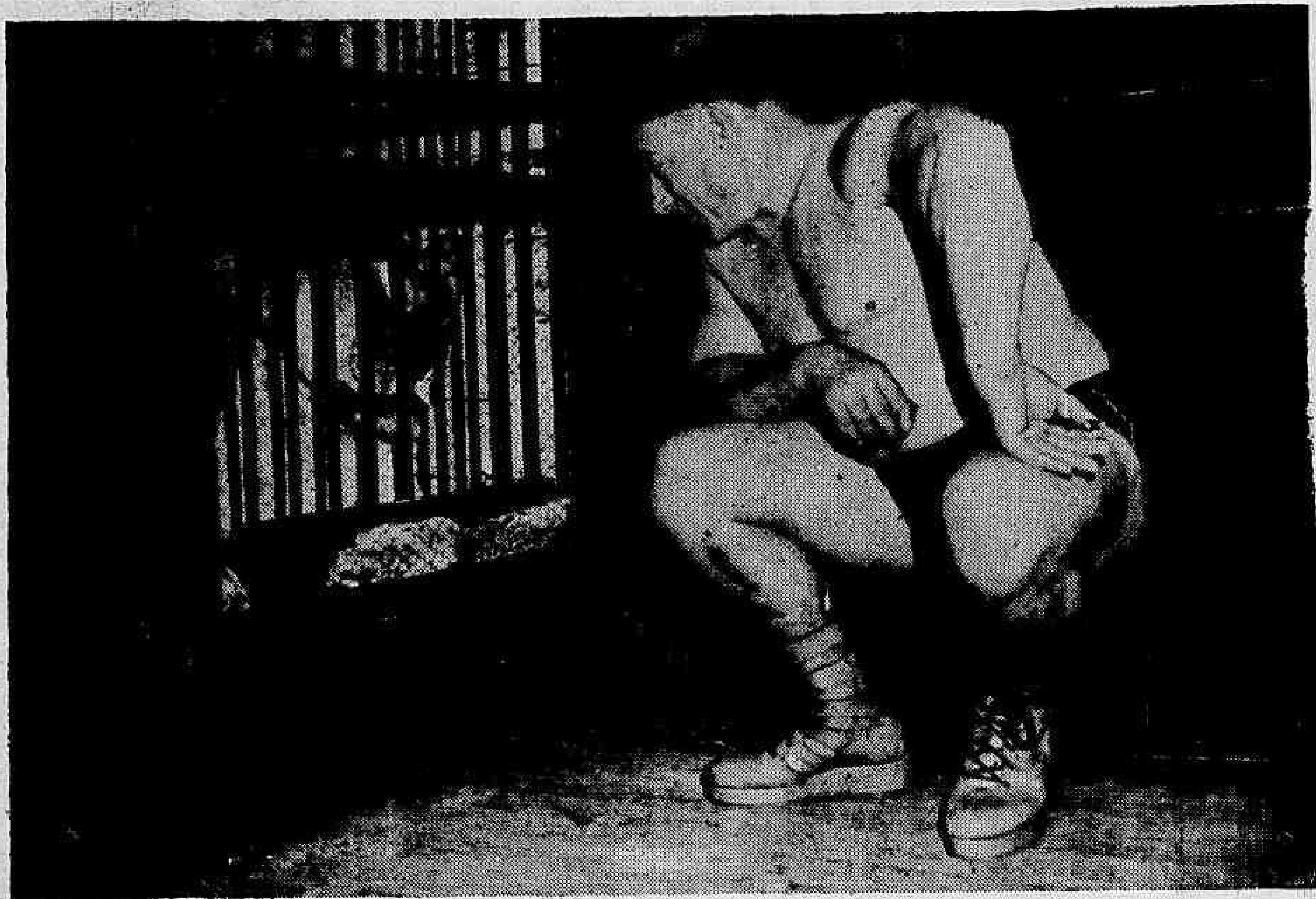
E eis aqui em que resultou a luta do "Grande Pinguin" com a sua bela domadora: o gigante foi vencido em todo o terreno, para espanto dêle mesmo!

CAMPEÃO DO MUNDO QUE SE TORNA CANT

formance", correndo amigos e admi dores co seu camarim para abraçá eiusivamente.

Charles está feliz agora. E' cantor opereta e tem milhares de fãs. Ent tanto, dentre os seus mais distintos m radores estão a espôsa e suas du filhas menores, Dany, com sete fl das primaveras, e Micky, com cin São duas fãs do papai, que, depois ter sido Sansão, é agora um pacato mavioso cantor de opereta. Mas, co é da tradição, êle deseja que sua Da se torne, dentro em breve, numa ca peã de patinação. E' que a garotin é louca pelas evoluções no gêlo, e, certa, virá a ser uma outra Sonja H nie. A menina tem muita vivacidade graça pessoal, cativando a quant dela se aproximam. E assim é a vid

★





Antes de a Companhia de Opere levantar âncoras, Charles Rigoulot, Municipal de Valenciennes, faz u visita de cortesia ao seu colega de Ar

★





Rigoulot, embora endurecido no ring, homem de bom humor e espírito folg zão. Vejam com que cara está dia dos seus colegas: Acho-te uma gra

★

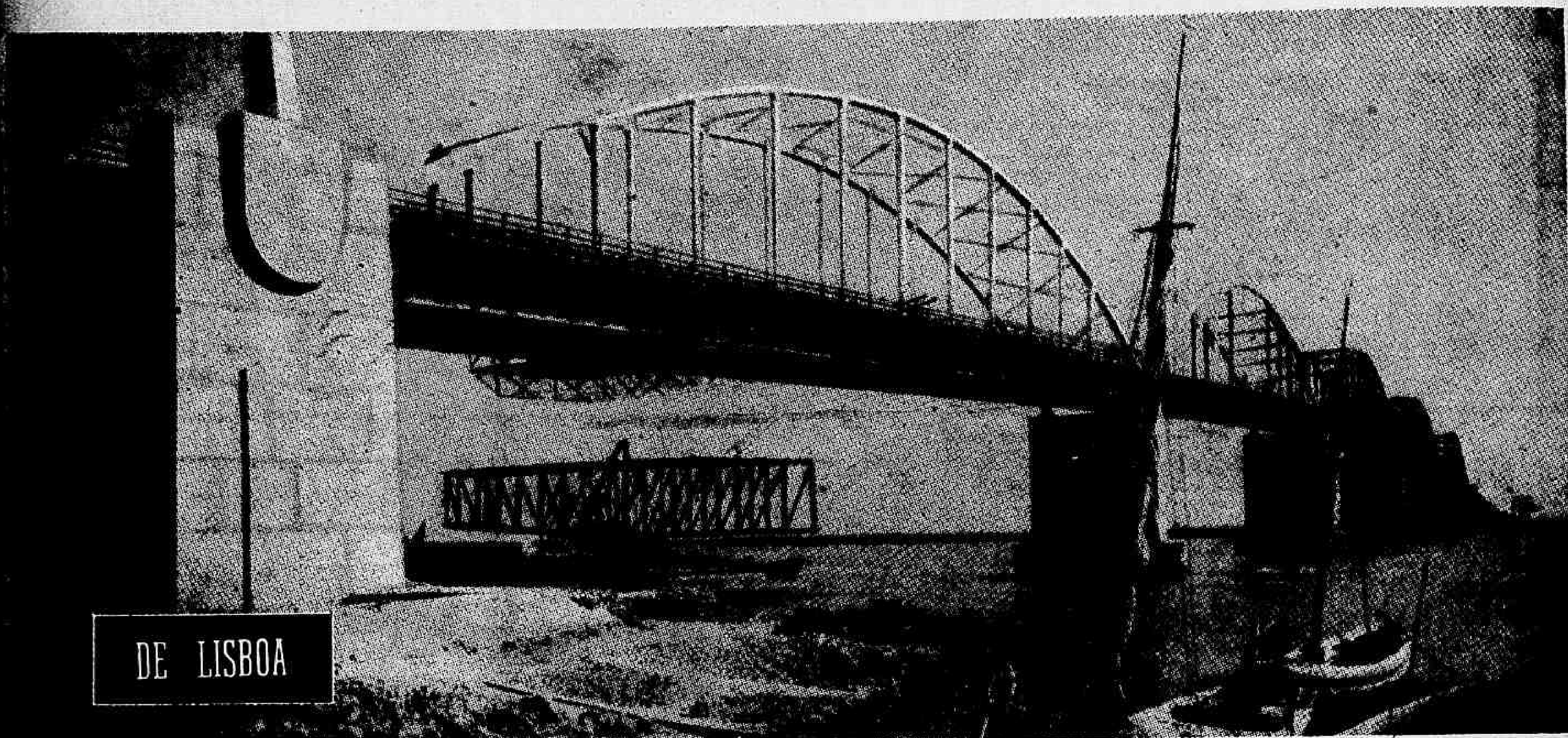




O gigante italiano Primo Carnera, campeão do mundo, não conteve a curiosidade e foi a Valenciennes para ver seu velho amigo Charles Rigoulot no palco.



Antes de ir juntar-se aos novos colegas da Companhia de Operetas, o famoso Charles Rigoulot, que deixou o ring pelas luzes da ribalta, passou muitos dias na intimidade do lar, com sua espôsa Renée e suas filhas Dany e Micky, a que faz ginástica com êle. Serão futuras estrêlas do palco, ou campeãs do muque?



Vila Franca de Xira, foi inaugurada, no dia 30 de dezembro, a ponte sôbre o Rio Tejo, velha aspiração dos povos ribeirinhos, ligando Lisboa com o Alentejo.

UMA PONTE SÔBRE O TEJO

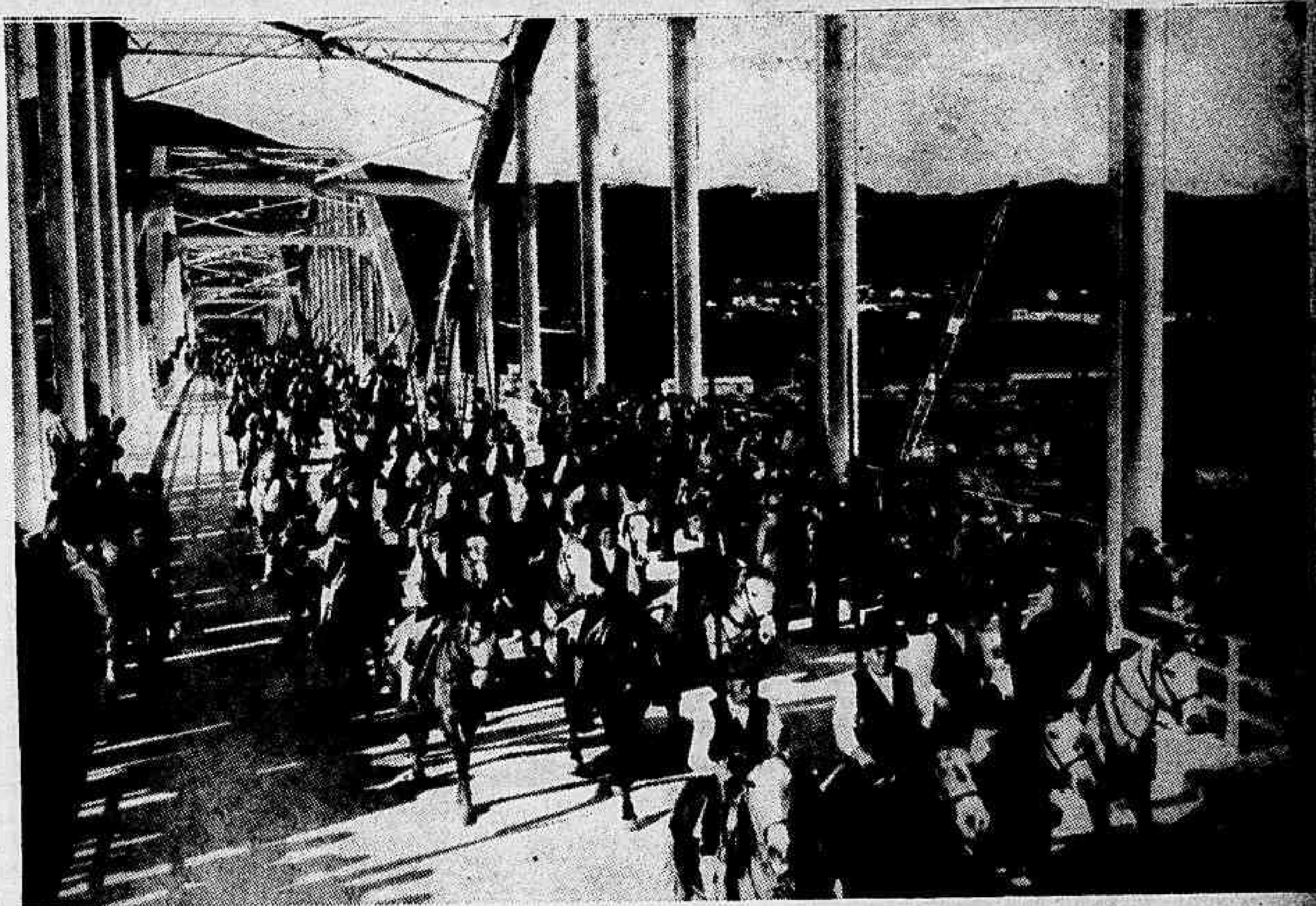


A bênção litúrgica, ato de que se desincumbiu o Cardeal Patriarca de Lisboa, vendo-se ao fundo o Presidente Craveiro Lopes, o sr. Salazar e outras autoridades.

Lisboa, janeiro — (via aérea).

A linda e caracteristica Vila Franca, a capital de leziria, vestiu suas mais luzidas e garridas galas para viver em expansão de alegria esfusiante, a realidade de um grande sonho que ela viveu embalada um quarto de século com a inauguração da ponte sôbre o Tejo, oficialmente denominada "Ponte Marechal Carmona". Foi no penultimo dia do ano de 1951 que se realizou essa solenidade. As 7 e 30 da manhã, a vila foi acordada pelo início das salvas de morteiros que ininterruptamente se faziam ouvir pondo no ambiente uma nota vibrante do mais intenso e sentido contentamento. E começou então o desfile dos ternos de clarins dos Bombeiros Voluntários com as formações da M. P. que percorriam as principais ruas da vila do colete encarnado, acompanhados pela banda do Ateneu Artistico Vilafranquense. As 10 horas da manhã, a multidão invadia tôdas as ruas e praças. Por tôda a parte havia dísticos, legendas de saudação e de agradecimento do povo ás autoridades promotoras dêsse grande melhoramento. Uma hora mais tarde era inaugurada oficialmente a grande ponte, com a presença das principais autoridades do país. E pouco mais tarde era entregue aos populares a ponte ligando as duas margens do Tejo constituindo um dos melhoramentos de maior utilidade para os povos do Ribatejo e do Alentejo.

Essa grande obra de engenharia tem 1.224 metros de comprimento, dos quais 520 sôbre o rio pròpriamente dito e os restantes 704 divididos pelos dois viadutos de acesso. Na construção entraram: 31 mil metros cúbicos de betão, 9.800 toneladas de cimento, 3.700 toneladas de pêso de aço das armaduras, 3.100 toneladas de estrutura metálica. Somou o custo dessa obra gigante, que honra a engenharia portuguêsa, a quantia de .... 120.093.000$00 (escudos).



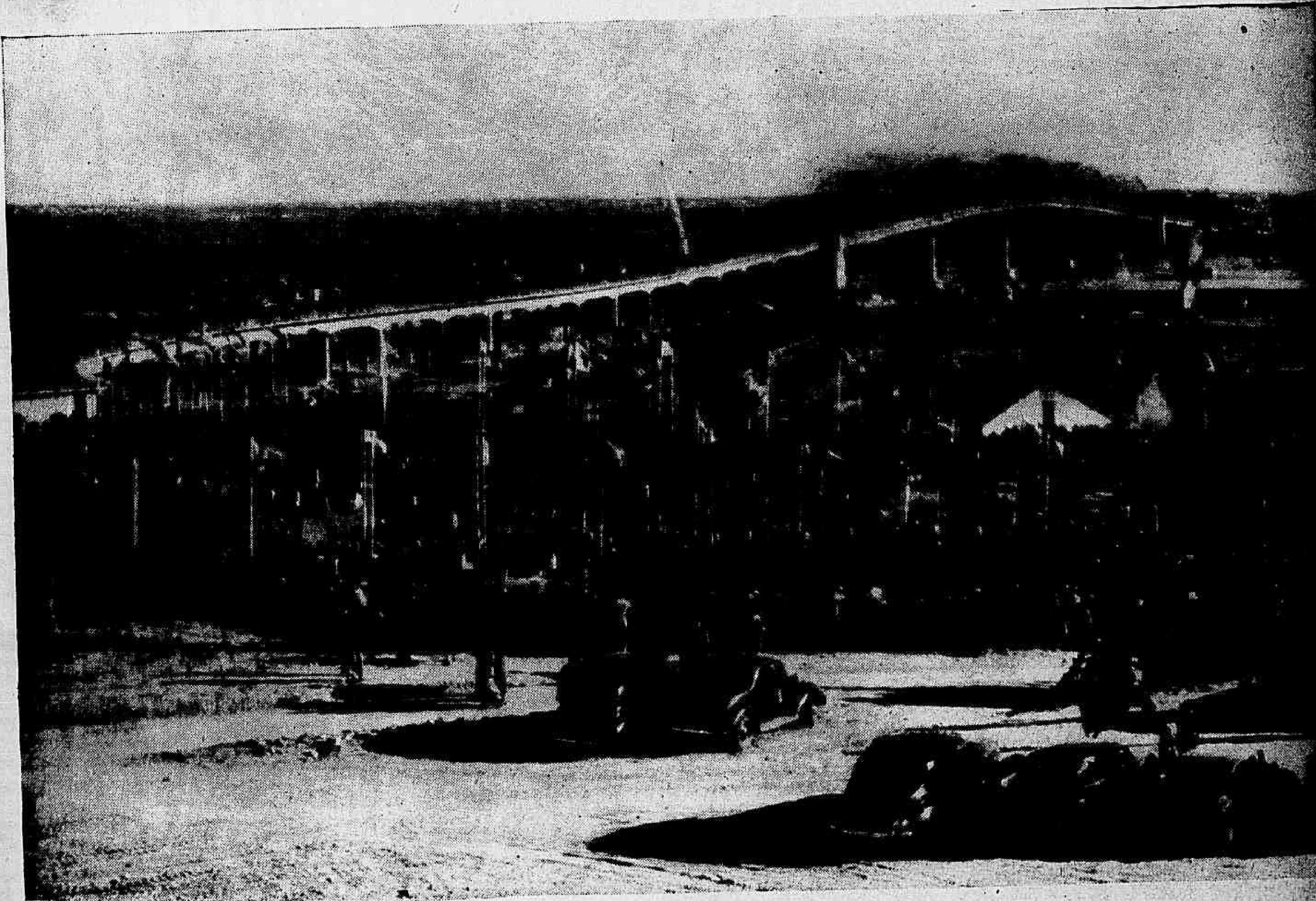
Inaugurada a ponte, uma cavalhada de ribatejanos em roupas típicas faz o seu percurso, pela primeira vez.

O início das obras deu-se ha pouco mais de dois anos, constituindo agora uma fonte econômica de alto aprêço.

Ao promover a benção da ponte, assim falou o Cardeal Patriarca:

— O dia de hoje é uma grande data nacional. Em nome da Igreja e no meu faço votos porque todos os que tiverem de passar por aqui recebam as bençãos do céu e estejam livres de todo o perigo.

E milhares de cidadãos portuguêses e de outros países, desde o penultimo dia do ano recém-findo, já atravessaram aquela imponente obra de engenharia, que ficou sendo agora mais um motivo de atração turística para a capital portuguêsa.



Vista geral da ponte sôbre o Tejo, que tanto entusiasmo despertou na população dos campinos do Ribatejo. Flagrante colhido por ocasião da inauguração.

A Senhora Neigeon

Conto de EMILE ZOLA

III

PASSARAM-SE dez dias, Felix desapareceu; não encontro pretexto algum para me aproximar da senhora Neigeon. Vejo-me reduzido, para me ocupar dela, a comprar cinco ou seis grandes jornais, onde leio o nome do marido dela. Êle interveio na Câmara, num debate sério, e pronunciou um discurso que está sendo muito comentado. Em outros tempos eu acharia êsse discurso insuportável. Hoje me interessa, entrevejo atrás das frases fibrosas as tranças negras e o pescoço alvo. Tive mesmo uma violenta discussão com um cavalheiro que mal conheço, a respeito do sr. Neigeon, cuja incapacidade defendo. Os ataques maldosos dos jornais põem-me fora de mim. Sem dúvida, êsse homem é um imbecil; mas isso ainda mais prova a inteligência de sua mulher, caso ela seja, como afirmam, a boa fada de sua carreira.

Durante êstes dez dias de impaciência e de idas e vindas inúteis, fui cinco ou seis vêzes à casa de minha tia, esperançoso sempre de algum feliz acaso, de algum encontro imprevisto. Aliás por ocasião da minha última visita desagradei tão sèriamente a condêssa que não me atreverei tão cedo a tornar a vê-la. Ela se decidira a arranjar para mim um pôsto na diplomacia, por intermédio do sr. Neigeon; e foi grande sua surprêsa quando recusei, alegando minhas opiniões políticas. O pior é que eu havia aceitado no primeiro instante, quando não amava Luisa e ainda não me repugnava o fato de dever um obséquio a seu marido. Por isso, minha tia, que não pôde compreender meu excesso de delicadeza, surpreendeu-se com o que ela chamou um capricho de criança. Então, não há legitimistas tão escrupulosos quanto eu, que representam a república no estrangeiro? Pelo contrário, a diplomacia é o refúgio dos legitimistas; êles enchem as embaixadas, prestam à boa causa um serviço útil, ocupando os cargos elevados que os republicanos almejam. Eu estava muito perplexo para responder com bons argumentos, refugiei-me num rigorismo ridículo e minha tia acabou chamando-me de louco, mais furiosa ainda pelo fato de já haver falado a respeito com o sr. Neigeon. Não importa. Luisa não julgará que eu a cortejei para obter um pôsto no ministério.

Haveriam de rir-se de mim se eu contasse os estranhos sentimentos que experimentei nesses dez dias. Primeiro, convenci-me de que Luisa notara a perturbação profunda em que me havia lançado o contato de sua saia em meu joelho e daí conclui que eu não lhe desagradava, uma vez que ela não se afastara imediatamente. Via nisso como que uma antecipação sensual que ultrapassava o permitido pela faceirice. Isto são notas sinceras, uma espécie de confissão onde nada escondo. Muitos homens, se dissessem tudo, confessariam que os ambientes mudam, mas que a mulher permanece a mesma. No amor, a mulher entrega-se ou permite que a tomem. Refiro-me às mulheres casadas, às mundanas que têm que salvar as aparências. Os homens que as desejam sentem depressa quando elas se oferecem, sob as boas maneiras da educação e o requinte do luxo. Tudo isso é para dizer que, em meu egoismo de amante, eu achava natural uma possível ligação entre mim e Luisa. Aquela ponta de saia sôbre meus joelhos era simplesmente de uma franqueza e de um arrôjo encantadores.

Apenas, algumas horas depois, punha-me a duvidar, argumentava em sentido oposto. Só uma perdida poderia oferecer-se assim, eu era um tolo em pensar que u'a mulher se atirava a meu pescoço estouvadamente. A sra. Neigeon não pensava em mim. Talvez tivesse amantes, mas suas ligações eram certamente mais calculadas e menos complicadas. Devia ser grande a distância entre a mulher que eu sonhara, a mulher tôda instinto, obedecendo a seu prazer, e a mulher hábil, a parisiense muito dissimulada, que sem dúvida ela era.

Ela me escapou, então, inteiramente. Nem mesmo a via mais, nem mesmo sabia mais se era realmente verdade que eu estivera cinco minutos na sombra de um camarote, a senti-la viver como eu.

II.º

E fui muito desditoso, a ponto de pensar um instante em voltar a encerrar-me no Boquet.

Anteontem ocorreu-me, finalmente, uma idéia que me surpreendeu de não haver tido imediatamente. Era de ir assistir a uma sessão da Câmara; talvez o sr. Neigeon falasse; talvez sua mulher estivesse presente. Mas estava escrito que eu ainda não veria o diabo dêsse homem. Êle devia falar, mas nem mesmo apareceu: dizia-se que ficara prêso em não sei qual comissão do Senado. Em compensação, ao sentar-me no fundo de uma tribuna, senti um choque, ao avistar a senhora Gaucheraud na primeira fila da tribuna em frente. Ela me viu, olhou-me sorrindo. Que pena! Luisa não estava com ela. Minha alegria desapareceu. À saída, fiz por me encontrar com a senhora Gaucheraud num corredor. Ela se mostrou íntima. Felix certamente lhe falara a meu respeito.

— Será que o senhor se ausentou de Paris? — perguntou-me.

Permaneci calado, revoltado com a pergunta. Eu que andava tão furiosamente pela cidade!

— E' que não se consegue encontrá-lo em parte alguma. A última recepção no ministério estêve magnífica e houve uma exposição hípica maravilhosa...

Depois, perante meu ar de desespêro, começou a rir.

— Vamos, até amanhã — disse ao se afastar. — O senhor estará lá, não é?

Respondi que sim, pasmado, não ousando arriscar uma pergunta, temeroso de vê-la rir novamente. Ela voltara-se e fitava-me com ar malicioso.

— Vá — murmurou ainda, no tom discreto de uma pessoa amiga que me reservasse alguma surprêsa feliz.

Assaltou-me uma vontade louca de correr atrás dela, para interrogá-la. Porém ela já entrara noutro corredor e eu exaltei-me contra o meu amor próprio que me impedia de confessar minha ignorância. Certamente, eu estava pronto a ir lá, mas onde era êsse lá? A indecisão dêsse encontro atormentava meu espírito e eu sentia além disso vergonha por não saber o que o mundo sabia. À noite, corri à casa de Felix, disposto a obter dêle, hàbilmente, a informação que me faltava. Felix saira. Então, aflito, mergulhei na leitura dos jornais, no meio das informações publicadas para o dia seguinte, qual o lugar onde seria elegante as pessoas se encontrarem. Minha perplexidade aumentou, havia tôda espécie de cerimônias: uma exposição de mestres antigos, um bazar de caridade num grande clube, u'a missa cantada em Sta. Clotilde, um ensaio geral, dois concertos, uma imposição de hábito, sem contar numerosas corridas. Como um recém-chegado, um provinciano que tinha consciência de sua falta de jeito, poderia interpretar semelhante confusão? Eu bem compreendia que a suprema elegância era as pessoas dirigirem-se para um dêsses lugares; mas qual. Deus todo-poderoso? Enfim, com risco de consumir-se o dia inteiro e de ser devorado pela impaciência, caso me enganasse, ousei escolher. Parecia-me estar lembrado de certas palavras das duas senhoras sôbre corridas de Maisons-Laffitte e uma inspiração impeliu-me, resolvi ir às corridas. Tomada essa decisão, senti-me mais calmo.

Que encantador cantinho de terra é êsse arrabalde de Paris! Eu não conhecia Maisons-Laffitte, que me deixou enlevado com suas casas tão alegres, edificadas numa encosta que margina o Sena. Estamos em princípios de maio, as macieiras inteiramente alvas parecem grandes ramalhetes, no meio do verde delicado dos plátanos e dos olmos.

Entretanto, senti-me no começo muito deslocado, perdido entre os muros e as cêrcas vivas, porque não queria perguntar o caminho a ninguém. Tive a satisfação de ver muita gente tomar o mesmo trem que eu; mas, entre ela não se encontravam as duas senhoras, e à medida que eu observava os transeuntes em Maisons-Laffitte, meu coração se apertava. Estava quase me perdendo, fora das habitações, ao longo do Sena, quando forte emoção me fêz estacar junto a um espinheiro. A cinqüenta passos, caminhando em minha direção, um grupo de pessoas adiantava-se vagarosamente e reconheci Luisa e Berta; Gaucheraud e Felix, sempre inseparáveis, vinham alguns passos atrás. Então eu adivinhara! Isso me encheu de orgulho. Mas tão grande era minha perturbação que cometi uma verdadeira infantilidade. Escondi-me atrás do pinheiro, dominado por uma vergonha indefinível, temeroso de parecer ridículo. Quando Luisa passou, a fímbria de seu vestido roçou pelo espinheiro. Compreendi imediatamente a tolice de meu primeiro impulso. Por isso me apressei a dar uma volta e, quando os passeantes chegavam a uma dobra da estrada, surgi com o ar mais natural possível, como um homem que se julga sòzinho e se entrega à meditação ao ar livre.

— Olha! é você! — gritou Gaucheraud.

Cumprimentei, fingindo grande surprêsa. Houve exclamações, trocamos apertos de mão. Mas Felix ria com seu ar estranho; enquanto Berta me dirigia uma piscadela que estabeleceu entre nós certa cumplicidade. Haviamos voltado a andar, e eu fiquei com ela, atrás, alguns segundos.

— Então, o senhor veio? — disse-me jovialmente a meia voz.

E, sem me dar tempo para responder, gracejou comigo acrescentando que eu era muito feliz ainda ser tão criança. Eu sentia nela uma aliada. Parecia-me que ela teria uma alegria pessoal se colocasse a sua amiga em meus braços. Depois, havendo Felix se voltado para perguntar.

— Mas de que estão rindo?

— E' o senhor de Vaugelade que me está contando sua viagem com uma familia inglêsa — respondeu tranqüilamente.

Gaucheraud retomara o braço de Felix e arrastava-o como que para não estorvar minha conversação com sua mulher. Fiquei sòzinho entre Luisa e Berta, e passei assim uma hora deliciosa, naquele caminho umbroso que ladeava o Sena.

Luisa estava com um vestido de séda, clara, e sua sombrinha forrada de rosa, banhava-lhe o rosto numa claridade cálida e suave, sem uma sombra. O campo tornava-a ainda mais livre, fazia-a falar em voz alta, olhar-me de frente, responder a Berta que a provocava a conversações audaciosas, com uma insistência que mais tarde me impressionou.

— Mas dê o braço à senhora Neigeon — acabou por me dizer Berta. — O senhor não é cavalheiresco, bem vê que ela está fatigada.

Ofereci meu braço a Luisa, que nêle se apoiou imediatamente. Mas Berta reunira-se ao marido e Felix e nós ficamos sòzinhos, a mais de quarenta passos de distância. A estrada subia a encosta e nós caminhamos muito devagar. Embaixo corria o Sena, entre prados que se desdobravam como tapêtes de veludo verde. Havia uma ilha, longa e estreita, cortada pelas duas pontes onde passavam trens, com um ribombar longínquo de trovoada. Depois do outro lado da água, estendia-se uma planície imensa e plantações até o monte Valeriano, cujas edificações cinzentas eram visíveis num polvilhar de sol. E o que me comoveu até às lágrimas era o cheiro de primavera espalhado à nossa volta, e que subia da vegetação, dos dois lados da estrada.

— Voltará breve ao Boquet? — perguntou-me Luisa.

Tive a tolice de responder não, não adivinhando que ela ia acrescentar.

— Ah! é pena porque partimos na semana que vem para os Mùreaux, a propriedade de meu marido que fica a duas léguas da sua, creio, e êle tenciona convidá-lo para nos visitar.

Ilustração de GIL RIBEIRO

Gaguejei, disse que meu pai talvez me chamasse mais depressa do que eu pensava. Parecera-me sentir seu braço premir com mais fôrça o meu. Seria então um encontro que ela estava marcando comigo? Na idéia galante que eu fazia daquela parisiense, tão livre e tão requintada, construí imediatamente um romance, uma ligação oferecida no campo, um mês de amor sob as grandes árvores. Sim, era isso, sem dúvida ela encontrava em mim os encantos de um gentil-homem do campo, queria amar-me lá longe, no meu ambiente.

— Tenho uma censura a lhe fazer — continuou ela sùbitamente, revestindo um ar meigo e maternal.

— Qual? — murmurei.

— Sim, sua tia falou-me a seu respeito. Parece que o senhor não quer aceitar coisa alguma de nós. Isso é muito ofensivo. Por que recusa, diga?

Corei pela segunda vez. Estava a ponto de arriscar uma declaração, de gritar. "Recuso, porque amo-a". Porém ela teve um gesto, como se compreendesse e quisesse fazer-me calar. Depois acrescentou, rindo.

— Se é orgulhoso, se faz questão da pagar obséquio com obséquio, de boa-vontade aceitaremos sua proteção, em sua terra. Sabe que há a eleição de um conselheiro geral. Meu marido vai apresentar-se, mas receia ser derrotado, o que seria muito desagradável, em sua situação... Quer ajudar-nos?

Era impossível ser mais encantadora. Essa história de eleição pareceu-me um pretexto de mulher inteligente para nos encontrarmos nos campos.

— Sem dúvida que a ajudarei — respondi alegremente.

— E se conseguir fazer eleger meu marido, fica entendido que meu marido lhe dará uma ajuda?

— Negócio feito.

— Sim, negócio feito.

Estendeu-me a mãozinha, que eu apertei.

Gracejávamos ambos. Isso realmente me parecia encantador. As árvores haviam deixado de fazer sombra, o sol caía a pino no alto da encosta e nós caminhávamos em meio a um grande calor, ambos calados. Mas o imbecil de Gaucheraud veio perturbar êsse silêncio, que vibrava sob o céu de fogo. Ouvira-nos falar do conselho geral e não me largou mais, contando-me a história de seu tio, manobrando de forma a se fazer apresentar a meu pai. Afinal, chegamos ao prado. Êles acharam as corridas magníficas .Eu, de pé todo o tempo, atrás de Luisa, fitei seu delicado pescoço. E que regresso adorável, com um aguaceiro inesperado! O verde da campina, sob a chuva, fizera-se ainda mais suave, as fôlhas e a terra cheiravam agradàvelmente, tinham um cheiro de amor. Luisa semicerrava os olhos, cansada e como que dominada pela voluptuosidade da primavera.

— Lembre-se de nosso trato — disse-me na estação, ao subir para sua carruagem que a esperava. — Nos Mûreaux, dentro de quinze dias, não é?

Apertei a mão que ela me estendia, e receio mesmo haver sido um pouco excessivo, porque pela primeira vez ela me pareceu séria, com duas rugas de desagrado nos lábios. Mas Berta parecia incitar-me sempre a ousar cada vez mais e Felix conservava seu sorriso enigmático, enquanto Gaucheraud me batia no ombro, gritando-me:

— Nos Mûreaux, dentro de quinze dias, senhor de Vaugelade... Lá estaremos todos.

Que o leve o diabo!

IV

Estou de volta dos Mûreaux e meu espírito está tão cheio de pensamentos contraditórios que preciso narrar a mim mesmo o dia que acabo de passar ao lado de Luisa, a fim de conseguir formar uma opinião exata.

Embora os Mûreaux fiquem apenas a duas léguas do Boquet, eu conhecia pouco êsse canto de nossa terra. O terreno de nossas calçadas fica para os lados de Gommerville, e como é preciso dar uma volta muito longa para atravessar o riozinho de Béage, eu não estivera ali dez vêzes em minha vida. O outeiro é, todavia, delicioso, com sua estrada que sobe, orlada de grandes nogueiras. Depois, no planalto, torna-se a descer e os Mûreaux ficam na entrada de um vale cujos declives depressa se apertam numa estreita garganta. A residência, uma casa quadrada do século dezessete, não tem grande importância, mas o parque é magnífico, com seus amplos gramados e o pedacinho de floresta que o termina, tão denso que as próprias alamêdas foram invadidas pelos galhos.

Quando cheguei a cavalo, dois grandes cães acolheram-me com latidos e saltos prolongados. Eu avistara na extremidade da avenida u'a mancha branca. Era Luisa, vestida de claro, com chapéu de palha. Não desceu ao meu encontro, ficou imóvel e sorridente, no grande patamar que leva ao vestíbulo. Seriam quando muito nove horas.

— Ah! como é encantador! — gritou-me. — Pelo menos é madrugador!... Como vê, ainda sou a única pessoa do castelo que se levantou.

Cumprimentei-a por essa bela coragem de parisiense. Ela, porém, acrescentou rindo:

— E' verdade que só estou aqui há cinco dias. Nas primeiras manhãs, levantar-me-ei com as galinhas... Apenas, a partir da segunda semana, retomo a pouco e pouco meus hábitos de indolência, acabo por descer às dez horas, como em Paris... Enfim, esta manhã, ainda sou uma camponesa.

Nunca ela me parecera tão deliciosa. Em sua pressa de sair do quarto, prendera descuidadamente os cabelos, enrolara-se no primeiro roupão que encontrou; e, muito louça, com os olhos úmidos de sono, voltava a ser criança. Em seu pescoço esvoaçavam pequenas mechas. Eu via seus braços

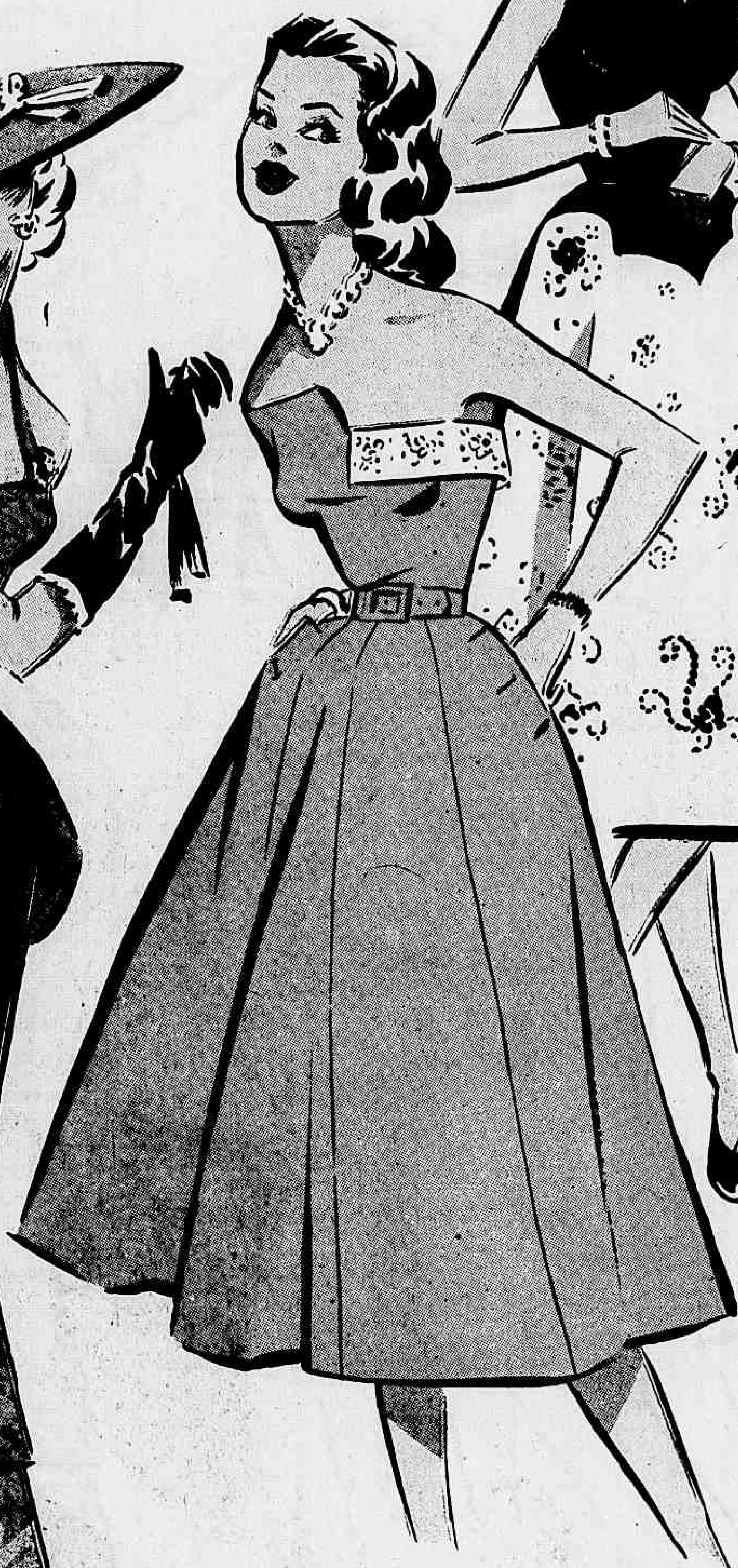
(Cont. na pág. 51)



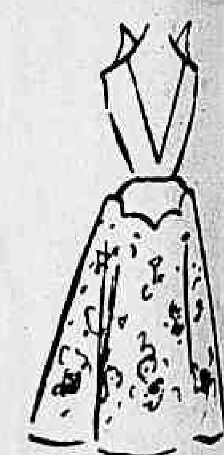
PASSEIO





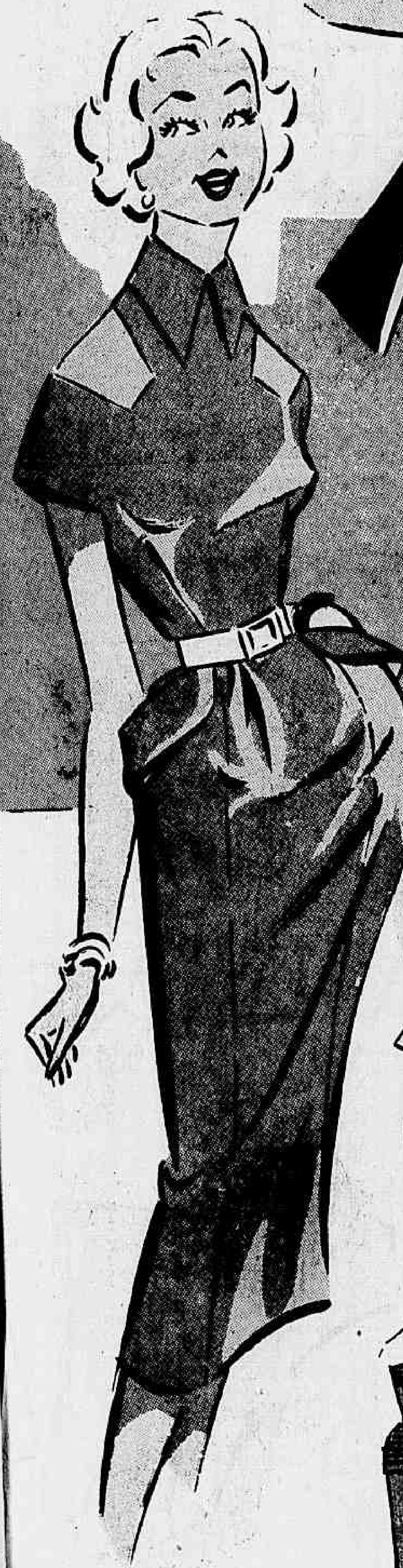




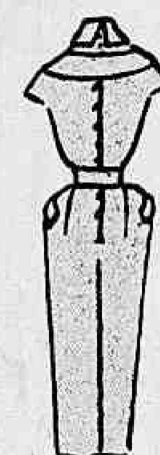




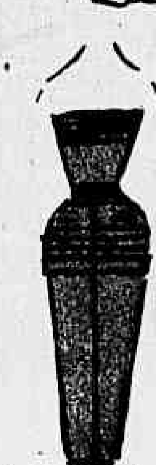
AGORA que o período de Festas passou e antes de cuidar das fantasias para o Carnaval — que está apenas por um mês — Ramos oferece às leitoras êstes modelos para passeio. Decotes em V, vestidos com e sem alças, golas bem armadas, cinturas finas e laços armados na parte dianteira, mas tudo deixando os braços com movimentos livres e sem afogar o pescoço, porque a temperatura é cada vez mais alta. Não admira, estamos no verão e o contrário é que seria de estranhar... Reparem os tipos de chapéus predominando abas largas, copas baixas e poucos adornos. Tudo simples, prático e confortável.



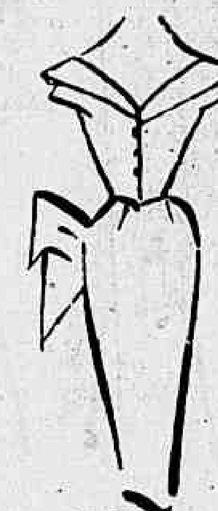


















Mudei a roupa, tomei chá quente, mas não me esquecia daquele beijo...











O time de Russ perdeu. Depois do jôgo fui esperá-lo...















Enlace

[FL]AGRANTES apanhados no dia 29 de dezembro próximo passado, nesta [c]apital, por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Flora Amélia Va-[...] com o Sr. Jayme de Freitas. Elementos do maior destaque no nosso [...] acontecimento constituiu um fato marcante nos círculos sociais do Rio.





O PEQUENO CONTO

O CARRASCO

CHING LIN



O velho Sin-Lui-Ling levantou-se quando viu Fon-Fang-Siu entrar na casa de chá, onde se encontrava, na espectativa, desde longas horas. Curvou-se ante a robusta figura do "carrasco" e falou:

— Que as brisas primaveris tragam o eflúvio dos jasmins sôbre a tua pessoa! Que todos os caminhos se abram ao teu passar, relvados e sem curvas! Eu sou o velho Sin-Lui-Ling e venho das montanhas onde a neve veste os cimos para alegrar os olhos da gente.

— A que me queres, digno Sin-Lui-Ling? Poderei eu, mísero mortal, oferecer meu braço fraco à tua decrepitude honrada?

— Podes, sim!

— Então, fala!

★

Sentaram. Após as infindáveis cerimônias do chá, após uma troca longa de recíprocos cumprimentos, o velho narrou:

— Eu tinha uma neta que era a luz dos meus olhos já cansados. Era ela que cozinhava o meu arroz. Era ela que regava as minhas flores. Era ela que extendia a minha esteira quando o astro doirado tomava o rumo do repouso. E quando as estrêlas piscavam, altas, era ela que me embalava com o seu canto, espargindo o orvalho canoro por sôbre o meu espírito que se aquietava. Certa vez...

Narrou-lhe, então, o aparecimento do estrangeiro odiado. Um rapagão cheio de vida, ruidoso, desempenado. Disse-lhe a cupidez do branco que logo arpoou com os seus desejos a neta dileta. Fácil foi ao homem dominar a vontade daquela bonequinha simples e pura. Depois, não mais houve cantos, não mais houve risadas. Sòmente lágrimas. O branco desaparecera e a pequeninha Ling-Tong morrera como passarinho novo, abandonado no ninho desfeito! Sabia, agora, que o odiado sedutor encontrava-se em Shangai e por isso viera. Desejava "apagar-lhe a alma, destruir-lhe o espírito". Trazia o dinheiro. Poderia o nobre carrasco incumbir-se da missão? Todos os ancestrais de Ling-Tong, que agora repousavam ao pé da montanha, aplaudiriam o gesto vingador!

— Está certo honrado Sin-Lui-Ling — disse o carrasco — Agora dize-me onde posso encontrar o homem e mostra-mo!

★

— E' aquêle! — disse o velho, tremendo como se apanhado por uma febre — Lá está o monstro!

O sedutor estava encostado no largo balcão do bar, onde centenas de chineses, indús, siameses, russos brancos, americanos e inglêses borbulhavam. De sob a larga blusa de sêda negra o carrasco retirou a machadinha. Viram-no os que estavam mais próximo e um silêncio completo serpenteou pelo ambiente, imobilizando a todos. O carrasco estava presente! Algo de terrível ia acontecer!

De fato aconteceu. A machadinha, atirada com fôrça espetacular e com rara dextreza, atravessou sibilando o espaço, indo encrustar-se no ocipital do branco que rodopiou e escorregou para o chão, cabeça fendida como melancia.

Ninguém fêz um gesto para retardar a saida do carrasco e de seu acompanhante. Quando os brancos, num gesto instintivo quiseram avançar, toparam com verdadeira muralha de rostos contorcidos e olhos oblíquos deitando chispas sinistras.

★

Já distanciados, numa viela sórdida e movimentada, os dois homens despediram-se. O velho passou às mãos do carrasco um saquinho contendo várias moedas de ouro.

— Servirá para comprares outra machadinha, filho dileto do meu coração e dos meus olhos!



Enlace

AGRANTES apanhados no dia 29 de dezembro próximo passado, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Flora Amélia Va- com o Sr. Jayme de Freitas. Elementos do maior destaque no nosso o acontecimento constituiu um fato marcante nos círculos sociais do Rio.





O PEQUENO CONTO

O CARRASCO

CHING LIN



O velho Sin-Lui-Ling levantou-se quando viu Fon-Fang-Siu entrar na casa de chá, onde se encontrava, na espectativa, desde longas horas. Curvou-se ante a robusta figura do "carrasco" e falou:

— Que as brisas primaveris tragam o eflúvio dos jasmins sôbre a tua pessoa! Que todos os caminhos se abram ao teu passar, relvados e sem curvas! Eu sou o velho Sin-Lui-Ling e venho das montanhas onde a neve veste os cimos para alegrar os olhos da gente.

— A que me queres, digno Sin-Lui-Ling? Poderei eu, mísero mortal, oferecer meu braço fraco à tua decrepitude honrada?

— Podes, sim!

— Então, fala!

★

Sentaram. Após as infindáveis cerimônias do chá, após uma troca longa de recíprocos cumprimentos, o velho narrou:

— Eu tinha uma neta que era a luz dos meus olhos já cansados. Era ela que cozinhava o meu arroz. Era ela que regava as minhas flores. Era ela que extendia a minha esteira quando o astro doirado tomava o rumo do repouso. E quando as estrêlas piscavam, altas, era ela que me embalava com o seu canto, espargindo o orvalho canoro por sôbre o meu espírito que se aquietava. Certa vez...

Narrou-lhe, então, o aparecimento do estrangeiro odiado. Um rapagão cheio de vida, ruidoso, desempenado. Disse-lhe a cupidez do branco que logo arpoou com os seus desejos a neta dileta. Fácil foi ao homem dominar a vontade daquela bonequinha simples e pura. Depois, não mais houve cantos, não mais houve risadas. Sòmente lágrimas. O branco desaparecera e a pequeninha Ling-Tong morrera como passarinho novo, abandonado no ninho desfeito! Sabia, agora, que o odiado sedutor encontrava-se em Shangai e por isso viera. Desejava "apagar-lhe a alma, destruir-lhe o espírito". Trazia o dinheiro. Poderia o nobre carrasco incumbir-se da missão? Todos os ancestrais de Ling-Tong, que agora repousavam ao pé da montanha, aplaudiriam o gesto vingador!

— Está certo honrado Sin-Lui-Ling — disse o carrasco — Agora dize-me onde posso encontrar o homem e mostra-mo!

★

— E' aquêle! — disse o velho, tremendo como se apanhado por uma febre — Lá está o monstro!

O sedutor estava encostado no largo balcão do bar, onde centenas de chineses, indús, siameses, russos brancos, americanos e inglêses borbulhavam. De sob a larga blusa de sêda negra o carrasco retirou a machadinha. Viram-no os que estavam mais próximo e um silêncio completo serpenteou pelo ambiente, imobilizando a todos. O carrasco estava presente! Algo de terrível ia acontecer!

De fato aconteceu. A machadinha, atirada com fôrça espetacular e com rara dextreza, atravessou sibilando o espaço, indo encrustar-se no ocipital do branco que rodopiou e escorregou para o chão, cabeça fendida como melancia.

Ninguém fêz um gesto para retardar a saida do carrasco e de seu acompanhante. Quando os brancos, num gesto instintivo quiseram avançar, toparam com verdadeira muralha de rostos contorcidos e olhos oblíquos deitando chispas sinistras.

★

Já distanciados, numa viela sórdida e movimentada, os dois homens despediram-se. O velho passou às mãos do carrasco um saquinho contendo várias moedas de ouro.

— Servirá para comprares outra machadinha, filho dileto do meu coração e dos meus olhos!



"MAILLOTS MODERNO



Terry Moore apresenta um modêlo em tecido tampado, côres bem vivas, de uma peça, sem e de grande efeito.

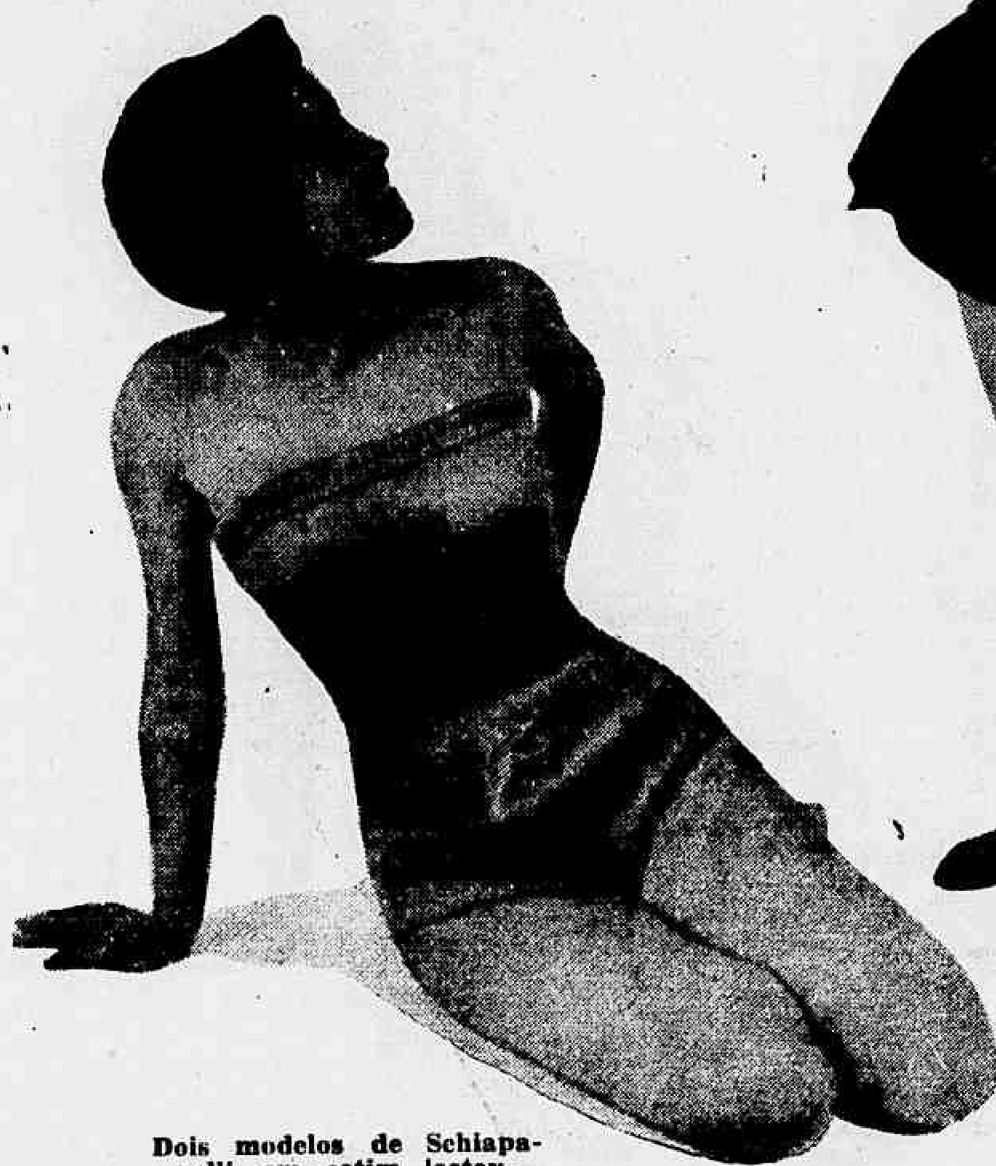
«Maillot» prêto, inteiramente franzido.



Saia franzida em tecido estampado e blusa branca de malha, «toilette» própria para montanha ou praia.



NA coleção dos últimos modelos em "maillots", de Nova ork e Paris, é interessante notar que oltam a predominar os tipos de uma só eça. Aqui estão alguns figurinos para rem submetidos à apreciação das nos- s leitoras.



Dois modelos de Schiaparelli em cetim lastex.

SOBRIEDADE E...



Modêlo de cetim prêto, saia justa com drapeado do lado e blusa de mangas japonêsas com decote em V.



Dois vestidos ligeiros, em sêdas pesadas, em mangas três quartos e saias ligeiramente godê, bem armadas.



Saia godé com bastante roda e dois grandes bolsos. Blusa de mangas japonêsas em três quartos.



A originalidade dêste modêlo está no decote recortado, em forma de capinha. Corpo abotoado transversalmente, saia justa.

Um figurino de grande simplicidade e muita elegância, oferecido por Peggy Dow, em cetim brocado, cintura justa, decote discreto e saia bem rodada.



Elegancia

A temporada de verão não impede que a mulher elegante vá preparando seu guarda-roupa destinado às reuniões para a volta da montanha e da praia. Mesmo durante a época atual, há compromissos sociais que exigem "toilettes" próprias e aqui estão alguns modelos, sugestões que a leitora habilidosa saberá aproveitar.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DE QUE PARTES DE NOSSO CORPO É O CALCIO ELEMENTO ESSENCIAL:

— Das vísceras?
— Dos ossos?
— Dos cabelos?

2 — COMO SE CHAMAVA O PRIMEIRO LEGISLADOR HEBREU:

— Moisés?
— Jesus?
— Abraão?

3 — QUAL O GÁS QUE EXPELIMOS QUANDO RESPIRAMOS:

— Dióxido de carbono?
— Hidrogênio?
— Oxigênio?

4 — QUANTOS SÃO OS TIPOS DE ABELHA QUE MANTÊM AS COLMEIAS:

— Um?
— Dois?
— Três?

5 — EM QUE PARTE DA BÍBLIA HÁ UM CAPÍTULO QUE CONDENA A ESCRAVIDÃO:

— Nos Atos dos Apóstolos?
— No Exodo?
— Em parte nenhuma?

6 — ERA DALILA:

— Amante de Sansão?
— Sua irmã?
— Ou espôsa?

7 — EM QUE SÉCULO SE OPEROU NA EUROPA A RENASCENÇA LITERÁRIA, ARTÍSTICA E CIENTÍFICA:

— XVII e XVIII?
— XV e XVI?
— XIX e XX?

8 — QUAL O PRESIDENTE DO BRASIL QUE GOVERNOU NO QUATRIÊNIO DE 1902 a 1906:

— Rodrigues Alves?
— Campos Sales?
— Prudente de Morais?

9 — DE QUE ESTADO ERA FILHO SÍLVIO ROMERO, POETA, CRÍTICO E HISTORIÓGRAFO:

— Da Bahia?
— Do Paraná?
— De Sergipe?

10 — DE QUE PINTOR É O FAMOSO QUADRO: A DESCIDA DA CRUZ:

— Rafael?
— Da Vinci?
— Rubens?

11 — QUAL O INVENTOR DO AEROPLANO:

— Santos Dumont?
— Montgolfier?
— Os irmãos Wright?

12 — QUE FEITO HERÓICO MARCA A DATA DE 11-6-1875:

— A retirada da Laguna?
— A batalha de Riachuelo?
— A batalha de Tuiuti?

13 — QUAL É O MAIS COMPRIDO E GROSSO DOS OSSOS DO NOSSO CORPO:

— A tíbia?
— O cúbito?
— O fêmur?

14 — QUE NOME TEM A QUARTA LETRA O ALFABETO GREGO:

— Gama?
— Delta?
— Beta?

15 — PARA QUE SERVE O HIGROSCÓPIO:

— Para medir líquidos?
— Para determinar água no leite?
— Para medir a umidade do ar?

(Respostas na página 50)

A SENHORA NEIGEON

(Cont. da pág. 51)

faze o que deves fazer, quanto a mim só me resta retirar-me, porque não estou mais compreendendo.

Na segunda e têrça-feira, hesitei em ir aos Mureaux. Parecia que seria um tanto brutal ir tão depressa procurar agradecimentos. Aliás, as crianças não mais me estorvavam. Eu argumentara, provando a mim mesmo que Luísa era tão pouco mãe quanto possível. Não se dizia, em minha província, que as parisienses jamais sacrificavam um prazer a seus filhos, e que os entregavam aos criados para ficar livres? Ontem, quarta-feira, todos os meus escrúpulos se dissiparam. Devorava-me a impaciência, pus-me em campo, às oito horas.

Tencionava chegar aos Mureaux, como da primeira vez pela manhã. Mas, quando saltei do cavalo, um criado disse-me que a senhora ainda não saíra do quarto, sem se oferecer, aliás para ir preveni-la.

Respondi que esperaria por ela.

E, realmente, esperei duas horas a fio. Não sei mais quantas vêzes dei a volta aos canteiros. De vez em quando erguia os olhos para as janelas do primeiro andar, mas as venezianas continuavam hermèticamente fechadas. Cansado e nervoso com êsse prolongado passeio, acabei por ir sentar-me sob a ramada de ipoméias. Nessa manhã, o tempo estava nublado, o sol não se esgueirava em poeira de ouro por entre as fôlhas. Era quase noite, em meio àquela vegetação. Eu refletia, dizia comigo que devia arriscar tudo. Minha convicção era que, caso novamente hesitasse, Luísa nunca me perdoaria. Eu me animava, evocava o que me fizera julgá-la condescendente e fácil. Meu plano era simples e eu amadurecia: assim que ficasse sòzinho com ela, tomar-lhe-ia as mãos, fingiria estar perturbado, para não assustá-la muito no começo; depois beijar-lhe-ia o pescoço, e o mais caminharia sòzinho. Pela décima vez aperfeiçoava meu plano, quando Luísa de súbito apareceu.

— Onde está o senhor metido? — dizia alegremente, buscando-me na obscuridade. — Ah! está aí! Faz dez minutos que o procuro... Peço-lhe perdão por tê-lo feito esperar.

Respondi-lhe, com a garganta um pouco apertada, que a espera não tinha de fastidiosa quando se pensava nela.

— Eu o avisara, — disse ela — se parecer notas essa sensabedoria de que sou campesina apenas na primeira semana. Agora, tornei-me novamente parisiense e não posso mais deixar minha cama.

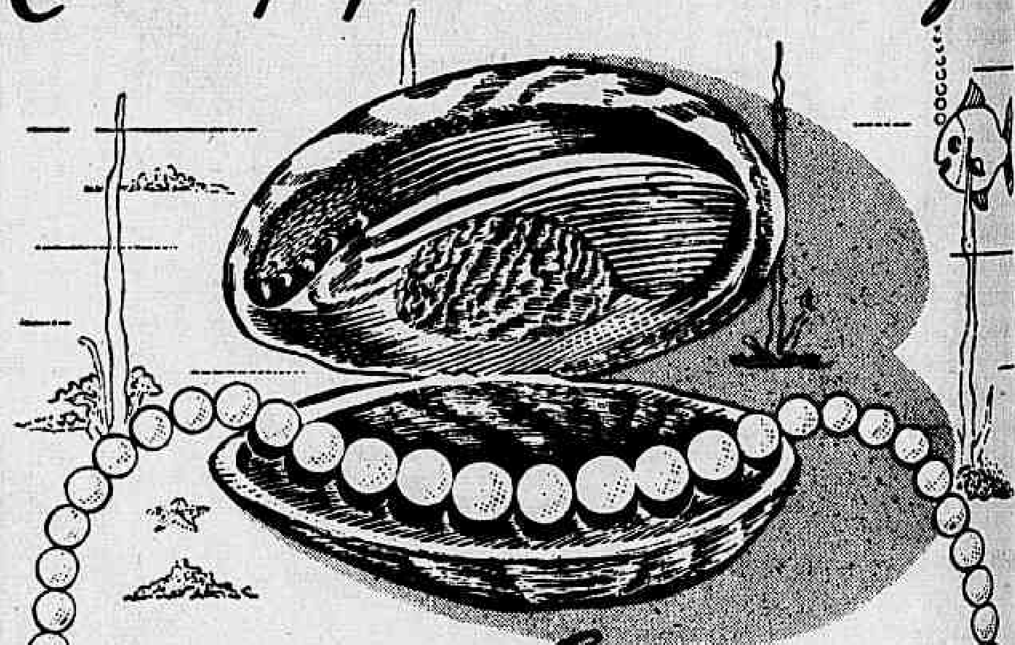
Ficara na entrada da ramada, como se não quisesse aventurar-se no negrume das fôlhas.

— Pois bem! Não vem? — acabou por me perguntar. — Precisamos conversar.

— Mas estamos muito bem aqui — disse eu em voz trêmula. — Podemos conversar nesse banco.

(Cont. no próximo número)

Lindas e perfeitas como a natureza...



as pérolas **Sparta**

são as únicas que dão às suas possuidoras aquela feliz sensação das jóias legítimas.

Apresentando sempre as últimas novidades em braceletes, brincos, gargantilhas e colares de uma a oito voltas — ao mesmo tempo em que são lançadas em Paris e Nova York, facilmente V. encontrará os fascinantes adornos Sparta nas casas de novidades — ao alcance de toda mulher que trabalha.

Identifique os colares da *Moda* pelo nome

Sparta gravado na etiqueta de *Ouro*.

Produto da Inbrapel Limitada — ESCRITÓRIO SPARTA: AV. RIO BRANCO, 20 - 19.º ANDAR - TEL. 23-1063 - RIO DE JANEIRO

WEEK-END NA COZINHA



BACALHAU A TIO SAM

Toma-se 1 quilo de bacalhau sem espinhas, deixa-se de môlho durante 18 horas, mudando-se a água umas três vêzes. Põe-se numa assadeira uma xícara de azeite doce, coloca-se por cima o bacalhau, que se cobre também de azeite, juntam-se 4 cebolas, grandes, 4 tomates grandes cortados em rodelas grossas, 4 pimentões em pedaços grandes e 3 maçãs também cortadas em pedaços grossos e com a casca. Leva-se tudo ao forno brando para cozinhar durante 30 minutos mais ou menos. Quando estiver macio retira-se do forno e derrama-se por cima um môlho feito com 2 gemas cozidas desmanchadas em 1/2 xícara de azeite doce, bate-se bem, juntam-se sal, 1 colherinha de pimenta do reino, 1 de mostarda, 50 gramas de picles picadinhos, 2 colheres de sopa de vinagre e 1 de açúcar. Depois de tudo bem misturado, emprega-se o môlho.

BIFES ROLE

Corta-se a carne em bifes finos, batem-se bem, tempera-se bem, tempera-se com sal, cheiros verdes pimenta do reino. Passa-se um pouco de manteiga em cada bife, colocam-se no meio um ôvo cozido e um pedacinho de toucinho defumado e enrola-se, amarrando-se com uma linha grossa, ou prendendo-se o enrolado com palitos. Os rolos assim preparados vão para uma caçarola com gordura bem quente, deixam-se corar, pinga-se água e em seguida abafam-se com a tampa até cozinhar. Depois de cozidos, tira-se a linha ou o palito, cortam-se ao meio ou arruma-se num prato com a parte do ôvo para cima. Ao môlho que ficou na panela juntam-se alguns tomates, engrossa-se com um pouco de farinha de trigo, junta-se azeitonas e derramam-se por cima. Enfeita-se a volta do prato com torradinhas de pão ou pedacinhos de pão fritos em manteiga.

OVOS ALAMAITRE DE HOTEL

Toma-se um pão de sanduiche descascado e corta-se em fatias grossas de oito ou nove centimetros de grossura e molha-se cada fatia em leite prèviamente temperado com sal, manteiga derretida e queijo parmezão ralado. A medida que se vai molhando cada fatia vai-se arrumando numa travessa que possa ir ao forno, untada de manteiga. Arrumadas tôdas as fatias, tira-se um pouco do centro de cada uma, formando-se uma cova, sem se atingir o fundo da fatia e quebra-se aí um ôvo, cobre-se êsse ôvo com uma fatia fina de queijo prata coloca-se sôbre o queijo uma fatia de presunto, em cima dêste uma bolinha de manteiga, salpica-se tudo com leite e leva-se a travessa ao forno quente. Serve-se cada fatia de pão, assim recheada, sôbre fôlhas de alface.

PAEZINHOS RECHEADOS

10 pãezinhos de leite, 10 gramas de amêndoas, 10 gramas de açúcar, 2 ovos, casca ralada de limão. Corta-se com cuidado o fundo dos pãezinhos, retira-se o miolo e deita-se êste em uma xícara de leite.

Quando bem mole, misturam-se as amêndoas raladas, o açúcar, os ovos e a casca de limão; recheiam-se os pãezinhos com esta massa, coloca-se novamente o fundo, colando-se a beirada com clara. Amarra-se com uma linha e frita-se em gordura quente. Serve-se com creme.

PRATO DE PÊSSEGOS

5 a 6 pêssegos maduros e grandes, açúcar, 1 copo de vinho de sobremesa, creme Chantilly. Descasca-se os pêssegos, corta-se em quartos, tira-se os caroços, põem-se em um prato, povilha-se com açúcar, despeja-se por cima o vinho, cobre-se e deixa-se descansar por 1 hora. Cobre-se depois ou enfeita-se com o creme chantilly, usando-se o saquinho de lançar ou o cartucho de papel pergaminho.

DOCE DE PERAS

Peras, 50 gramas de passas, 50 gramas de sultanas, 50 gramas de corintos, 1/2 colherinha de farinha de batatas, 1 colher de sopa de rum, açúcar e manteiga.

Despeja-se um pouco de água fervendo sôbre as passas, sultanas e corintos e deixa-se amolecendo. Entretanto cozinha-se as peras descascadas e cortadas pelo meio, com o caldo de limão, um pouco de água e manteiga. Quando estiverem moles, retira-se da calda escorre-se e arruma-se em um prato com o feitio de coroa. Desmancha-se a farinha de batatas em um pouquinho de água fria, ferve-se na calda das peras e deixa-se engrossar um pouco. Mistura-se o rum e o caldo de limão às passas, junta-se tudo à calda e põe-se no centro das peras. Serve-se quente.

BARQUETTES COMUNS

A massa: misture 500 gramas de farinha, 250 gramas de manteiga, 1 ôvo, 2 gemas, 1 colher de chá de sal e gôtas de água. Trabalhe o menos possível e deixe descansar 2 horas. Forre forminhas compridas com as pontas finas, como barquinhas, de uns 7 centímetros de comprimento, pique os fundos com uma faca para não estufarem e leve ao fornò vazias.

O recheio: encha com qualquer qualidade de pastéis ou de manteigas, enfeite com pérolas de caviar, de cenouras, de petitspois, 1 camarão, 1 ostra, 1 anchova etc., ou então misture treze elementos como: maçãs, camarões e palmito, pêssego de compota, presunto e pepino, galinha, nozes e espargos, etc., aos pedaços e ligados com maionese.

TOMATES A COULOUME

Tome 12 tomates grandes e vermelhos. Cave-os, fazendo um pequeno círculo com uma faca ao redor dos cabos (devem ficar quase inteiros). Parta picadinha 1 lagosta ou 1 quilo de camarões cozidos em água, sal e cheiro, pique também uns 6 ovos, assim como o centro de alguns pés de alface. Faça môlho maionese misture tudo e tempere com um pouco de môlho, com isto recheie os tomates e tape as aberturas com rodelas finas de pepino de conserva, guarneça o fundo do prato com fôlhas bem verdes de videira, ou de castanheira.

CROQUETTES REINEQUET

O recheio: tome a galinha que sobejou da sopa ou um frango ensopado, tire ossos e peles, e parta em pedacinhos, toste 1 colher de cebola bem picadinha com outra de manteiga e estando loura, junte a galinha, frite mais um pouco e junte 1 colher de chá de farinha de trigo e 2 colheres de sopa de caldo. Se quiser juntar uma latinha de petits-pois, bem escorridos, em cima, ficará melhor.

As capas; misture bem 4 ovos, 6 colheres de farinha de trigo, 2 xícaras de leite e 1 colherinha de sal. Deite manteiga misturada com banha numa frigideira e estando quente, deite 2 colheradas da massa, deixe fritar durante uns 2 minutos e retire, faça pelo menos 24 fôlhas bem finas e de bonita côr. Deite sôbre cada rodela um pouco do recheio e enrole como canudinhos. Arrume num prato, polvilhe de queijo ralado, cubra com môlho de tomate e leve a tostar no forno.

SALADA DE VAGENS E CENOURAS

Limpe 250 gramas de vagens e parta 250 gramas de cenouras ao comprido, semelhante às vagens, leve tudo a cozinhar nágua com sal e 1 colher de açúcar para conservar as côres brilhantes. Depois de cozidas escorra num guardanapo e tempere com 1 colher de azeite, 1/2 talhada de limão e sal.

EMBRIAGADAS

Corta-se fatias de pão de leite, embebem-se em vinho Madeira, depois em ovos batidos e em seguida passa-se em farinha de pão. Frita-se em gordura quente, cobre-se as fatias com marmelada ou geléia e arruma-se em pirâmide.

BÔLO INGLÊZ

250 gramas de manteiga, 250 gramas de açúcar, 250 gramas de sultanas, 2 colherinhas de fermento em pó, 4 a 5 ovos. Depois que a manteiga estiver bem batida, adicionam-se pouco a pouco as gemas e o açúcar. Juntam-se as sultanas meio tostadas na manteiga e frias. Põe-se por último a farinha peneirada com o fermento e, devagar as claras batidas em neve. Leva-se ao forno regular em fôrma untada e povilhada como farinha de pão.

AIPO COM QUEIJO DE MINAS

Tome uns 15 galhos de celeri, (áipo) destaque a parte branca, raspe, apare os fiapos e deite de môlho em água gelada. Faça uma pasta bem ligada com 1/4 de queijo de Minas ralado, 1 pitada de sal, 1 colher de chá de môlho inglês e manteiga quanto basta. Enxugue os talos de celeri e recheie até a metade, na parte côncava, com uma grossa camada de queijo, e leve para a geladeira por 1/2 hora. Sirva com o cocktail.

COCADAS DE OVOS

Tome 450 gramas de côco ralado, 450 gramas de açúcar cristalizado, 12 gemas e 4 claras batidas. Misture tudo e leve num tacho ou panela a tomar ponto; está pronta quando, inclinando a panela, desprende-se completamente do fundo. Despeje numa travessa, alize a superfície e deixe esfriar, depois cubra com uma camada fina de farinha de trigo e guarde para o dia seguinte. Humedeça as mãos com água, enrole a massa em bolas, do tamanho de nozes e arrume num taboleiro polvilhado de farinha de trigo. Passe sôbre cada bola um pouco de gemas desmanchadas e leve a tostar em forno quente. Depois de frias, arrume em caixinhas de papel.

GALINHA A FRANCÊSA

Mata-se a galinha de véspera e tempera-se com sal e alho, vinagre e cebola batidinha. Deixa-se a galinha nesse môlho até ao dia seguinte. Frita-se então, a galinha inteira, em gordura quente, ligeiramente, isto é, sem tostá-la demais. Adiciona-se à galinha frita meio litro de leite e deixa-se cozinhar, quando a galinha já estiver macia, faz-se em separado, o seguinte creme: toma-se meio litro de leite, 1 colher de manteiga, 1 de farinha de trigo, 3 gemas, mistura-se tudo isso a frio e quando estiver bem ligado junta-se ao leite no qual a galinha foi cozida. Leva-se ao fogo êsse creme para engrossar, mexendo-se sempre, corta-se a galinha em fatias arrumando-se numa travessa. Põem-se em volta batatas cozidas e passadas em manteiga e cobre-se tudo com o creme bem quente, polvilhando-se com queijo parmezão.





CINE-NOVELA

PERNAS PROVOCANTES



Do
tutos,
de sua
um se
sença
Amélia
o noive
que lh
Ama-
o fim
nada,
Adol
sua es
conqui
espetac
Para
a noit
das sú
se dis
zem n
ta vez
Nessa
métod
Prep
chegar
as esp
a polí
dendo
não e
Adolp
Nes
na ca
dinhei
de mu
rita r
outros
os qu
os su
abre
de mu
veitar
no úl
pacto
Pou
têm s
As m
um p
a seu
lhere
tram
Est
uma



(La Liga de las muchachas)



ELENCO:

Elsa Aguirre ...... Martha

Miroslava .... Dorita

Rubem Rojo ...... Paulo

Rosina Pagã ...... Amélia

Consuêlo Guerrero de Luna .... D. Remédios

★

Argumento de Raquel e Luís Alcoriza

Direção de Fernando Côrtes

Direção musical de Manuel Esperon

ES

DONA Remédios, mulher rica, decide organizar em sua casa um clube «La Liga de Las Muchachas». O plano, segundo prescrevem os estatutos, é que tôdas as moças que a êle pertençam devem dedicar-se ao cuidado de sua beleza e o aprimoramento de sua inteligência, reconheçam no homem um ser inferior e gozem das vantagens que a vida lhes pode dar sem a presença do sexo forte. Entre as moças que acodem ao clube se encontram: Amélia, que se desentendeu com seu marido Amado, Dorita, que brigou com o noivo Paulo, e Martha, obrigada por um «gangster», que precisava de alguém que lhe abrisse a porta da Liga, para roubar o dinheiro de Dona Remédios.

Amado, Paulo e um amigo dêles, Mário, vão à casa de Dona Remédios com o fim de convencer suas mulheres que abandonem a famosa Liga, mas qual nada, as mulheres, insufladas pela velha, estão imbuídas de novos ideais.

Adolpho Del Toro, vizinho de Dona Remédios e também abandonado por sua espôsa, convida os rapazes para organizarem um plano de ataque e reconquistar as espôsas. O plano se inicia, depois de concertado, de maneira espetacular. A primeira investida consiste em não deixar ninguém dormir. Para isso, um alto falante de possantes vozes grita canções românticas durante a noite e mensagens exortando as espôsas a voltarem. Elas não fazem caso das súplicas. Os rapazes não desistem e resolvem novo plano. Paulo e Amado se disfarçam de médicos, ocultando seus rostos com maquilages e se introduzem na casa com o propósito de falar às suas mulheres. São infelizes ainda desta vez, porque Amélia e Dorita os denunciam e os expulsam, jogando-os na rua. Nessa mesma noite, animados pelos fracassos, decidem os maridos usar novo método: os ciúmes.

Preparam uma grande festa, fingida por certo, em casa de Adolpho e fazem chegar até as jovens os ruídos de garrafas, músicas e vozes femininas. Tôdas as espôsas correm, então, para as janelas e, ao divisarem tal escândalo, chamam a polícia. Um momento depois chega uma patrulha e entra na casa surpreendendo Mário e Amado desempenhando o papel de mulheres, mas a polícia não entende a brincadeira e os leva presos. Graças, porém, à influência de Adolpho são êles soltos.

Nesse ínterim, Júlio recebe uma carta de Martha, na qual ela informa que na casa de Dona Remédios há muitas jóias, pratarias e setenta mil pesos em dinheiro. Nossos amigos pensam em entrar na Liga. Mário e Paulo vestem-se de mulher e se apresentam ante os membros da Liga como novas sócias. Dorita reconhece o seu noivo, mas desta vez não delata. Na rua, Júlio e dois outros pistoleiros tramam o avanço sôbre a casa. Encontram Paulo e Adolpho, os quais pensam que êstes malfeitores são maridos e querem levar à fôrça as suas mulheres. Ficam então apenas olhando. Enquanto isso a porta se abre e várias mulheres atiram à rua os dois maridos, que já estavam vestidos de mulher. Amado e Adolpho vão socorrêlos. Júlio e seus companheiros, aproveitando a confusão, se metem na casa. Paulo explica que foram descobertos no último momento. Amado lhe diz que não se preocupem e lhes conta o pacto que fêz com os outros maridos, que dará resultados satisfatórios.

Pouco depois entram por uma janela e surpreendem os «gangsters», que têm as mulheres reunidas numa sala e estão obrigando-as a depositar as jóias. As moças não estão levando a sério o assalto porque julgam que tudo era um plano de seus maridos. Mas Júlio, cansado de tanta ingenuidade, ordena a seus homens que peguem as mulheres à fôrça. Os rapazes lutam e as mulheres ajudam a subjugar os malfeitores, até que chega a polícia e os encontram já reduzidos à impotência.

Êste incidente dá às mulheres a certeza de que o que estavam fazendo era uma tolice e fazem as pazes com seus maridos.

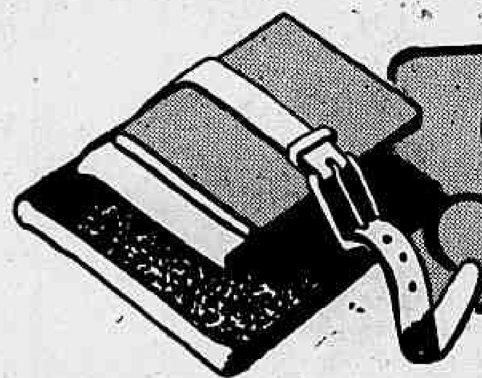




Thomas Wolfe

ÁLBUM DE FAMÍLIA

THOMAS Wolfe é um dos maiores escritores americanos de qualquer época e, como americano, talvez o maior de todos. Mal conhecido entre nós, nunca traduzido para o português, só o podemos ler ou no original — o que exige superior conhecimento do inglês dos Estados Unidos — ou nas traduções francesas que existem, de alguns dos seus livros de maior importância, como a de "Of Time and the River", diante de cuja primeira parte, agora publicada, "Au Fil du Temps", um crítico francês, René Lalou, reconhece a obra de um gigante. Gigante literário, tanto como gigante físico, apelidado pelos seus compatriotas "Long Tom", como êle mesmo, seus livros são também longos e copiosos de páginas e de substância. Aliás, a crítica descobriu que sua obra é sempre autobiográfica e que o personagem Eugênio do seu referido romance, nasceu em 1900, como êle próprio. Ao conjunto dos quatro livros de "Of Time and the Rivel" êle denomina — "fuga diante da fúria". Essa fuga tem em muitos momentos, como reconhece Lalou — um tom de epopéia. Sua obra, seu romance é, por outro lado, como constatou a crítica americana — "the closest thing to the great American Novel we've probably yet had". Se na França comparam Wolfe com Proust, pelos prodígios da memória reconstituitiva, nos Estados Unidos êle só encontra medida na poesia de Whitman: "This incomparable saga of our vast and changeable Continent has found no parallel except in the barbaric sweep of Whitman's verses". Sem dizer que, lendo a prosa turbilhonante, poderosa, escachoando com o estrondo do Niagara, nós somos arrebatados pelo sôpro lírico que palpita em tôdas estas páginas, como um contraponto de sua estrutura épica. Thomas Wolfe estreou em 1929, completamente desconhecido e sua obra de estréia foi "Look Homeward, Angel". Nessa época o livro causou grande escândalo e, entre as coisas que disseram dêle, afirmaram que o autor era — "a monster against life". Depois, verificaram que o escritor era um produto de sua época e que o seu gênio fôra destinado a fixar essa época, isto é, esta. Viram que é de uma sinceridade, de uma verdade só comparável, em fôrça, ao seu poder criador. Hoje, Thomas Wolfe se situa entre os seis ou sete autores contemporâneos de importância universal e capazes de resistir ao tempo, por sua fidelidade ao seu tempo e a si mesmos.



Seman

FRANCISCO DE CASTRO



IVOLINO DE VASCONCELLOS

ACABA de aparecer o livro «Francisco de Castro», da autoria de Ivolino de Vasconcellos, obra laureada pela Academia Brasileira de Letras e publicada em comemoração ao cinqüentenário da morte, que em 1951 transcorreu, dêsse que foi uma das expressões mais altas da medicina e da cultura brasileira, Francisco de Castro, cognominado, pelos seus discípulos maravilhados, o «Divino Mestre».

Foi êste livro oferecido à Academia Brasileira de Letras pelo acadêmico dr. Rodrigo Octavio Filho, que, na apresentação que lhe fêz, teceu os mais encomiosos elogios, declarando tratar-se de uma rememoração viva e palpitante da gloriosa existência do eminente professor brasileiro, digna, portanto, sob todos os aspectos, da láurea acadêmica que lhe fôra concedida. Na mesma sessão teve oportunidade de falar o mestre emérito da Universidade do Brasil, Professor Antônio Austregésilo, que classificou o livro «uma das obras primas das nossas biografias». «O livro, — afirma Austregésilo, — encanta-nos e eleva-nos. O orador aparece-nos, porém o escritor domina, e Francisco de Castro surge-nos como o gênio tutelar da medicina patrícia, formoso e senhoril, dono de um direito criador, morto aos quarenta e quatro anos de idade, já semeara no Brasil a glória dos discípulos, a religião criadora da sabedoria, e o que é mais, a estátua perene do saber e da cultura».

FORA DO

O LIVRO DA SEMANA:

"Richelieu"

Quando, há algum tempo, nos foi dado fazer na Provença a "tournée" dos castelos do Loire, entre aquelas jóias arquiteturais que são os "chateaux de plaisance", visitamos também alguns castelos-fortes, velhas e formidáveis fortalezas que, embora desmanteladas, conservam ainda, como a de Les Baux, as estruturas básicas e nos deixam ver o poderio dos senhores feudais resguardados por aquêles muros de pedra indestrutíveis. Foi exatamente em Les Baux, essa cidade-fantasma a cavaleiro da Camargue e do delta do Ródano, como que escavada nos rochedos assombrosos do sopé dos grandes Alpes que, recordando as côrtes-de-amor provençais, seus trovadores, Folquet de Marselha e Guilhem de Cabestan, recordando aquelas beldades que eram fonte de sua inspiração e, não raro da morte dêles, a apaixonada Berengueira, a linda Alice des Baux e a talentosa Stephanette que respondeu à famosa "question" de Peyronet, indagando "quem ama melhor sua dama, presente ou ausente", foi ali também, que por alguns momentos, recapitulamos a glória do cardeal Richelieu que, decapitando Montmorency e destruindo a praça forte de Les Baux, em 1632, onde êle fizera seguro asilo de calvinistas, pusera fim às veleidades de uma nação protestante no sul da França".

Da obra de Richelieu, de que tivemos como que uma visão palpável diante dos bastiões derruidos do castelo de Les Baux, fala-nos êste livro de Hilário Belloc, já um tanto velho, é certo, mas só recentemente traduzido para o português pelo jesuita padre José de Oliveira Dias e editada pela Livraria Cruz, (Braga, Portugal, 1950) e que recebemos por gentileza da Livraria Antunes. Não se trata de uma biografia de Armando-João du Plessis, imortalizado como Cardeal Richelieu. O estudo de Belloc é antes, como êle nos previne, destinado apenas a mostrar que Richelieu acentuou a divisão religiosa da Europa, em bem da

Literária



EDMUNDO LYS

Como obra biográfica, o autor, — conforme foi ressaltado pelo acadêmico Carlos da Silva Araujo, na apresentação que lhe fêz à Academia Carioca de Letras, — trata-se do livro de quem já consagrara «acatado historiador da medicina e portanto indicado, como os que mais o pudessem, para elaborar excelente ensaio biográfico sôbre o inesquecível mestre».

Considerações semelhantes teceu-as o acadêmico Othon Costa, perante a Federação das Academias de Letras do Brasil, ao escrever: «Ivolino de Vasconcellos, que já havia conquistado um grande nome nos meios científicos brasileiros, conquistou, agora, com a publicação de sua magnífica obra, em tôrno da fascinante personalidade de Francisco de Castro, uma legítima e honrosa reputação literária. Seu livro não é sòmente uma excelente e louvável homenagem ao insigne mestre brasileiro, que tanto elevou e prestigiou a nossa medicina; é também obra de inquestionável merecimento literário, que vem consagrar o seu nome entre os dos nossos mais brilhantes escritores contemporâneos».

CORREIO DA SEMANA

NILO APARECIDA PINTO — Escreve-nos o sr. Hélio Nogueira, indagando se o poeta Nilo Aparecida Pinto é poeta espírito-santense, conforme a antologia «Poetas Capichabas», de José Vitorino, publicada em 1934 — ou mineiro, como saiu no «Album de Família» nesta «Semana», em 6-10-51. As informações fidedignas que colhemos, foram aquelas. Pedimos ao poeta que informe sôbre o caso, endereçando sua comunicação ao interessado, revista «Paisagem», Rio Bonito (E. do Rio), Caixa Postal, 6.

O PRELO

nacionalismo, erigido à altura de uma religião. Para chegar a tal, o autor examina tanto o gênio como a obra do Cardeal, no sentido de sua tese, é certo, mas proporcionando, ao mesmo tempo, ao leitor, um conhecimento mais íntimo do estadista, de sua época e de seu meio. Mais do que em qualquer outra obra sôbre Richelieu, parece-nos esta esclarecedora. Até aqui, tivemos muitos livros sôbre êsse homem extraordinário, não apenas na medida do seu tempo, mas nas proporções da história de todos os tempos e cujo gênio não encontrou ainda a sua réplica, nem dentro, nem fora da França, mau grado todos os seus defeitos e algumas de suas fraquezas — uns e outros sôbre que tem se apoiado geralmente a literatura a seu respeito. Até o livro de Belloc, cuja fé não impede o autor de ver claro — diríamos, melhor, cuja fé o leva a ver mais claro — tôdas as obras sôbre Richelieu foram unilaterais, pouco dosadas de crítica, muito apaixonadas, sempre, dando-nos também determinado aspecto de sua obra formidável. Aqui temos uma visão de conjunto do que êle fêz, sem que sejam esquecidos detalhes, através dos quais melhor podemos sentir seu espírito de minúcia, tanto nas grandes, como nas pequenas coisas, diante dos problemas mais importantes como da própria vida doméstica. E assim, o livro de Belloc preenche os claros das biografias e dos estudos até agora divulgados e que se contam por centenas de obras. Por exemplo, aqui, mais do que nas monografias sôbre o cêrco de La Rochelle, vemos e compreendemos o gênio militar do Cardeal, verdadeiro criador do exército moderno, como da marinha da França, como da diplomacia contemporânea, como do estado, segundo o compreendemos hoje, e de tantas outras obras desconhecidas até êle.

Por êste livro de Belloc, bem traduzido, embora muito erros tipográficos atrapalhem sua leitura e até desvirtuem o texto em muitos ponfos, vemos que neste século começa-se a fazer justiça aos grandes injustiçados do passado, aquêles que, por excederem muito à bitola de sua época, foram tão mal compreendidos — como Richelieu na França e, na Espanha, seu grande rival, Olivares (leia-se sôbre Olivares o belo livro de Marañon, mais ou menos da mesma época que o de Belloc) e que, entretanto, foram os criadores do mundo moderno, verdadeiros marcos na história da humanidade.

EDMUNDO LYS



CONTOS E NOVELAS DE VOLTAIRE

SEM dúvida alguma, são os contos e novelas a parte mais moderna e mais duradoura da obra de Voltaire, dêsse Voltaire "de quem se disse a um tempo todo o bem e todo o mal possíveis". Chamaram-no "ginasiano moleque", estigmatizaram-lhe o egoismo burguês, a avareza, a cobiça; "anda sempre a cavaleiro do Parnaso e da rua Quincampoix", observaram. De sua filosofia Faguet afirmou ser "um caos de idéias claras", e a Marquesa de Cjarot deparava nêle com um ar de loucura: "raciocinando sem princípio, sua razão tem acessos, como a loucura dos outros". Entretanto, granjeou tantos admiradores apaixonados quantos detratores exaltados. As contradições do seu pensamento atenuam-se, dizem os admiradores, se é que não desaparecem por completo quando se estudam os textos filosóficos voltairianos na sua ordem cronológica. Se Voltaire foi por vêzes avaro, foi também generoso. Foi duro com seus inimigos e terno com seus amigos; e o fato de ter amado a glória não o impediu de abandonar o Parnaso para defender a causa dos infelizes e lutar contra tôdas as injustiças. Uns e outros, admiradores e detratores, têm razão.

Essas contradições, apontadas pelo Prof. Roger Bastide, são por êle explicadas no profundo estudo da vida e da obra de Voltaire que serve de introdução ao presente volume de "Contos e Novelas". Essas pequenas narrativas, cintilantes de verve, cheias de malícia e bom humor, são consideradas com justeza modelos do espírito francês mais delicioso e requintado: aparecem agora pela primeira vez numa completa edição em língua portuguêsa, em primorosa versão de Mário Quintana, com substanciais notas introdutivas de Sérgio Milliet e rico material ilustrativo.

Os leitores que ainda não conhecem as obras de Voltaire serão surpreendidos pela extraordinária atualidade dessas pequenas obras-primas que não envelheceram absolutamente no decorrer de dois séculos; como se lêssem uma colorida sátira de nossos dias, deliciar-se-ão com "Cândido", esplêndido pasquim, dirigido contra a filosofia otimista de Leibnitz; com "O Ingênuo", em que as contradições e os absurdos da civilização européia são desmascarados pela crítica singela de um selvagem da América; com "O Homem de Quarenta Escudo", onde Voltaire disseca impiedosamente os sofismas dos economistas; com "Zadig" e "A Princesa de Babilônia", encantadoras paródias das fantasias orientais tão em voga na época; com "O Touro Branco", divertido "pot-pourri" da história das religiões; com "Jeannot e Colin", em que o autor expõe no pelourinho os novos-ricos de então, bem parecidos como os de hoje; com "Micrômegas", em que se renovam as aventuras de Gulliver. Em tôdas elas, sob o véu mágico da alegoria, assiste-se à discussão aguda e fina dos problemas eternos da humanidade.

A Editôra Globo acaba de publicar os "Contos e Novelas", de Voltaire, na sua Biblioteca dos Séculos.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



LYTOPHAN

FORA DA TELA

(Cont. da pág. 57)

Um Adolphe Menjou, sem requintes de homem elegante, mas extremamente simpático, pode ser visto agora nos «boulevards» de Hollywood. Um cavalheiro de sessenta e dois anos, pois Adolphe Menjou nasceu em 1890, em Pittsburg, que não se importa muito com o nó da gravata e que aboliu aquêles colarinhos altos, engomadíssimos e muito desconfortáveis. Adolphe Menjou entrou para o cinema em 1921. Tem, portanto, três décadas de ator da tela, mas antes já havia feito teatro. Ao contrário do que se pode pensar fora dos Estados Unidos, êsse artista não perdeu muito da sua popularidade. Os estúdios gostam de contratá-lo e lhe pagam ainda, senão régiamente, como há vinte anos, ainda com certa generosidade. O guarda-roupa de Menjou perdeu muito de seu prestígio, mas suas qualidades de ator parecem apurar-se. Muitos críticos sempre o julgaram apenas um «canastrão» bem vestido, que caia no gôsto das mulheres do mundo inteiro. Seu bigode era petulante — e êle teve de o abolir, em obediência à moda atual. Seus cabelos branquearam, mas o ator gosta de pintá-los com um preparado que sabe conservar a côr primitiva... por sete dias, apenas. De semana em semana Adolphe Menjou tem de substituir tôda a pintura, tal como fazem no mundo inteira aquêles que não se convencem com o entrar da idade. Mas quando lhe perguntam, mais ou menos na intimidade, por que não deixa os cabelos brancos, pois ficaria ainda mais fascinante, Menjou responde que não. Um ator deve resistir à ação do tempo quanto possível. Bem, isso êle diz, mas as fãs de nossos dias já não o encaram com o mesmo interêsse de outróra. Para que foi que apareceram os bonitões de após guerra. Pobre Adolphe Menjou! Como se ilude...

BANQUETE DAS . . .

(Cont. da pág. 7)

"Em primeiro plano, na ordem dos compromissos sagrados das Fôrças Armadas, está a defesa da Pátria, do seu patrimônio material e moral, da sua integridade territorial, da sua independência política e econômica e das suas instituições. Em segundo lugar, incumbe-lhes defender o continente americano contra quaisquer invasores eventuais, pois os interêsses mútuos das nações dêste continente são comuns ao Brasil e a subsistência da nossa Pátria está na dependência imediata da integridade continental e da estabilidade política e econômica de todo o hemisfério. Finalmente, são as nossas Fôrças Armadas os instrumentos de ação com que contamos para cumprir os nossos compromissos internacionais, especialmente os que assumimos como membros da Organização das Nações Unidas. Êsses três objetivos dispostos na ordem de prioridade que acabo de enunciar, resumem a missão precípua das nossas instituições militares. Não será preciso lembrar, também, que a nossa tradição histórica e os nossos interêsses políticos e econômicos nos movem hoje, como nos moveram sempre, a uma política de estreita colaboração com os Estados Unidos da América. E isto reforça, tornando mais fácil, a nossa política de cooperação e amizade com os outros países da América.

"Precisamos estar preparados militar, econômica e financeiramente, para enfrentar as necessidades da nossa própria defesa, como do continente americano se assim o exigirem as circunstâncias. Os compromissos de assistência mútua, nas obras de paz como nos esforços de cooperação armada, impõe-nos esta atitude que também corresponde aos interêsses e aspirações comuns dos povos americanos. Somos um país pacífico. Desejamos a paz e dela precisamos, para consolidar o nosso progresso. Mas não podemos, nem devemos abandonar, por um instante sequer, os nossos esforços de preparação e adestramento para a guerra. Da nossa fortaleza militar dependem a nossa própria subsistência como Nação livre."

Outro fragmento do discurso do primeiro magistrado da Nação que repercutiu de maneira impressionante, pelas características de oportunidade de que se revestiu, foi aquêle em que S. Ex. se referiu aos inimigos da Nação:

"E esta afirmativa tem um sentido mais amplo e mais grave — disse o Presidente da República — se nos lembrarmos em que os nossos inimigos não estão apenas no exterior, nos eventuais agressores a serviço de um imperialismo em expansão; também estão aqui dentro das nossas fronteiras, infiltrados por tôda parte, aguardando o momento propício para disseminar as sementes de desagregação a serviço de ideologias e de ambições que a maioria da Nação repele. Contra êsses inimigos internos, solertes e insidiosos, também devemos estar vigilantes. Combatê-los é, sem dúvida, um dos supremos compromissos das Fôrças Armadas para com a Pátria.

O banquete oferecido pelas classes militares ao Chefe da Nação teve, como se vê, excepcional importância e sua repercussão foi muito além das melhores espectativas.

ASSIM SE GANHA...

(Cont. da pág. 1[illegible])

um título para os muitos que existem na coleção do clube das Laranjeiras. Os segundos passaram a torturar os adeptos dos dois litigantes, pois um empate de última hora roubaria aos "milionários de Bangu" a última "chance", e a derrota era um fantasma para os tricolores que teriam que se arriscar em um campeonato relâmpago com os da camisa alvinegra, com possibilidade de não conseguir o seu grande intento.

O diretor de futebol do Fluminense, à bôca do túnel do seu clube, incitava, com gritos e gestos, para que o time avançasse e procurasse a todo custo o caminho do empate, a tábua de salvação. Depois voltava-se para as arquibancadas e pedia à torcida organizada do Fluminense que, com os seus gritos e "hurrahs", desse ânimo ao quadro para os minutos derradeiros. A exaltação de Benicio Ferreira Filho foi a tal ponto que o chefe do policiamento do Estádio Municipal foi pedir-lhe moderação.

O juiz espanhol Gimenez Molina marca uma falta nas proximidades da grande área do Bangu. Era o derradeiro cartucho. Encarregou-se da cobrança da penalidade o extrema-esquerda Joel. Por um instante a torcida, que rendeu mais de um milhão e trezentos mil cruzeiros nas bilheterias, recorde do atual campeonato, parou de respirar. Joel correu para a pelota, a barreira do Bangu formada compactamente, no arco o goleiro Osvaldo, o crack-galã, esperou direito o seu célebre topete e saiu nervosamente. O tiro parte, forte

(Cont. na pág. 5[illegible])

Respostas ao teste

1—Dos ossos
2—Moisés
3—Dióxido de carbono
4—Três (Rainha, zangão e obreira)
5—Em parte nenhuma
6—Amante de Sansão
7—XV e XVI
8—Rodrigues Alves
9—Sergipe
10—Rubens
11—Santos Dumont
12—Batalha de Riachuelo
13—Fêmur (na perna)
14—Delta
15—para medir a umidade do ar.

A SENHORA NEIGEON

(Cont. da pág. 35)

nus até os cotovelos, quando suas largas mangas se entreabriam.

— Não sabe aonde eu ia? — continuou ela. — Pois bem! Ia ver, naquela ramada, lá adiante, uma trepadeira de ipoméia que, parece, é maravilhosa, quando o sol ainda não fechou suas flores. Quem me disse foi o jardineiro e, como não vi a trepadeira ontem, não quero deixar de apreciá-la hoje... O senhor me acompanha, não é?

Eu sentia muita vontade de lhe oferecer o braço, mas compreendi que seria ridículo. Ela corria como um colegial que houvesse fugido. Chegando à ramada, soltou um grito de admiração. Tôda uma tapeçaria de ipoméias pendia de cima ,era uma chuva de campânulas aljofradas de orvalho, cujos matizes delicados iam do rosa vivo ao violeta e ao azul pálido. Parecia uma dessas fantasias dos álbuns japonêses, de uma graça e de um exotismo delicados.

— Eis a recompensa, quando a pessoa se levanta cedinho — dizia Luisa alegremente.

Depois, sentou-se sob a ramada e eu me permiti instalar-me a seu lado ao ver que ela afastava o vestido, para me dar um lugarzinho. Estava muito comovido, porque me acudia o pensamento de precipitar as coisas, tomando-a pela cintura e beijando-a no pescoço. Bem sentia que isso seria uma brutalidade de alferes que violentasse a virtude de uma camareira. Mas não encontrava nenhuma outa coisa e essa idéia me perseguia, transformava-se em uma espécie de necessidade física. Não sei se Luisa compreendeu o que se passava comigo; não se levantou, revestiu apenas um ar grave.

— Primeiro, conversemos sôbre nossos negócios, não quer? — disse-me.

Zumbia-me os ouvidos e eu forcei-me a ouvi-la. Debaixo da ramada estava escuro e um pouco frio. O sol varava a folhagem das ipoméias com tênues résteas de ouro; e, sôbre o roupão branco de Luisa, elas pareciam môscas de ouro, insetos de ouro que pousassem.

— Em que pé estamos? — perguntou-me ela, com ar de cúmplice.

Contei-lhe então, a estranha mudança que acabava de notar em meu pai. Êle que, durante dez anos, investira contra o novo estado de coisas, proibindo-me de servir à República, dera-me a entender, logo na noite da minha chegada, que um rapaz da minha idade tinha deveres para com seu pais. Eu atribuia à minha tia esta conversão. Deviam haver utilizado mulheres para influenciá-lo. Luisa sorria, ouvindo-me. Acabou por dizer:

— Encontrei o senhor de Vaugelade há três dias num castelo vizinho, onde eu estava de visita... Conversamos.

Depois, acrescentou vivamente:

— Sabe que a eleição para o conselho geral se realiza no domingo. O senhor vai pôr-se em campo imediatamente... Com seu pai o êxito de meu marido está garantido.

— O senhor Neigeon está aqui? — perguntei, após hesitar.

— Sim chegou ontem de noite... Mas não o verá esta manhã, porque partiu para os lados de Gommerville, para almoçar em casa de um proprietário seu amigo, muito influente.

Ela se levantara, eu ainda fiquei um instante sentado, decididamente arrependido de não lhe haver beijado o pescoço. Jamais tornaria a encontrar um cantinho tão escuro, àquela hora matinal, quando ela mal saira da cama, e estava apenas vestida. Agora, era tarde de mais, e senti tão bem que a faria rir se caisse a seus pés sôbre a terra úmida que adiei minha declaração para um momento mais favorável.

Aliás, na extremidade da alamêda, acabava de avistar o corpanzil de Gaucheraud. Ao ver-nos sair do bosquezinho, Luisa e eu, êle deu uma risadinha. Depois, maravilhou-se com a nossa coragem em nos levantarmos tão cedo. Êle acabava de descer.

— E Berta? — perguntou-lhe Luisa. — Passou uma boa noite?

— Por minha fé, não sei — respondeu. — Ainda não a vi.

E, reparando em minha surprêsa, explicou que sua mulher tinha enxaqueca durante o dia, quando entrava em seu quarto pela manhã. Ocupavam dois quartos; isso era mais cômodo, principalmente no campo. E concluiu tranqüilamente, dizendo sem rir:

— Minha mulher adora dormir sòzinha.

Atravessamos, então, o terrapleno que domina o parque e não pude deixar de pensar nas histórias devassas que é costume contar sobre a vida nos castelos. Agradava-me imaginar um ninho de elegante devassidão, amantes caminhando descalços e sem luz ao longo dos corredores, para irem reunir-se às damas em quartos discretos cujas portas ficavam entreabertas. Isso eram prazeres de parisienses perversas, prontas a se aproveitar das liberdades do campo, que emprestavam novo vigor a sua ligação quase no fim. E, de súbito, tive a certeza de ser meu sonho uma realidade, ao ver sair do vestibulo, Berta e meu amigo Felix, ambos indolentes, como que alquebrados, apesar da ótima noite que acabavam de dormir.

— Não está indisposta? — perguntou delicadamente Luisa a sua amiga.

— Não, obrigada. Apenas, você sabe, a mudança, isso deixa a pessoa muito nervosa... E depois, ao alvorecer, há pássaros que fazem tanto barulho!

Eu apertara a mão de Felix. E, não sei por que, pelo sorriso que as duas mulheres trocaram, enquanto Gaucheraud assoviava, de costas curvas e complacentes, acudiu-me o pensamento de que Luisa nada ignorava do que acontecia em sua casa. Ela devia ouvir à noite aquêles passos de homem ao longo dos corredores, aquelas portas abertas e fechadas com prudente lentidão, aquelas baforadas de amor que saiam das negras alcovas, e perpassavam pelas paredes. Ah! por que não lhe beijara eu o pescoço sob a ramada! Uma vez que ela tolerava tais coisas, não se teria zangado. Já eu pensava no lugar da casa por onde poderia entrar, quando viesse à noite, para subir a seu quarto. Havia uma janela baixa, à esquerda do vestibulo, que me parecia excelente.

O almôço era às onze horas. Depois do almôço, Gaucheraud desapareceu para fazer a sesta. Abrira-se comigo e confessara que receava não ser reeleito nas próximas eleições e que tencionava residir três semanas no distrito, a fim de ai conquistar simpatias. Por isso, após haver estado em casa de seu tio, quisera passar alguns dias nos Mûreaux, desejoso de mostrar a tôda a região que estava muito bem com os Neigeon; isso, pensava, devia valer-lhe alguns votos. Compreendi que êle sentia muita vontade de também ser convidado para a casa de meu pai. A desgraça era que ele parecia não gostar de louras.

Passei em companhia das senhoras e de Felix, uma tarde muito alegre. Aquela vida de castelo, aquelas graças parisienses que se recreiam ao ar livre ao primeiro sol do verão são realmente encantadoras. E' o salão ampliador e que provoque nos relvados; não mais o salão de inverno onde as pessoas ficam excessivamente apertadas, onde as mulheres decotadas se abanam com o leque no meio de casacas pretas de pé ao longo das paredes; mas sim um salão em festas, as mulheres, trajadas de claro, a correr livremente pelas alamêdas, os homens de paletó atrevendo-se a se mostrar simplórios, um abandono da etiquêta mundana, uma intimidade que exclui o tédio das conversações artificiais. Devo confessar, contudo, que as maneiras daquelas senhoras continuavam religiosas. Luisa, depois do almôço, ao tomarmos café no terraço, permitiu-me um cigarro. Berta proferia palavras de giria, com naturalidade. Mais tarde, ambas desapareceram, com um grande ruido de saias, rindo ao longe, uma chamando a outra, dominadas por um estouvamento que me perturbava. E' tolo confessar, mas êsses modos novos para mim, faziam-me esperar da parte de Luisa um encontro para uma noite muito próxima. Felix fumava charutos, tranqüilamente. Eu às vêzes o surpreendia a me olhar com seu ar escarninho.

Às quatro e meia, falei em me retirar. Luisa imediatamente protestou.

— Não, não, o senhor não partirá. Prendo-o para o jantar... Meu marido na certa que voltará. O senhor há de vê-lo, finalmente. E' preciso que eu o apresente a êle.

Expliquei-lhe que meu pai estava à minha espera. Havia, no Boquet, um jantar ao qual eu precisava comparecer. Acrescentei, rindo:

— E' um jantar eleitoral, vou trabalhar para a senhora.

— Oh! Nesse caso, — disse ela — vá logo... E, sabe, se tiver êxito, venha buscar sua recompensa.

Pareceu-me que ela enrubescia ao dizer isto. Estaria referindo-se apenas ao pôsto diplomático que meu pai insiste para aceitar? Julguei poder emprestar uma significação mais carinhosa às suas palavras. Assumi, sem dúvida, um ar tão insuportàvelmente presunçoso que, pela segunda vez, a vi ficar séria, com aquela ruga nos lábios que lhe dá uma expressão de altivo descontentamento. Aliás, não tive tempo para refletir nessa brusca mudança de fisionomia. Quando partia, deteve-se em frente à entrada um pequeno carro. Eu já estava pensando na volta do marido. Mas só havia no carro duas crianças, u'a menina de cinco anos aproximadamente e um garotinho de quatro, acompanhados por uma criada de quarto. Êles estendiam os braços, riam; e, assim que desceram, correram a se atirar nas saias de Luisa. Ela beijava-lhes os cabelos.

— De quem são essas belas crianças? — perguntei.

— Minhas! — respondeu-me com ar de surprêsa.

Dela! Eu não saberia exprimir o golpe que essas cinco palavras me causaram; pareceu-me que, de súbito, ela me escapava, que aquêles entezinhos cavavam com suas débeis mãos, entre mim e ela, um fôsso intransponivel. Como! tinha filhos, e eu de nada sabia! Não pude conter êste grito brutal!

— Tem filhos!

— Sem dúvida, — disse ela tranqüilamente. — Êles foram ver a madrinha, esta manhã, a duas léguas daqui... Permita-me que lhos apresente: senhor Luciano, senhorita Margarida.

Os pequenos sorriam-me. Eu devia estar com um ar apalermado. Não, não me podia conformar com a idéia dela ser mãe. Isso transtornava tôdas as minhas idéias. Parti, com a cabeça zumbindo e ainda agora não sei o que pensar. Vejo Luisa sob a ramada de ipoméias, e vejo-a beijando os cabelos de Luciano e de Margarida. Decididamente, essas parisienses são por demais complicadas para um provinciano de minha espécie. Preciso dormir. Amanhã procurarei compreender.

V

Isto é o desfecho da aventura. Oh! que lição! Mas procuremos contar as coisas friamente.

Domingo, o sr. Neigeon foi eleito conselheiro geral. Após a apuração do escrutinio, ficou evidente que, sem nosso apoio, teria sido derrotado. Meu pai, que viu o sr. Neigeon, deu-me a entender que um homem tão absolutamente mediocre não seria de recear; aliás, tratava-se de derrotar o candidato radical. À noite, após o jantar, o velho homem despertou em meu pai, e êle contentou-se em me dizer:

— Tudo isso não é muito direito. Mas todos me disseram que eu trabalhava para ti... Enfim,

(Cont. da pág. 44)

Da mocidade ás portas da velhice...

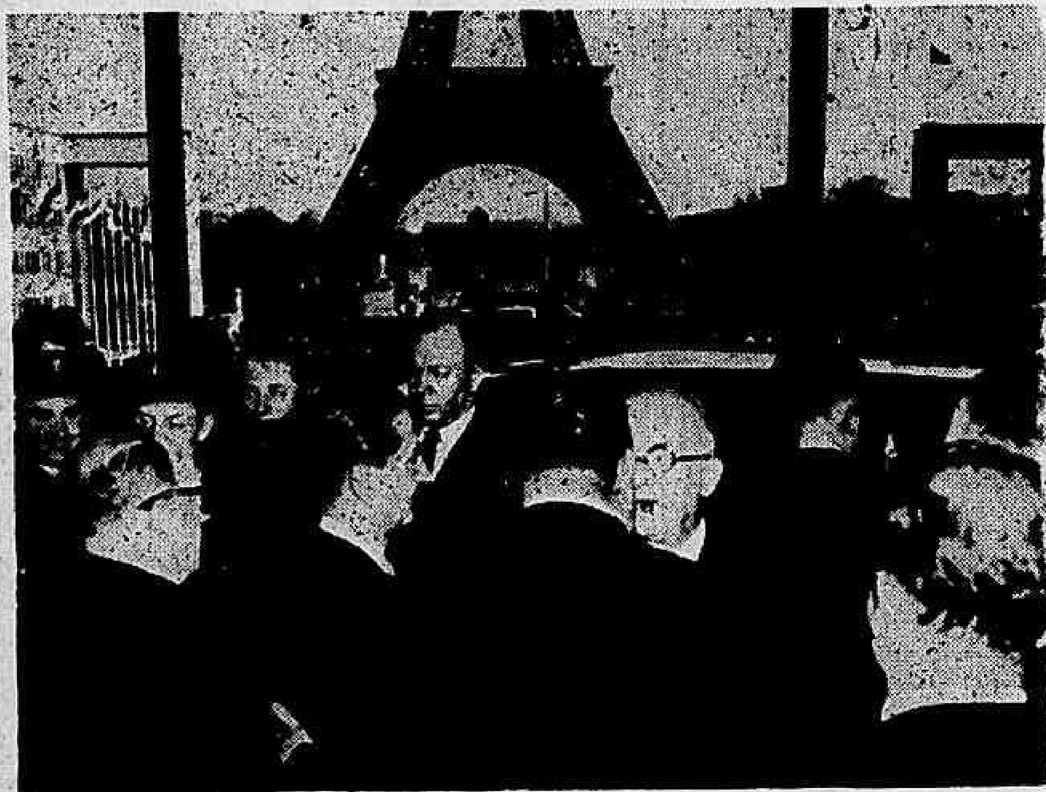
A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher até os 50, quando atravessa a chamada idade critica os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vêzes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuraveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês, muitos dias que lhe são verdadeiros espantalhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por êsses males. Não permita que êles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes — o Nº 1 e o Nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes das enfermidades, é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier Nº 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuidas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas conseqüências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O Regulador Xavier assegura, para a mulher, desde a mocidade até às portas da velhice, a saúde que é a chave e o segrêdo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar!



ADORMECIDA NO BOSQUE — A menina Leslie Olson, de cinco anos de idade, saiu de casa e se perdeu no mato. Sua família quase enlouqueceu de agonia, e muitas suposições já se estavam fazendo, dando-a como morta. Duzentas pessoas foram empregadas em sua descoberta, quando foi a mesma encontrada a quatro quilômetros de sua residência, por um guarda florestal. Êle a viu dormindo no bosque, exausta de cansaço e a levou para a casa de seus pais. Não se pode imaginar a sensação de alegria que sua família sentiu ao ver a criança voltar. Tudo isso aconteceu em Malboro, no Estado de Massachussetts, Estados Unidos.



UM ESTADO DENTRO DE OUTRO — A instalação da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, em Paris, êste ano, trouxe uma grande curiosidade internacional: a França renunciou à soberania de uma área superior a 25 mil metros quadrados, para a construção da Cidade Internacional da ONU, em Paris. E aqui vemos um flagrante do movimento de personagens da mais elevada categoria mundial, a conversar animadamente, todos a gozar do direito de extra-territorialidade. Mas o policiamento é severo e constante, fazendo-se representar tôdas as sessenta nações que integram a famosa Sociedade.

TUDO IST

Datas de agitaçã



ATÉ pouco tempo, a data máxima para agitações proletárias era a de 1º de maio, em memória dos mortos de Chicago, nos Estados Unidos. O proletariado do mundo inteiro fazia (e ainda faz) passeatas, organizava manifestações de rua, desfilava com estandartes e bandas de música, além de outras solenidades em recintos fechados, em clubes, cooperativas e sindicatos. Sòmente nos países sob regime ditatorial o 1º de Maio não é comemorado como nos de organização democrática. Em tais dias, a polícia se mobiliza e fica à espreita, disposta a intervir em casos de perturbação da ordem pública. Como é natural, em dias de tais agitações sociais muitos distúrbios ocorrem, resultando, por vêzes, mortes e ferimentos entre os manifestantes. Mas, para compensar os apuros dos primeiros de maio de cada ano, havia o dia de Natal, quando todos os elementos sociais se curvavam diante de um presépio armado em seus lares e ali, diante do quadro que a cristandade celebrizou, festejavam o nascimento de Cristo. Mas o mundo avança pelos mais variados caminhos, muitos dêles surpreendendo a pobre Humanidade. E, de uma data feliz, de contrição e contemplações quase divinas, o 25 de dezembro passou a ser dia para motivar meses e meses de agitação social, antes e depois de sua chegada. Vejam os leitores o que ocorreu, por exemplo, êste ano, em nosso país. Além de muitas outras intranquilidades explodiu a greve das minas de carvão de Butiá, no Rio Grande do Sul, motivada pelo abono de Natal pedido pelos trabalhadores. Mas, infelizmente, tudo degenerou em conflito com a polícia, resultando mortos e feridos. Natal de angústias.

"Balança mais não cai"



OS últimos dias de dezembro de 1951 tiveram em Belo Horizonte um desfecho dos mais inesperados. Uma Companhia de Revistas, com sede no Rio, contratada para exibir-se na capital mineira, depois de para ali transportar-se com armas e bagagens, se viu proibida de levar ao palco suas peças. A estréia seria com a revista "Balança mas não cai", tida por muitos freqüentadores dessa espécie de teatro, como das mais divertidas e... apimentadas. O êxito no Rio foi completo, cidade de dois e meio milhões de habitantes, contando com população das mais diversas espécies de gôsto. Mas, como não pode deixar de ser, Belo Horizonte é ainda uma cidade com certos recatos de cidade sertaneja. Não possuindo teatro de variedades, conta apenas com cinemas para suas horas de folga. O grande Teatro Municipal, que fôra iniciado ao tempo do Sr. Valadares, lá está interrompido, com alicerces e algumas paredes, no meio do mato, num recanto do formoso Parque da Cidade, no centro da capital mineira. O Sr. Otacílio Negrão de Lima, procurando atenuar a pobreza de Belo Horizonte a êsse respeito, mandou erguer no mesmo Parque um teatro provisório, mas com capacidade para corresponder às necessidades mais exigentes em matéria de Arte. Ali se tem levado temporada de óperas e concertos artísticos, cantos corais, etc. Era ali que "Balança mas não cai" iria à cena em fins do ano velho. Mas os católicos de Minas protestaram, pedindo a intervenção do arcebispo e o Chefe de Polícia barrou a Companhia de revistas. E tudo voltou para o Rio, balançando e... caindo. Coercitivamente não ficou provada a sensibilidade moral de Belo Horizonte. Sòmente com a ausência do povo nas bilheterias se saberia, verdadeiramente, do sentimento da sociedade.

Os americanos no Japã



COM o recente tratado de paz celebrado entre os Estados Unidos e o Japão, estão as autoridades norte-americanas empenhadas, com unhas e dentes, no trabalho de retirar do espírito nacional nipônico qualquer eiva de maldosas interpretações que venham a cimentar hostilidades criadas pela última guerra e pelo período de ocupação ianque em terras nipônicas. Além de muitos meios já postos em prática, publicou o general Ridgway uma brochura destinada aos seus patrícios ora no Japão, com o fim especialíssimo de obter dos mesmos a maior dose de cordialidade para com os amarelos. O livro se intitula: "Japão, amigo e aliado". O livro passa então a dar conselhos aos norte-americanos para que abandonem o sentimento de superioridade a respeito dos japonêses e adotem seus usos e costumes. Para tanto, devem abster-se de ofuscar os japonêses pela ostentação de riquezas, bem como as norte-americanas deverão deixar de andar de "shorts" pelas ruas de Tóquio. Não há dúvida que o general Ridgway está com a razão. Nada mais antipático para um povo vencido do que ver em cada vencedor um indivíduo "ocupante" e "senhor" da terra derrotada. Há, porém, na História, vários casos interessantes, em que ao invés de o vencido ser absorvido pelos vencedores, são êstes que são envolvidos pelos derrotados. Não cremos, porém, que os norte-americanos, de ambos os sexos troquem seus hábitos e usos pelos usos e costumes nipônicos. Por maior que seja o desejo de serem gentis, o norte-americano não poderá comer de pauzinhos, nem as "girls" andarão de quimono nas ruas

ACONTECEU

Vomitando, não!



CASO dos mais interessantes, como motivo jurídico, foi êsse do prêso Antônio Rochin, condenado pelo Tribunal de Justiça de Los Angeles. Rochin fôra prêso como traficante de entorpecentes. No instante em que a polícia deitava mão à sua gola, o detido, para livrar-se do flagrante, engoliu duas cápsulas com a droga ilegal. Os policiais, indignados com a ligeireza do meliante, perguntaram-lhe o que continha as pílulas, mas o prêso se negou a dizer o que era aquilo. Os agentes da lei insistiram com êle para que confessasse que havia engolido cápsulas de morfina; mas o detido se negou terminantemente a fazer qualquer declaração confirmativa. Então os policiais o levaram a um hospital de Los Angeles e, ali, apresentando-o a um dos médicos, pediram que fôsse extraída do estômago do prêso a "prova do crime". O médico ainda relutou em obedecer às ordens; mas, diante da exigência da fôrça, o facultativo não teve outro jeito que não o de forçar vômitos no paciente e êste expelir o que havia engolido. Com as provas do crime, a polícia encaminhou à justiça o processo de flagrante, seguindo a coisa o ritmo normal. O prêso, porém, recorreu à Côrte Suprema procurando derrubar o flagrante. Os Juízes do Supremo Tribunal em Washington, estudando calmamente os autos, deram a seguinte decisão: "A Constituição Americana proíbe a extração pela fôrça do que está no espírito de um homem; dessa maneira, também não se pode cogitar de extrair pela fôrça o que está no seu estômago". E a apelação lhe foi concedida, firmando-se jurisprudência. Agora, os nossos bicheiros têm boa analogia...

Foram morar na cadeia



TUDO é possível nesta vida. O leitor talvez não acredite no que vamos narrar; mas, segundo colhemos num jornal do nordeste, o fato se passou em Duas Barras, Estado do Rio. No fim do ano passado, aí pelo dia 26 de dezembro, o carcereiro da cadeia pública daquela localidade foi morar no edifício da detenção. E' casado e tem filhos menores. O motivo alegado é muito simples: não ganha o suficiente para pagar aluguéis e, mesmo que ganhasse bastante para dar-se a êsse luxo, não encontraria uma casinha para alugar. Ora, êle é o carcereiro do xadrez de Duas Barras. Não haveria lugar mais apropriado para o exercício de suas funções do que a própria cadeia pública. Pensando assim, o cidadão carcereiro levou a espôsa e os filhos pequeninos para o edifício da detenção local. Instalados todos lá, dispôs dos cacarecos e respirou: "Até numa cadeia um homem honesto poderá ser feliz". Mas o delegado de Duas Barras não aprovou o ato público e notório do carcereiro e foi até a sua residência preveni-lo de que deveria sair imediatamente com a família e os "terens" para outro lugar, pois aquilo era um próprio estadual e não fôra construído para fazer as vêzes de albergue e sim de cadeia pública. Mas o carcereiro fêz fincapé: "Daqui não saio, daqui ninguém me tira", e ficou mesmo. O delegado recorreu então aos meios judiciários e uma ação de despejo já foi concedida pelo Juiz respectivo. Tôda a população de Duas Barras está interessada no episódio, que bem reflete a crise de tetos.

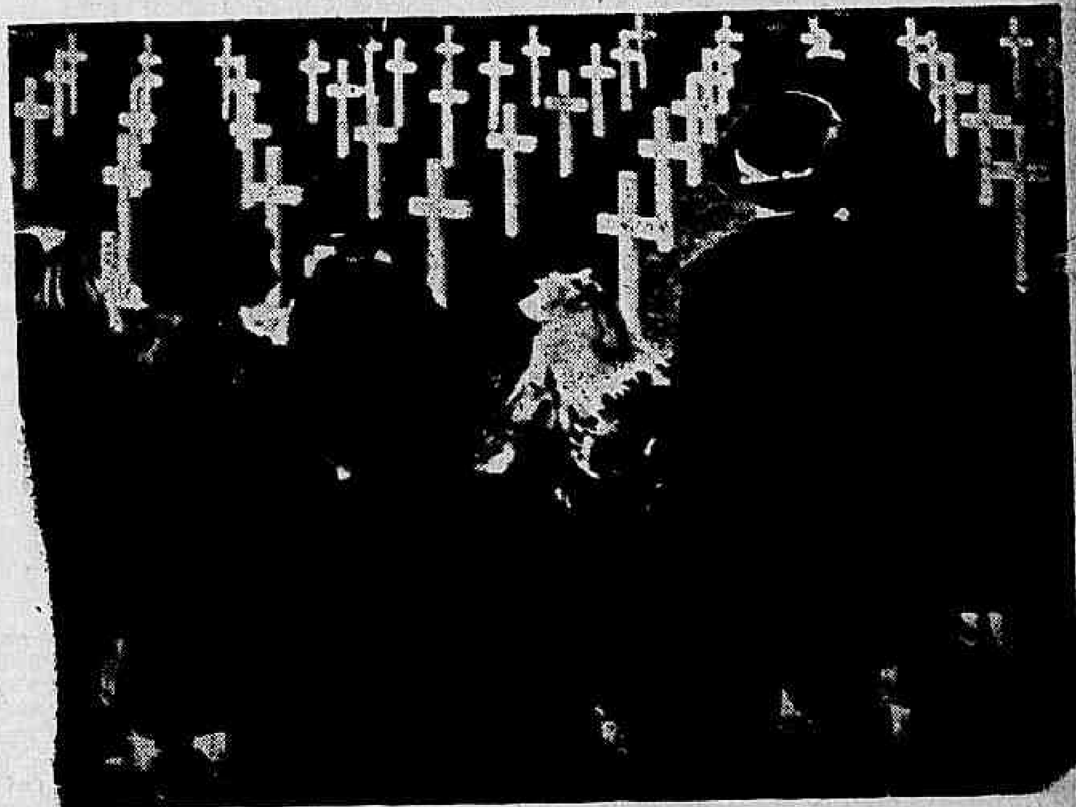
Galinhas porcas



UMA correspondência telegráfica de uma agência norte-americana para a imprensa do Rio nos dá esta notícia surpreendente: para que as galinhas redobrem de fertilidade, não basta que estejam em boa harmonia com os senhores galos. O principal é que os galinheiros estejam normalmente sujos. Nada de limpezas e higienes em tais sítios. Quem nos dá esta lição de avicultura? Os Srs. D. C. Kennard e V. D. Chamberlin, ambos técnicos e professôres da Escola Experimental Agrícola do Estado de Ohio. Êsses dois estudiosos e experimentalistas em matéria de produção de ovos, iniciaram experiências sôbre a influência dos vários tipos de alimentação na fertilidade dos ovos já durante a última grande guerra, quando não podiam nomear seus auxiliares para o aviário, uma vez que os braços dos homens novos e válidos estavam sendo aproveitados pelas fôrças armadas de Tio Sam. Em face da impossibilidade de admitir gente suficiente para a limpeza dos galinheiros, foram essas instalações galináceas ficando sem a devida limpeza diária, como sucedia quando havia auxiliares bastantes para tanto. Êsse aspecto de pouca higiene, entretanto, provocou a mais estranha surprêsa aos dois técnicos. Com grande espanto verificaram que as galinhas se desenvolviam melhor e produziam mais assim naquela sujeira. E passaram a estudar o motivo, que foi êste: os dejetos galináceos, ao secarem sofrem uma transformação química produzindo amoníaco, que mata os parasitos das penosas. Portanto, a Natureza sabe o que faz.



MISSA SÔBRE AS ÁGUAS — Aqui temos uma visão do que foram as últimas chuvas e grandes enchentes na alta Itália. A igreja da paróquia de Spessa Po, província de Pavia, foi invadida pela torrente barrenta causada pelos temporais que, durante uma semana inteira, e sem parar, caiu sôbre aquela região italiana. Os ofícios religiosos não deixaram de ser executados, e os crentes se ajoelhavam diante do altar, como se estivessem orando em pleno dilúvio de Noé, pedindo a vinda do sol. E Deus os ouviu, fazendo estancar as cataratas do céu e dando à Itália as esperanças trazidas nas côres do Arco Íris.



O QUE RESTA DA GUERRA — A invasão das fôrças aliadas para esmagar a Alemanha, se deu pelas praias normandas, numa madrugada que empolgou o mundo. Milhares de aviões, milhares de soldados despejados em pàraquedas e desembarcados à beira-mar, deram resposta aos exércitos de Hitler e libertaram a França. Mas, naquelas praias amenas, ficaram milhares de corpos sepultados em covas marcadas pelas cruzes brancas da paz eterna. Muitos corpos foram repatriados, restando apenas as cinzas como símbolos daqueles que deram a vida pela libertação do mundo das garras do nazismo. Eis aqui um exemplo.



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

BOAS FESTAS

Recebemos, agradecemos e retribuímos as mensagens de Feliz Ano Novo recebidas de:

Metais Madureira Ltda. — Confederação Nacional do Comércio — Eugênio Morato (Belo Horizonte) — Revista do Rádio — Benedito Gonçalves (Passo-Minas) — Lorilleux S.A. (Tintas) — Bunkley Dunton Paper Cº — Dr. Caio Miranda, diretor da Agência Nacional — Alvino Andrade (Pitangueiras, Minas) — Distribuidora de Publicações Ltda. (Recife, Pernambuco) — Parsons & Whittemore — Máquinas Industriais S.A. — Carlos W. Aliseris — Mala Real Inglêsa — Gráficos Bloch S.A. — Arnaldo B. Marchetti — Importadora Bedrich Adler Ltda. — Chimica-Bayer Ltda.

ASSIM SE GANHA...

(Cont. da pág. 50)

mas bate na barreira e perde a direção do "goal"... Mais algumas jogadas e o juiz trila o apito dando o jogo por encerrado. Reclamam os tricolores a falta de quatro minutos. E' que o árbitro espanhol não descontara diversos minutos de interrupção. O apitador espanhol deixa o campo sob a proteção da polícia, o centro-avante do Fluminense, Carlyle, corre em direção a êle, para interpelá-lo, no que é obstado pelos policiais, e o juiz desce no túnel do seu vestiário. O time do Bangu lança o "hurrah" da vitória, e os seus defensores vão sendo engolidos pela gruta que dá acesso ao seu vestiário. Entram alegres, satisfeitos com a grande vitória. Os tricolores vão também entrando no outro túnel, tristes, cabisbaixos, desolados com a derrota, revés que lhes roubou naquela tarde a possibilidade de serem proclamados campeões de 51.

Iniciava-se o drama dos vestiários. O repórter desceu, às pressas, as escadarias que dão acesso aos subterrâneos do Estádio Municipal, onde estão localizados os vestiários. O cartão de trânsito livre na mão é um autêntico "abre-te sésamo". Era preciso sentirmos de perto a alegria e a dor. O vestiário é o desabafo do triunfo e da derrota.

No vestiário do Bangu dezenas de repórteres fotográficos colhiam de todos os ângulos chapas dos jogadores que deram o triunfo ao clube do subúrbio. "Flashes" relampagueavam, poderosas lâmpadas iluminavam o ambiente para as filmagens. Depressa, um médico, — grita um torcedor — o Rafanelli está-se sentindo mal... O zagueiro argentino não resistira ao cansaço e à emoção — e estava tonto. O técnico Ondino Viera, sempre reservado, estava eufórico, radiante porque conquistara uma bela vitória contra o seu ex-clube. Abraçava todos os jogadores, no auge do entusiasmo, êle que sempre mantever uma hierarquia disciplinar com os seus pupilos. Depois apareceu no vestiário o patrono do Bangu, Guilherme da Silveira, com a camisa completamente molhada, como se tivesse jogado os 90 minutos, com a voz rouca de tanto torcer, e fêz questão de abraçar o herói da façanha, um crioulinho que fêz sucesso no selecionado juvenil do Estado do Rio, e que veio de Campos para o time do Bangu. Vermelho, um nome que é um verdadeiro contraste com a escuridão de sua pele, e que fêz sucesso na Europa durante a excursão do clube suburbano, não chegava para os abraços. Os cumprimentos o deixaram mais cansado que a corrida dos 90 minutos.

Vermelho é apelido, o seu nome de batismo é Hélio Fraga de Oliveira, nasceu em Campos, a 6 de setembro de 1931, tem portanto 20 anos. Êle mesmo conta como marcou o "goal": — "Quando Zizinho me passou a bola dentro da área tive a certeza de que a mandaria às rêdes de Castilho. Estourei de contente. Para mim o jôgo deveria terminar naquela hora Eu sempre acreditei na vitória do Bangu."

Deixamos aquêle ambiente de barulho ensurdecedor, de alegria transbordante, e nos dirigimos para o outro túnel. O ar se tornava pesado e quando entramos no vestiário do Fluminense parecia que entrávamos num cemitério. Silêncio, silêncio sepulcral. Ambiente de derrota. Na entrada, um fotógrafo nos disse que iríamos encontrar o mesmo ambiente do vestiário do selecionado do Brasil, logo após a perda da Copa do Mundo, naqueles 2x1 contra o Uruguai.

Todos de cabeça baixa, semblantes tristes, como se estivessem velando um ente querido. Aqui e ali os repórteres fotográficos ousavam queimar um "flash", como que não querendo aumentar a dor, a dor esportiva de perder uma "chance" para conquistar. Como em 16 de Julho de 1950, bastava um empate para o Brasil sagrar-se campeão e o Fluminense não conseguiu nem êste mínimo.

O técnico Zezé Moreira era o reflexo do estado de espírito dos seus comandados, e exclama: — "Isto é do futebol... Estivemos numa tarde infeliz... e o juiz também."

O goleiro Castilho, num canto, lamentava-se da bola que deixara passar, alegando que Vermelho chutara errado, porque se chutasse certo êle defenderia.

Benicio Ferreira Filho, diretor de futebol, era o único que naquela atmosfera pesada ainda conservava o seu clássico "bom-humor", e dizia: "O Fluminense ainda não perdeu a última batalha, p'ra que tristeza. O campeonato ainda não está perdido..."

A um canto, encostado na parede um jogador ocultava o rosto com a mão e chorava a perda daqueles dois pontos preciosos. Era o novato Telê, extrema-direita que não pôde deixar de traduzir a amargura que lhe ia no coração, de não poder sagrar-se campeão naquele dia, justamente agora que inicia a sua carreira de profissional. As lágrimas deslizavam pelo seu rosto; era o profissional com alma de amador.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. - Cartas Avenida Rio Branco. 117 - sala 305, para remessa do programa

Correio da Revista

L.B. — Rio — Não foi possível publicar seu conto. A linguagem não está de acôrdo com as normas desta REVISTA.

C.P. de L. — S. Paulo — Os contos demoram por falta de mais espaço. Entretanto, tenha fé, que «seu dia chegará».

Dr. ANTÔNIO GONÇALVES — Presidente Prudente — S. Paulo — Recebemos seu cartão. Remetemos o que nos pediu. Lamentando o ocorrido, informamos que o amigo nada tem a pagar.

JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES — Rio — Aquêle seu conto foi aprovado e entregue aos ilustradores. Se, por acaso, houve extravio, já não é culpa nossa.

MARIO PIRES — Colégio Estadual — Mogi Mirim — São Paulo — Infelizmente não podemos atender ao seu pedido. São assuntos muito antigos.

JOSÉ MARIA SENNA — B. Horizonte — Vamos examinar os seus dois contos e, em tempo, daremos uma resposta.

H. de M.G. — Salvador — Bahia — Não escreva em ambos os lados do papel. Outra coisa: melhore o seu estilo. O gênero conto literário não é o mesmo que relatório de escrivão de polícia. Os temas de aventuras policiais devem conter surprêsas e muita vivacidade.



A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1, e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ [illegible]

A FUNDAÇÃO LEÃO XIII

E O CENTRO DE AÇÃO SOCIAL SÃO JOSÉ, DA GÁVEA

UM trabalho digno dos maiores encômios, pelos seus aspectos humanitários e moral, é, sem dúvida alguma, o que vem desenvolvendo a Fundação Leão XIII no tocante a assistência social aos habitantes dos morros e favelas, que, infelizmente, são em grande número e bastante populosos.

Com efeito, tomando-se em conta os inúmeros problemas de tôda ordem que surgem a cada instante com referência à vida precária dos moradores dos morros e favelas, problemas êsses na maior parte das vêzes complexos e de difícil solução, é bem fácil avaliar-se a extensão da responsabilidade que a Fundação Leão XIII tomou a seu encargo e que, graças aos ingentes esforços de quantos a ela se dedicam, sem desfalecimentos e sem intenções outras que não sejam a de bem servir aos necessitados, vem executando, sem alarde e sem desânimo, o programa que se traçou, todo êle pontilhado de renúncias e altruísmo.

A principal função da Fundação junto às populações desajustadas dos morros é a de assistência à família, célula-base de uma sociedade, orientando-a a fim de que cada indivíduo tenha a educação mínima indispensável à luta pela conquista de uma vida melhor. E' o trabalho de recuperação do indivíduo fadado a viver sob os mais perigosos complexos, capazes de torná-lo um rebelde, um tarado ou um criminoso, isto é, num indivíduo sem utilidade para a sociedade ou para a Nação.

Para melhor desenvolver suas atividades, conta a Fundação com seis centros de ação social e duas agências espalhadas pelos mais populosos morros e favelas, mantendo em cada um dêsses centros e agências um serviço adequado de acôrdo com as necessidades peculiares da comunidade. Geralmente, o ponto básico de cada centro para o desenvolvimento dos seus trabalhos é o de assistência educacional.

Para exemplificar, vamos citar nesta reportagem o quanto tem feito o Centro de Ação Social S. José, na Gávea, cuja responsabilidade foi entregue à Fundação Leão XIII em 19 de março de 1949. Compreende o Centro, os serviços Social e de Saúde. O Serviço Social se divide por diversos setores, como: Serviço Social de Casos Individuais, Serviço Social de Grupos, Serviço Social de Organização de Comunidade, Ensino Primário, Profissional e Religioso, Recreação e Esportes, Assistência Jurídica e Associações de Luz. Por outro lado, o Serviço de Saúde também compreende diversos setores como: Farmácia, Lactário, Ambulatório Pré-Natal, Ambulatório de Higiene Infantil, Ambulatório Policlínico e Gabinete Dentário. Para êsses diversos setores de atividade no Centro de Ação Social São José já se matricularam 5.250 pessoas.

Dispõe ainda o Centro de Ação Social São José de um grupo de visitadores que orienta a 1.317 famílias e uma escola primária com a freqüência de 205 crianças.

Descrever o que tem feito a Fundação Leão XIII, e, particularmente, o Centro de Ação Social São José, que funciona à Estrada da Gávea, 443, seria ocupar páginas e páginas. Mas deixamos aí nessas poucas linhas a impressão que tivemos dessa entidade que pugna pela extinção progressiva das favelas envidando todos os meios ao seu alcance para reabilitar as populações desamparadas dos morros do Distrito Federal, mediante o estabelecimento de uma rêde de Centros de Ação Social capazes de prestar assistência integral às modestas famílias faveladas.

As fotos que ilustram esta página foram feitas por ocasião das festas que o Centro de Ação Social São José, comemorando o Natal de 1951, ofereceu às crianças da «Rocinha».



A árvore de Natal da «Rocinha».



Grupo de amigos e funcionários do Centro de Ação Social São José.



O time de «Voley» organizado pelo Serviço de Recreação e Esporte da Ação Social São José.

FORA DA TELA



Lana Turner e Fernando Lamas na «premiére» de «Um Americano em Paris». Divorciada de Artie Shaw, Stephen Crane e Bob Topping, a «estrêla» da Metro, segundo rumores correntes em Hollywood, estaria na iminência de contrair um quarto matrimônio, desta vez com o jovem ator argentino.



Marlene e sua filha adotiva Maria, quando esta completava oito anos [illegible]. Em baixo, Maria na sua mais recente foto, agora casada com um jovem [illegible] americano de que possui dois filhos. Enquanto Marlene entra na [illegible] sua filha adotiva faz-se muito popular na televisão.



Em sua recente viagem à Itália, Esther Williams adotou êsse garôto, Giuseppe Sebastianelli, de oito anos, quando o conheceu em Gênova. Giuseppe é órfão de pai e mãe, vítima dos bombardeios da última guerra. Aqui o vemos, esboçando um sorriso para o retrato de sua protetora, já em Hollywood.



Paul Douglas e sua quinta espôsa, Jan Sterling, acompanhados de Maggie, [illegible] hoje conta oito anos, filha do quarto matrimônio de Douglas com Virginia [illegible]. O casal e a garotinha vivem numa bonita casa em Beverly Hills e vem de [illegible] lizar uma viagem de recreio pelos países do Velho Mundo.

HOLLYWOOD, janeiro. — Via aé[rea] — (Por JANE GRACIE) —

NÃO sei como terá sido recebido pelas platéias brasileiras o novo astro argentino, Fernando Lamas que está sob contrato na Metro. Talvez não venha a ser o grande ator que se esperava, mas na Argentina há razões para o apreciar. E em Hollywood Fernando Lamas está dando a nota, com o esbôço de seu romance com Lana Turner... Murmura-se que êle será o quarto marido da fascinante estrêla. Os anteriores foram, como é sabido, o chefe de orquestra Artie Shaw, o ator Stephen Crane, o industrial Topping — e agora, pelo que se espalha, Lana Turner virá a ser madame Fernando Lamas. Se o matrimônio se realizar, a viagem de núpcias será feita a Buenos Aires, e é fácil de imaginar a recepção que os portenhos vão dispensar ao jovem par! Mas acontece que muitas vêzes tudo isso não passa de um «flirt» sem maiores conseqüências. O fato de uma atriz ser vista com freqüência em «night-clubs» na companhia de um determinado ator, pode não ser o indício de existir um romance entre ambos. Será Fernando Lamas o próximo marido de Lana Tuner? As bisbilhotices desta cidade mexeriqueira dizem que sim, ela se faz acompanhar do elegante sul-americano, orgulhosa, feliz, pendurada no seu braço. E dizem que já ganhou um cavalo de corridas, adquirido por Lamas no seu país natal...

★

Lembram-se de Maria, aquela garotinha bonita, filha adotiva de Marlene Dietrich? Nunca mais se falou nela e também não se falou muito de Marlene, cuja volta ao cinema, de longe em longe, não a tem recomendado. Pois saibam os leitores da REVISTA, que Maria está hoje fazendo uma bonita carreira na televisão, cantando e representando. E' uma graciosa jovem, de olhos muito meigos e — o que constitui uma nota curiosa — muito parecida com sua mãe adotiva. Maria está casada com um jovem escritor de argumentos, tem dois filhinhos, cada qual mais interessante, e até hoje não experimentou cinema. Ou melhor, fêz uma tentativa que não deu muito certo.

★

Esther Williams tem um garôto, um filho adotivo, à maneira do que fêz Marlene nos seus tempos de grande evidência cinematogrfica. Visitando Gênova, a «estrêla» de natação simpatizou com o jovem Giuseppe Sebastianelli, de oito anos de idade, uma criança que conheceu, na mais tenra idade, os horrores de um bombardeio. E em conseqüncia da guerra, perdeu pai e mãe. Aqui está agora ao lado de sua bela protetora e mãezinha adotiva, Esther Williams. Parece que Giuseppe vai aparecer num próximo filme de Williams, na qualidade de um garôto italiano que chega à América como um exilado da guerra. Mais ou menos o que lhe aconteceu na realidade, embora o filme não aponte Esther Williams como a protetora da criança que em meio a tanta desgraça, acabou sendo feliz. Tão feliz quanto o pode ser um órfão dos bombardeios de Gênova...

(Cont. na pág. 50)





Como o tempo muda! Ou melhor, como faz mudar as pessoas! Aqui estão duas fotografias de Adolphe Menjou, ator que foi considerado em outros tempos o homem mais elegante de Hollywood e ainda sabendo vestir-se. À esquerda, Menjou dos bons tempos e à direita, uma de suas mais recentes poses. O artista está com sessenta e dois anos. Conservadote, não?

Sabu, que vem de completar vinte e sete anos, filma neste momento em Roma, com Vittorio Di Sica, «Bom dia, elefante!», sob a direção de Franciolini. O filme conta a história de um príncipe indiano caçador de elefantes, tema que já serviu para outra película de Sabu, «O Menino e o Elefante». Êle estêve no Brasil, anos atrás, filmando com Bibi Ferreira.



A REVISTA Há 50 Anos

(Domingo, 19 de janeiro de 1902)



NA RUA

— Que confiança é essa, cavalheiro? Vir, assim, sem mais nem menos, «atracando» uma senhora indefesa...

— Perdão, mas eu me explico: uma moça bonita, de chapéu «canoa», é natural «qu'atraia»...

(Charge de RAUL)

BATERIA GENERAL MALLET

No dia 27 de dezembro realizou-se, na Fortaleza de S. João, a inauguração da bateria Mallet, composta de quatro canhões Krupp 15, dominando a entrada da barra. A bateria foi construida por praças do 6º Batalhão de Artilharia, sob a direção dos capitães Confúcio e do coronel Marques Pôrto. Assistiram à inauguração o Presidente da República, Ministro da Guerra e autoridades militares. Nesse dia realizou-se também a experiência oficial do Telômetro de depressão, do capitão Mário Neto, para cálculo de distâncias, para o efeito das pontarias.

OS TEATROS

Espinhosa a missão do cronista teatral nesta terra: por mais que procure assuntos e novidades para relatar aos seus leitores, não as encontra. O mais que se pode fazer é contar o melhor possivel o que se passa pelos dois únicos teatros que atualmente estão funcionando. No Lucinda, depois do brilhante sucesso obtido com «O Príncipe da Bulgária», a «troupe» Cinira Polônio deu-nos a première do vaudeville em 4 atos, o último trabalho de Moreira Sampaio, «O Deputado de Saias», do qual diremos algo na próxima crônica; a seguir, promete a gentil empresária apresentar «Quase!...», vaudeville em 3 atos, tradução de Artur Azevedo. No Recreio, a companhia Dias Braga continua a respingar no seu apreciado e vasto repertório: agora fêz uma reprise da peça «Naufrágio da fragata Medusa», cujos cenários foram reformados, agradando muito; só depois do Carnaval teremos neste teatro a première de «Quo Vadis?».

Inaugurou-se o teatro do Parque Fluminense, boa casa para espetáculos que alia as maiores comodidades ao luxo do mais exigente. No novo teatro dá alguns espetáculos a companhia Cinira Polônio. Reformando constantemente os respectivos artistas de variedades, continuam a merecer a maior concorrência o Cassino Nacional, o Guarda-Velha, o High-Life e o Passeio Público. E... mais nada. — P.

FALECIMENTO

O telégrafo em seu terrível laconismo, trouxe quarta-feira última, a triste notícia da trágica morte, em Lisboa, do ilustre militar português Mousinho de Albuquerque. Ao ler tal notícia certamente não houve quem não sentisse profundamente o fim do herói de Chaimite. Moço ainda, fadado para os mais altos destinos, Mousinho encarnava em si os lendários heróis portuguêses, aquêles cujos gloriosos feitos Camões decantou. Era atualmente preceptor dos príncipes de Portugal e particular estima consagravam-lhe El-Rei e a Rainha D. Amélia. Excepcionais honras vão ser prestadas ao herói-soldado, cuja morte não sòmente é chorada em Portugal inteiro, como também aqui e em tôda a parte onde pulsar um coração luso.

CRÔNICA

Tenho notado ùltimamente no Rio de Janeiro um certo carinho por tudo quanto se relaciona com o bem-estar e a alegria da petizada. A cruzada dos corações femininos em prol das mais lindas flores dêste jardim, onde rasteja muita erva daninha, está interessando o indígena mais do que era lícito supor da sua indiferença ou apatia. Da náusea e do cansaço de tanta depravação surge, ao que parece, um movimento de recuo para o berço e para a infância, para essas coisas inocentes de que andávamos apartados, há não sei quanto tempo. Terá, afinal, a bondade a sua hora? Chegaria o momento de rever o processo da virtude e reabilitá-lo solenemente?... Já não seria sem tempo. A exploração da miséria moral deu o que tinha a dar. Está dissecada, decomposta, diluida, analisada. A bibliografia esgotou os assuntos perversos. Nem sequer a pornografia descobre formas novas de atrair o freguês. Tudo banal, tudo sediço, tudo explorado. Não valeria a pena tentar a experiência do bem, quando mais não fôsse senão para variar de passadio? Quem sabe se não pegaria? Não há reprises que valem por muitas peças novas?... Em todo o caso, êste interêsse pela infância já é meio caminho andado. Ao contato da alma infantil não há maldade que se não suavise. O coração mais duro, o caráter mais rude, o temperamento mais insensível curvam-se, sem dar por isso, à sedução dêsses tiranetes, cujos louros cabelos têm anéis mais fortes que os mais fortes grilhões. Êsse convivio constitui uma verdadeira terapêutica social, talvez a única para os casos desesperados. E não é a infância o recurso que nos resta para fazer face ao fenômeno de desagregação da nacionalidade brasileira, fenômeno que só é contestado pelos cegos de entendimento ou pelos que obstinadamente se recusam a admitir o que todos vemos, sentimos e apalpamos? Que será do Brasil de amanhã se em seu auxílio não voar uma plêiade de conscritos, educada na religião do civismo, na consciência da integridade pátria, no culto da probidade e do cumprimento austero do dever?... Os homens em quem acreditávamos mentiram completamente às nossas esperanças, abalaram a nossa fé, desiludiram a nossa confiança. Precisamos de gente nova, sòlidamente preparada para restaurar os ideais perdidos de pátria e família. O viveiro aí está; é a infância; é a geração que apenas desabrocha; é êsse roseiral em botão cuja cultura começa a preocupar-nos. Nunca, pois, será excessivo o auxílio prestado pelo público à Associação das Crianças Brasileiras, ao Instituto de Proteção à Infância, ao Colomy-Club e a tantas outras instituições similares que se esforçam por manter intata essa reserva de energias, êsse núcleo de futuros cooperadores na obra sacrossanta da redenção nacional. E para elas pede o modesto cronista da REVISTA DA SEMANA tôda a proteção das suas gentilíssimas leitoras.

JACQUES BONHOMME

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 3 ★ 19-1-5

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MOD

A decana das revistas nacionais. Premiada com m dalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Anti pia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 19

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,0
Seis meses	Cr$ 100,0
Registrada — Um ano	Cr$ 230,0
Seis meses	Cr$ 120,0

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,0
Seis meses	Cr$ 180,0

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado C avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salva Bahia. Distribuição e Publicidade em São Pa Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 6 Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da Am rica do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, N York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Po tugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentin "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Air

Tôda correspondência deve ser endereçada ao D retor. O corpo de colaboradores da REVISTA D SEMANA está organizado. Só publicaremos colab ração solicitada pela redação. Não devolvem originais, mesmo quando não publicados. Os trab lhos assinados são de responsabilidade dos autor

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICA

Rua Viscondo de Maranguape, 15 — Rio de Jan

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portar 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

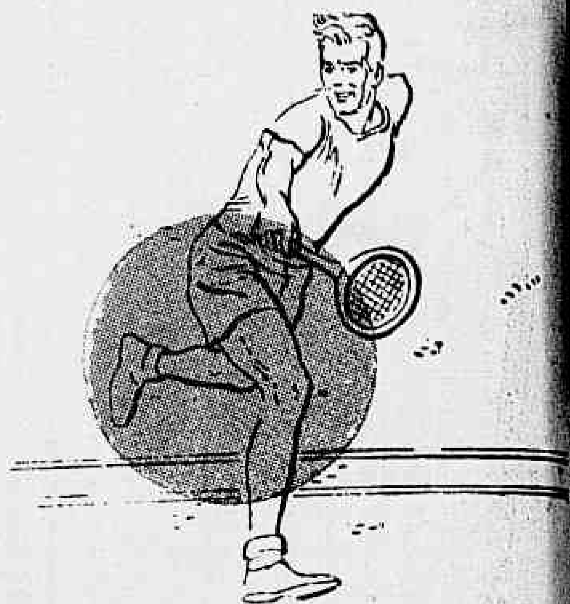


GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



sua recompensa... e nosso orgulho!



UM PRODUTO SOUZA CRUZ